

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

UNIDADE CÁCERES



PROFLETRAS

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
Av. Santos Dumont – Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem
Cidade Universitária – Bairro DNER – CEP 78.200-000 – Cáceres-MT
Tel (65) 3224-1307

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS**

VÂNIA LÚCIA PEREIRA DA SILVA

**A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL: A CARTA DE RECLAMAÇÃO COMO
OBJETO DE ENSINO**

CÁCERES- MT

2015

VÂNIA LÚCIA PEREIRA DA SILVA

**A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL: A CARTA DE RECLAMAÇÃO COMO
OBJETO DE ENSINO**

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. José Leonildo Lima.

CÁCERES- MT

2015

Silva, Vânia Lúcia Pereira da Silva

A Escrita como prática social: a carta de reclamação como objeto de ensino./Vânia Lúcia Pereira da Silva. Cáceres/MT: UNEMAT, 2015. 196f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, 2015.

Orientador: José Leonildo Lima

1. Escrita. 2. Intervenção pedagógica – textos escritos. 3. Produção de textos – prática. 4. Carta argumentativa de reclamação – Ensino Fundamental. 5. Escola Estadual Professora Amélia Oliveira – Rondonópolis/MT. I. Título.

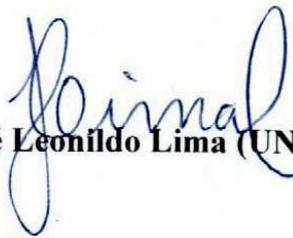
CDU:372.46(817.2)

Ficha catalográfica elaborada por Tereza A. Longo Job CRB1-1252

VÂNIA LÚCIA PEREIRA DA SILVA

**A ESCRITA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL: A CARTA DE RECLAMAÇÃO
COMO OBJETO DE ENSINO**

BANCA EXAMINADORA



Dr. José Leonildo Lima (UNEMAT)



Dra. Maristela Cury Sarian (UNEMAT)



Dr. José Simão da Silva Sobrinho (UFU)

APROVADA EM 20/08/2015

Dedico este trabalho com todo carinho a meu esposo e companheiro Aluizio Azevedo Vilela que sempre me fez acreditar em meus sonhos e que muito trabalhou para que muitos deles se tornassem realidade. A você Aluizio, companheiro no amor, na vida e nos sonhos, que sempre me apoiou nas horas difíceis e compartilhou comigo as alegrias, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Durante esses dois anos só tenho a agradecer a todos os que passaram pelo meu caminho e que com certeza deixaram um pouco de si. Os momentos de alegria me permitiram acreditar na beleza da vida e, os de sofrimento, me conduziram a um crescimento pessoal e profissional. É muito difícil transformar sentimentos em palavras, mas serei eternamente grata a vocês, pessoas imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, nosso ser supremo, pela vida e pela possibilidade de trilhar esse caminho rico de tantas possibilidades de estudo e conhecimento. Em segundo lugar, agradeço ao meu esposo, Aluízio Azevedo Vilela, incondicional companheiro, por toda paciência, compreensão, companheirismo, dedicação, carinho e amor e, por muitas vezes, ter me ajudado a encontrar caminhos quando elesme pareciam tão distantes. Aluízio você foi e é a pessoa que mais compartilhou comigo as alegrias e as angústias, por isso dedico a você este trabalho e todo o meu carinho.

Agradeço também a minha família, em especial a minha querida mãe Iraci Daniel da Silva, que mesmo com todas as suas limitações soube compreender as minhas ausências. Dedico também esse trabalho ao meu querido pai Abedias Pereira da Silva, que mesmo não estando mais entre nós continua morando em meu coração.

Quero fazer também um agradecimento especial a todos nossos familiares e amigos que sempre se fizeram presentes em nossas vidas. Muito obrigada: Vanábio, meu querido irmão, Cristina, Denivaldo, Fábio, Altemar, Neide, Tia Silvia, Laura, Tio Martins e a todos os colegas de trabalho e amigos do curso de mestrado, obrigada pelas palavras de encorajamento e pelas manifestações de apoio e carinho.

Quero tecer meus agradecimentos também ao meu orientador professor José Leonildo Lima, pelos ensinamentos, orientações, incentivo e dedicação. Meu muito obrigada. E por fim, agradeço a todos os professores do curso de mestrado, sendo que sem os mesmos não realizaríamos esse sonho. Meu muito obrigada a todos vocês, caros professores, pelos ensinamentos e pelas valiosas contribuições.

Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.

(Charles Chaplin)

RESUMO

O ensino da produção de textos tem suscitado, nas últimas décadas, diversas publicações, discussões e estudos sobre o tema. Dentre esses inúmeros estudos sobre o tema podemos destacar o de Brito (1997), Geraldi (1993), Kaufman; Rodrigues (1995), Leal; Morais (2006), Schneuwly; Dolz (2004) entre outros. Mesmo com uma vasta bibliografia sobre o assunto, percebe-se que quase nada mudou com relação a esse ensino, haja vista que esse ensino continua desenvolvendo-se desvinculado de situações autênticas de uso da escrita. Ou seja, muitas dessas teorias não têm conseguido mudar a realidade desse ensino em muitas escolas. Sendo assim, nesse projeto de pesquisa, apresentaremos uma intervenção pedagógica realizada nas práticas de produção de textos escritos que teve por finalidade inserir os alunos em situações reais de uso da escrita, por meio de uma carta argumentativa de reclamação dirigida ao prefeito da cidade de Rondonópolis. Sendo assim, nesse trabalho será descrito como se deu o desenvolvimento dessa intervenção pedagógica, que foi realizada em 2014, com uma turma do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira, localizada no município de Rondonópolis, Estado de Mato Grosso. Dessa maneira, para desenvolver essa intervenção pedagógica utilizamos como metodologia de ensino a sequência didática do gênero carta argumentativa de reclamação, tendo como base os estudos de Schneuwly e Dolz (2004). Com esse trabalho, conseguimos levar nossos alunos a refletir criticamente sobre os problemas sociais de sua realidade e a ampliar progressivamente sua competência argumentativa através do exercício da escrita. Com isso, concluímos que a aprendizagem da linguagem escrita ocorre de forma progressivamente e que, tão somente um bom planejamento de ensino não é suficiente para garantir uma boa aprendizagem. Ou seja, é preciso antes de tudo que o aluno, o protagonista dessa história, tenha disposição para aprender, porque o processo de aprender é algo pessoal, de construção e de partilhas de experiências que determinam nossas aprendizagens.

Palavras-chave: Intervenção pedagógica. Escrita. Carta argumentativa de reclamação.

ABSTRACT

The teaching of text production has given rise in recent decades, several publications, discussions and studies on the subject. Among these numerous studies on the subject we can highlight the de Brito (1997), Geraldi (1993), Kaufman; Rodrigues (1995), Leal; Morais (2006), Schneuwly; Dolz (2004) among others. Even with a huge literature on the subject, it is clear that almost nothing has changed with regard to this teaching, given that the school continues to develop up divorced from authentic of writing use cases. That is, many of these theories have not been able to change the reality of teaching in many schools. Thus, this research project, we will present an educational intervention carried out in written texts production practices that aimed to put students in real situations of use of writing through an argumentative letter of complaint addressed to the mayor of Rondonópolis. Thus, this work will be described how was the development of this educational intervention, which was held in 2014, with a group of the ninth year of elementary school at the State School Professor Amelia de Oliveira, in the municipality of Rondonópolis, MatoGrosso. Thus, to develop this educational intervention used as a didactic sequence teaching methodology of gender argumentative letter of complaint, based on the studies of Schneuwly and Dolz (2004). With this work, we take our students to critically reflect on the social problems of their reality and to progressively expand its argumentative competence by writing exercise. Thus, we conclude that learning the written language occurs gradually and that a good educational planning is not enough to ensure that learning. In other words, it is necessary first of all to the student, the protagonist of this story, be willing to learn, because the process of learning is something personal, construction and sharing of experiences that determine our learning.

Keywords: Pedagogical intervention .Writing. Argumentative letter of complaint

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA: O LÓCUS DA PESQUISA.....	14
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLA E A SUA COMUNIDADE ESCOLAR	14
2.2 A ESCOLA E O SEU PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	15
2.2.1 Princípios Filosóficos e Pedagógicos da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva	21
2.2.1.1 Algumas Considerações sobre o Trabalho Pedagógico com a Linguagem	23
2.2.1.2 A Organização Curricular: Pressupostos Pedagógicos do Ensino Fundamental de Nove Anos	24
2.2.1.3 Pressupostos Pedagógicos para o Ensino Médio	27
2.3 O SISTEMA DE AVALIAÇÃO PROPOSTO PELA ESCOLA	28
3 PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	30
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA: DA MOTIVAÇÃO À PRODUÇÃO FINAL	32
3.1.2 O Trabalho com o gênero Carta de Reclamação	36
3.1.3 Relato da Aplicação da Proposta: Uma Experiência Didática.....	47
3.1.4 Da investigação à escolha da temática.....	48
3.1.4.1 A Sequência Didática com o Gênero Carta Argumentativa de Reclamação	66
3.1.5 A Apresentação da Situação	67
3.1.6 Da Primeira Produção aos Módulos	74
4 UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS: CARTA ARGUMENTATIVA DE RECLAMAÇÃO.....	102
4.1 Analisando a apropriação do gênero Carta Argumentativa de Reclamação.....	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICES	126

INTRODUÇÃO

O ensino da produção de textos tem suscitado, nas últimas décadas, diversas publicações, discussões e estudos sobre o tema. Dentre esses inúmeros estudos sobre o tema podemos destacar o de Brito (1997), Geraldi (1993), Kaufman; Rodrigues (1995), Leal; Morais (2006), Schneuwly; Dolz (2004) entre outros. Mesmo com uma vasta bibliografia sobre o assunto, é possível ainda constatar que o quadro atual da produção de textos na escola ainda é semelhante com a do século passado, sem que nenhuma teoria tivesse dado conta de mudar significativamente essa realidade. Sabe-se, portanto que essa realidade não mudou e está longe de ser mudada, haja vista que a produção de texto, além de ser pouco trabalhada no contexto escolar, ocorre desvinculada de sentido. E isso, traz inúmeras conseqüências para esse ensino. Uma delas é que após anos a fio na escola, muitos de nossos alunos continuam com dificuldades para utilizar a escrita para atingir diferentes objetivos. Ou seja, embora a comunicação escrita tenha se constituído em temas de seminários, conferências com respaldo em vastas bibliografias, ainda continua a ser um grande desafio tanto para nós professores como para alguns estudiosos do assunto.

Diante do que exposto, é válido afirmar que a escola, muitas das vezes, não tem conseguido levar o aluno a utilizar-se da escrita, a fim de adequar o seu texto a diferentes finalidades. E isso se deve ao fato de que “além de escassas, as oportunidades de escrita limitam-se a uma escrita com finalidade escolar apenas [...] sem perspectivas sociais inspiradas nos diferentes usos da língua fora do ambiente escolar” (ANTUNES, 2005, p. 26).

E isso vem acarretando inúmeros problemas em relação ao ensino da produção de texto, já que o aluno não se sente motivado, pois as circunstâncias de escrita são artificiais, ou seja, não são situações significativas, uma vez que ocorrem desvinculadas de um contexto real de uso e sem um interlocutor real para o texto dos alunos. O que nos leva a concluir que a escrita não tem exercido sua função social que é levar o aluno a comunicar-se com seu mundo exterior.

Em razão disso, pode-se afirmar que a motivação dessa pesquisa é decorrente de diversos fatores. Dentre eles, cabe citar nossas próprias experiências pessoais e profissionais, enquanto professora de Língua Portuguesa tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Ou seja, na medida em que nos aprofundávamos no exercício dessa função, percebíamos o quanto nossos alunos tinham dificuldade com a comunicação escrita. Dessa maneira, constatamos que a produção de textos escritos ainda pode ser considerada como uma

região obscura do processo de ensino e aprendizagem da comunicação escrita.

Em todos os casos, essa intervenção pedagógica busca discutir o modo como a produção de texto vem sendo trabalhada em sala de aula, a fim de que por meio dela, possamos refletir sobre a forma como a temos conduzido em sala de aula. Dessa maneira, esperamos que esse projeto de intervenção pedagógica contribua para que as práticas de produção de textos na escola se tornem mais significativas para nossos alunos. Isso porque, conforme já constatamos no decorrer de nossa prática pedagógica, não se tem dado a devida importância ao trabalho com a palavra escrita em sala de aula e, esse trabalho, muitas das vezes, tem sido relegado na vida prática.

Posto isto, o presente trabalho se justifica na medida em que se busca, por meio dele, ressignificar as práticas de produção de texto realizadas em sala de aula. Até porque se observarmos bem perceberemos que a discussão sobre as práticas escolares de produção de textos têm sido intensa e realizadas sob diferentes perspectivas teóricas. E, mesmo sabendo que muitas dessas perspectivas teóricas se divergem em alguns pontos, um aspecto tem sido reiteradamente reafirmado por diversos estudiosos: “as situações de escrita de textos vivenciadas fora da escola, que envolvem diferentes gêneros, interlocutores e finalidades, devem ser transpostas para sala de aula” (ALBUQUERQUE; LEAL, 2007, p.100). Partindo então desse ponto de vista, podemos afirmar que um dos maiores objetivos desse trabalho foi justamente inserir nossos alunos em situações autênticas de uso da escrita. E para isso, escolhemos trabalhar como gênero carta argumentativa de reclamação.

Com relação a esse assunto os autores Schneuwly e Dolz (2004) defendem que a vivência de situações reais de interação, é um caminho, de fato, necessário para que o aluno aprenda a agir linguisticamente, lendo e produzindo textos. Sendo assim, Marcuschi (2008, p.213) reitera a ideia central defendida por esses autores ao afirmar “que se devem criar situações reais com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção escrita incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores.”

Dessa maneira, com o intuito de atingirmos o objetivo proposto com esse trabalho, foi necessário desenvolvermos com nossos alunos diferentes atividades. Dentre as atividades que foram desenvolvidas podemos citar que, primeiramente, buscamos instigá-los a assumirem uma postura crítica frente aos problemas sociais com os quais se deparavam em sua realidade.

Em seguida, a fim de propiciamos um maior conhecimento sobre os problemas decorrentes da ausência de infraestrutura urbana foram trabalhados diversos textos sobre o

assunto. Posteriormente, os levamos a conhecer o gênero carta argumentativa de reclamação, por ser um dos gêneros que nos permitem expressar nossos posicionamentos de forma mais democrática acerca dos problemas sociais que vivenciamos em nosso cotidiano. E por fim, solicitamos que produzissem uma carta argumentativa de reclamação observando sua estrutura, finalidade, linguagem e público leitor.

A escolha do gênero carta argumentativa de reclamação como objeto de ensino se justifica na medida em que os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (1998) preceituam que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa devem priorizar os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem e os que favorecem a reflexão crítica. Sendo assim, entendemos que, além de contemplar esses preceitos dos PCN, esse gênero propiciaria também o desenvolvimento da capacidade argumentativa desses alunos.

Dessa forma, a fim de subsidiar essa pesquisa, selecionamos como base teórica a perspectiva da Linguística Textual, usando autores que abordam o assunto dentro da linha interacionista por acreditarmos que o ensino-aprendizagem da produção de texto só se efetiva, quando é oportunizado ao aluno interagir pela linguagem em situações significativas de ensino. E interagir pela linguagem significa “realizar uma atividade discursiva, dizer alguma coisa a alguém de determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução” (BRASIL, 1998, p. 20-21). Então, partindo desse pressuposto é que optamos por realizar essa pesquisa, elegendo a carta argumentativa de reclamação como objeto de ensino-aprendizagem da produção escrita.

Considerando, então, que esse trabalho propõe uma reflexão acerca de um ensino-aprendizagem mais significativo de produção textual, acreditamos que a perspectiva teórica adotada seja a mais propícia, haja vista que o ensino sob esse viés exige diferentes posicionamentos. Isso se deve ao fato de que nessa perspectiva teórica há uma constante reflexão do professor sobre sua prática pedagógica, a fim de se evitar um tratamento artificial com a linguagem. Assim, nas aulas de linguagem o professor passa a assumir um papel de mediador do conhecimento.

Além disso, nessa perspectiva teórica também são levados em consideração as diferentes funções da escrita, as variações da língua, a intencionalidade discursiva e a imagem do interlocutor. Dessa forma, a escrita deixa de ser um mero exercício de redação escolar, em que se anula a voz e o papel do aluno.

Sabemos que romper com essa forma tradicional de ensino de redação não é uma tarefa tão simples quanto se parece. Para rompermos com essa visão de ensino, é necessário que haja uma mudança de postura de nós enquanto professores. E para que isso ocorra é

necessário um entendimento de que escrever não é uma questão de dom ou inspiração, mas um trabalho que carece de organização, planejamento, leitura, releitura, escrita e reescrita.

Dessa maneira, com o intuito de melhor demonstrarmos como se deu a aplicação desse projeto de intervenção pedagógica, apresentaremos os capítulos que compõem esse trabalho. Sendo que, nesse primeiro capítulo apresentamos o tema que motivou essa pesquisa bem como os objetivos almejados com esse trabalho. Já no segundo capítulo, apresentaremos a Escola que realizamos a pesquisa, bem como o Projeto Político-Pedagógico desenvolvido por esta unidade escolar. Além disso, mostraremos também o perfil tanto da clientela atendida pela escola quanto da turma em que realizamos essa intervenção pedagógica.

No terceiro capítulo, mostraremos os pressupostos teóricos e metodológicos que embasaram esse trabalho e que serviram de suporte para a aplicação da sequência didática e análise do corpus coletado.

Já no quarto capítulo desse trabalho, descreveremos, minuciosamente, todas as atividades que foram desenvolvidas bem como todos os procedimentos metodológicos adotados durante a execução desse projeto de intervenção pedagógica.

E por fim, nas considerações finais, teceremos algumas considerações sobre o processo de aplicação desse trabalho, a fim de verificarmos se os objetivos traçados com esse trabalho foram alcançados. Ao mesmo tempo, avaliaremos também todo esse percurso pedagógico que percorremos a fim de identificarmos lacunas e de apontarmos sugestões para outros trabalhos.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA: O LÓCUS DA PESQUISA

No presente capítulo conheceremos alguns aspectos relacionados à Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva, local onde realizamos a presente pesquisa. Primeiramente, faremos uma apresentação da história de surgimento da escola. Posteriormente, teceremos algumas considerações sobre a escola e a sua comunidade. E por fim, apresentaremos parte do Projeto Político-Pedagógico desenvolvido por essa instituição.

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLA E A SUA COMUNIDADE ESCOLAR

Primeiramente vamos entender a origem do nome da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva. Para entendermos um pouco da história do seu nome, fomos à busca de informações no blog da escola. Nele compreendemos que o motivo que levou a Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva a receber esse nome foi devido a uma homenagem póstuma feita pela então Delegacia de Ensino de Rondonópolis a uma professora que atuava na rede estadual de ensino desse município e que, por muitos anos, havia dedicado boa parte de sua vida à educação.

Segundo informações desse blog, a professora Amélia de Oliveira nasceu em sete de maio de 1943, na cidade de Torixoréu, cidade que se localiza no interior de Mato Grosso. Concluiu o segundo grau com formação em Magistério no ano de 1978, na cidade de Guiratinga. O trabalho docente da professora Amélia iniciou-se logo após o término de seus estudos e se prolongou até o momento de sua aposentadoria. Encerrou sua carreira docente na Escola Estadual Renilda Silva de Moraes, em Rondonópolis, aposentando-se em 1986, ano em que, lamentavelmente, veio a falecer. Diante desse fato, a escola recebeu esse nome como uma forma de homenagear a professora Amélia de Oliveira Silva pelos muitos anos dedicados ao ensino.

2.2 A ESCOLA E O SEU PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva foi criada a partir do Decreto nº 1064, em 1996, sendo credenciada no ano de 2010. Essa escola oferece ensino público e gratuito em diversas modalidades. Atualmente atende turmas do segundo e terceiro ciclos do Ensino Fundamental e Ensino Médio nas seguintes modalidades: regular, inovador e semestral.

A Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva, de acordo com o seu Projeto Político-Pedagógico tem por missão contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. E para isso, busca oferecer a todos os educandos um ensino de qualidade a fim de lhes garantir uma formação indispensável para o exercício da cidadania, elevando assim, o desempenho de seus alunos.

Atualmente, a Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva está localizada no Bairro Parque Universitário. Nesse bairro, a escola atende a uma demanda de alunos provenientes de diversos bairros, dentre eles podemos citar: Pedra 90, Tancredo Neves, Vila Olinda I, II, III, Jardim Oásis, Jardim Aeroporto, Jardim Vila Rica, Jardim Rui Barbosa, Jardim das Paineiras e Parque Universitário. Dessa maneira, podemos dizer que a clientela que a escola atende é bem eclética. Hoje, ela conta com mais de 835 alunos que estão distribuídos nos três turnos da escola. Sendo que a grande maioria desses alunos estuda ou no turno matutino ou no vespertino.

Outro aspecto importante a dizer com relação ao perfil da clientela atendida pela escola, é que a maioria dos alunos assistidos são provenientes de famílias de baixa renda, cujos pais trabalham nas mais variadas profissões como pedreiros, pintores, vendedores, diaristas, domésticas, operários, entre outras profissões. Esses trabalhadores, em sua maioria, são pessoas provenientes de outras regiões do Brasil, que atraídas pelas ofertas de emprego em Rondonópolis, deixaram suas cidades e aqui se instalaram em busca de melhores condições de trabalho. E muitas dessas famílias acabaram optando por residirem no bairro Parque Universitário, devido, primeiramente, ao fato de se localizar nesse bairro um dos distritos industriais da cidade e, o outro, devido à baixa especulação imobiliária dessa região, o que acaba resultando em aluguéis de imóveis menos onerosos.

Hoje, o espaço físico da Escola Amélia conta com uma área de 7.200 metros quadrados e 5.860 metros de área livre. A área construída da escola é composta por 11 salas de aula, que foram distribuídas tanto para o trabalho com os alunos em sala de aula quanto

para outras funções administrativas da escola. Como exemplo tem a sala da coordenação/direção, a sala da secretaria e a sala destinada aos professores. Algumas dessas salas são de caráter provisório já que ainda a escola está passando por um período de reforma que se iniciou desde 2014.

Com relação à reforma da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva, algumas considerações são necessárias, haja vista que a aplicação desse projeto de intervenção pedagógica se deu justamente nesse intermeio. Por exemplo, no ano em que aplicamos esse projeto de intervenção, algumas salas de aula necessitaram ser remanejadas para outro local a fim de que a escola fosse reformada. Dessa maneira, foi necessário que nós professores nos deslocássemos, ao mesmo tempo, para dois lugares para cumprirmos nossa jornada de trabalho, já que algumas turmas permaneceram na escola e outras foram para um prédio que foi cedido para a escola a fim de que as aulas não fossem suspensas.

Em decorrência desse processo de reforma e ampliação pelo qual a escola passou e continua passando, podemos dizer que foi um ano bastante conturbado tanto para nós professores quanto para os alunos, haja vista que foi necessário darmos aulas em meio à poeira, barulho, entulhos etc. Sem contar também que devido a essa reforma, muitos espaços, projetos, programas que antes funcionavam neste local tiveram que ser suspensos temporariamente. Um exemplo disso é o laboratório de informática que não funcionou durante o ano letivo de 2014 e continua sem funcionamento em 2015. Outro exemplo também são as aulas de reforço que foram suspensas devido à falta de um espaço físico adequado e o programa Educomunicação.

Outra consideração que precisa ser feita com relação ao aspecto físico da escola é a ausência de um espaço físico adequado para a biblioteca da escola. Ou seja, a escola não possui um ambiente em que os alunos possam frequentar e emprestar livros para leitura. Diante de tudo isso, podemos dizer que, embora a escola tenha sido reformada e que alguns dos anseios da comunidade escolar tenham sido supridos, muita coisa ainda precisa ser feita para que haja uma melhor condição de trabalho aos professores.

Outros problemas que também vêm preocupando a comunidade escolar são as altas taxas de repetência no Ensino Médio, os altos índices de evasão escolar, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e os baixos resultados apresentados pela escola nos últimos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Com relação aos altos índices de repetência apresentados pela escola, pode-se afirmar que eles são provenientes de uma conjunção de fatores.

Dentre os fatores que influenciam a repetência em nossas escolas, Lacerda (2007, p.

4) aponta os fatores intra-escolares e os extra-escolares. Segundo ela, dentre os fatores intra-escolares podem-se citar o currículo, os programas, o trabalho desenvolvido pelos professores e especialistas e as avaliações do desempenho dos alunos. No que se refere aos fatores extra-escolares que contribuem para a repetência Lacerda (2007) aponta às más condições de vida e de subsistência da grande parte da população brasileira.

No que tange à evasão no Ensino Médio algumas pesquisas demonstram que ela não é um problema restrito aos muros intra-escolares, uma vez que reflete as profundas desigualdades sociais existentes em nosso país e se constitui como um problema social. Além disso, esses estudos também demonstram que ela acontece, em geral, quando os alunos recebem seus resultados, mesmo que parciais, e estes resultados apontam para uma iminente reprovação. O que termina por levar muitos desses alunos a desistirem de seus estudos.

Com relação a esse assunto Krawczyk (2009, p.9), afirma que a evasão escolar “resulta não apenas da crise econômica ou do declínio da utilidade social dos diplomas, mas também da falta de outras motivações para os alunos continuarem seus estudos”. Dessa maneira, podemos concluir que os motivos apontados por esses estudos são alguns dos que tem levado os alunos da Escola Estadual Amélia de Oliveira a evadirem, já que muitos desses alunos não apresentam perspectivas com relação ao seu futuro acadêmico, quando muito querem somente terminar o ensino médio ou apenas cursarem um curso profissionalizante.

No que se refere à evasão no Ensino Fundamental podemos dizer que, assim como ocorre no Ensino Médio, ela é decorrente de diferentes fatores. Acreditamos que um dos motivos que tem contribuído para que os alunos da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira evadam-se ou passem longos períodos sem frequentar a escola é a atual política de ciclos adotada pela escola. Devido a essa política de ensino, muitos alunos são conscientes que mesmo não frequentando as aulas terminam progredindo para a série seguinte, já que as faltas só são somadas no final de todo o ciclo. Ou seja, o aluno não será retido por falta, pois as faltas só são computadas no final dos três anos de cada ciclo, o que acaba por impedir que ele seja retido por faltas.

Com relação a essa política de ciclos adotada em Mato Grosso algumas considerações são necessárias, já que é uma das políticas de ensino adotada pela Escola Amélia de Oliveira Silva e por todas as escolas estaduais do estado. Sabemos que o objetivo da escola ciclada foi o de enfrentar o fracasso escolar nos sistemas de ensino, contribuindo para que se reduzisse a repetência e a evasão. Mas sabemos que essa política de ensino não tem surtido o efeito desejado, já que ela precisa de um suporte que nem sempre tem sido provido pelo estado. Como exemplo, podemos citar a falta de professores articuladores em

muitas escolas e salas de superação para atender os alunos defasados com relação à idade e série e aqueles que têm dificuldade de aprendizagem. Por esta razão, é que acreditamos que somente aqueles que estão realmente em sala de aula são aptos para avaliar essa política de ensino.

Outro desafio enfrentado pela Escola Professora Amélia de Oliveira Silva, e que tem exigido um trabalho em equipe, são os baixos índices apresentados na Prova Brasil. Ou seja, a escola tem apresentado nos últimos anos um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) abaixo do esperado. Mas afinal, o que é esse IDEB e qual é o seu objetivo? O IDEB foi criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais Anísio Teixeira (INEP), formulado com o objetivo de medir a qualidade nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. Ou seja, o IDEB funciona como um indicador nacional que possibilita a todas as escolas monitorar a qualidade da educação oferecida à população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias.

Para tanto, esse índice é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. Já as médias de desempenho advêm dos resultados da aplicação da Prova Brasil, que é aplicada de dois em dois anos para os alunos dos anos finais da terceira fase do segundo ciclo (6º ano) e para os alunos da terceira fase do terceiro ciclo (9º ano). A Prova Brasil ou Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC) tem os seguintes objetivos: contribuir para a melhoria da qualidade do ensino, redução de desigualdades e democratização da gestão do ensino público e buscar o desenvolvimento de uma cultura avaliativa que estimule o controle social sobre os processos e resultados de ensino. Por esta razão, é que as metas estabelecidas pelo IDEB são diferenciadas para cada escola, já que tem como objetivo único alcançar até 2022 seis pontos como média, o que correspondente ao sistema educacional de países desenvolvidos.

Conforme já havíamos antecipado anteriormente, o IDEB tem preocupado a equipe da Escola Estadual Amélia de Oliveira Silva, já que durante as últimas edições desse exame os alunos não têm apresentado um bom desempenho. Segundo dados divulgados pelo site edu.org.br em 2013, dos 116 alunos do 9.º ano que participaram da Prova Brasil, somente 12 demonstraram aprendizado adequado na competência de leitura e interpretação de textos. Ou seja, somente 11% dos participantes obtiveram um bom aproveitamento. Já em Matemática, os números são ainda mais preocupantes. Dos 116 alunos, somente 5 demonstraram aprendizado adequado na competência de resolução de problemas. Isto significa que somente 4% dos alunos participantes obtiveram um bom aproveitamento em Matemática.

Dessa maneira, esses números demonstram que tanto a repetência quanto a evasão têm contribuído não só para os baixos índices apresentados pela escola como também contribuem para o baixo aprendizado desses alunos. Ou seja, muito precisa ser feito para que esse problema seja enfrentado em nossa escola e, para isso precisamos que a família esteja envolvida com a aprendizagem de seus filhos. Nesse sentido, é que a escola vem mobilizando as famílias a participarem da vida escolar de seus filhos. Por esta razão, a escola tem convidado a comunidade a participar de seus eventos e reuniões pedagógicas, sempre buscando adequar os horários para que sejam compatíveis com a disponibilidade dos pais. Entretanto, nota-se pouca participação da família na escola.

No que se refere ao quadro de funcionários da escola, atualmente, ela conta 57 profissionais que exercem diversas funções na unidade escolar. Entre eles, 21 são professores efetivos e 18 são contratados. Dentre esses professores, dois estão na coordenação e um está na gestão da escola.

Com relação à turma em que aplicamos o projeto de intervenção pedagógica, trata-se de uma turma do 9º ano, do período vespertino, que corresponde à última série do Ensino Fundamental de nove anos. Nesta turma constavam matriculados, no ano de 2014, 38 alunos sendo que destes, somente 22 estavam frequentando as aulas sem muita regularidade. Com relação a essa pouca assiduidade dos alunos em sala de aula, algumas considerações precisam ser tecidas. Mas, primeiramente, deixaremos claro algumas das dificuldades que sentimos para desenvolvermos nosso trabalho em sala de aula. Uma delas diz respeito a essa pouca assiduidade dos alunos na escola. A outra está relacionada ao baixo envolvimento dos alunos nas atividades propostas em sala de aula. E a outra, se refere ao pouco tempo dispensado a esse projeto de intervenção pedagógica, já que devido alguns dos motivos que aqui serão expostos, muito do que foi planejado terminou por não acontecer.

A princípio, é preciso esclarecer que esse projeto de intervenção foi aplicado no segundo semestre de 2014, precisamente no mês de setembro, e isso terminou por acarretar alguns problemas no desenvolvimento das atividades propostas, já que por ser um período de final de ano letivo, alguns alunos já haviam se evadido da escola e outros já não frequentavam as aulas regularmente. Vale acrescentar também que, justamente, nesse período as aulas também foram paralisadas por diversas vezes em decorrência da reforma da escola ou por outros eventos que terminaram por contribuir para que muitas das atividades que foram planejadas não pudessem ser executadas. Diante disso, tentamos buscar, de alguma forma, alternativas que pudessem minimizar tanto o pouco tempo de que dispúnhamos para desenvolvermos esse trabalho quanto a pouca participação dos alunos. Para isso, recorremos a

aulas emprestadas para que assim pudéssemos tentar concluir o que havíamos planejado na sequência didática do gênero carta argumentativa de reclamação.

Além do mais, também se fez necessário irmos à busca de diversas estratégias a fim de minimizar a pouca participação desses alunos em sala de aula. Uma das estratégias que utilizamos para tentar manter esses alunos na escola foi prometer brindes surpresa para os alunos que fossem mais assíduos às aulas, mais empenhados aos estudos. Além disso, combinamos também com esses alunos que ao final do projeto, da aplicação da sequência didática, faríamos um passeio ao shopping, tudo isso com a intenção de prender a atenção deles na escola. Mas mesmo recorrendo a algumas dessas estratégias não obtivemos a participação que gostaríamos de ter obtido.

No que se refere à composição dessa turma, constatamos que ela era formada mais por alunos do sexo masculino do que do feminino. Dos nove alunos que frequentavam as aulas regularmente tínhamos somente três meninas que frequentavam com certa regularidade. Por esta razão não foi possível que todos os alunos participassem efetivamente de todas as atividades desenvolvidas durante a execução desse projeto.

O Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira foi desenvolvido em cumprimento às determinações da Resolução 04/2010, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara da Educação Básica (CNE/CEB). Este documento objetiva atender às necessidades da comunidade escolar. Ou seja, é ele que detalha os objetivos, as diretrizes e ações do processo educativo desenvolvido pela escola, expressando, assim, as exigências legais do sistema educacional, bem como as necessidades, propósitos e expectativas da comunidade. Além disso, ele também revela o modo de pensar e agir dos atores que participam do processo de sua elaboração, expressando assim a cultura da comunidade escolar.

Dessa maneira, a fim de conhecermos o Projeto Político-Pedagógico desenvolvido por essa escola, que se encontra em processo de construção, citaremos a seguir alguns dos aspectos que constituem esse documento, tais como, a filosofia da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira e a sua perspectiva pedagógica, a organização curricular, o trabalho coletivo como prática transformadora, a metodologia de ensino da escola, o sistema de avaliação proposto pela escola e a gestão democrática.

2.2.1 Princípios filosóficos e pedagógicos da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva

Tendo como base o Projeto Político-Pedagógico desenvolvido pela Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira Silva, teceremos algumas considerações sobre a filosofia de ensino adotada por essa instituição. Segundo esse documento (2015, p. 4) a filosofia da Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira “baseia-se numa gestão democrática com poder compartilhado e com a participação efetiva do coletivo, com o compromisso de superar o individualismo e que está voltada para a formação de um comprometimento do estudante com o outro ser humano.”

Partindo dessa premissa, a escola se apresenta como uma escola em que a dignidade da vida constitui-se como seu maior referencial na busca de uma sociedade mais justa e fraterna. Dessa maneira, a escola tem buscado promover uma educação comprometida com a transmissão, com a construção e com o desenvolvimento de conhecimentos, culturas e valores, ao considerar que, apesar de todo o aparato que envolve a ação educativa, é nas relações humanas que reside à essência da formação dos indivíduos.

No entanto, esta unidade escolar postula em seus documentos que não basta estar a serviço do estudante como indivíduo. É preciso, além disso, estar presente na sociedade de tal modo que o estudante, ao desempenhar seu papel, contribua com a construção de um mundo que respeite a vida em todas as suas dimensões.

É nesse sentido que, na organização de situações de aprendizagem, a escola tem buscado garantir aos alunos a constituição da escola como um espaço investigativo, no qual a busca de compreensão do mundo demande uma atitude de pesquisa, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Para tanto, esclarece que essa atitude investigativa diante do conhecimento aponta para a necessidade de desenvolver projetos em diversas áreas do conhecimento, a fim de que por meios desses projetos os alunos despertem um espírito investigativo.

No que diz respeito ao trabalho pedagógico, a escola propõe em seu Projeto Político-Pedagógico (2015, p.7) “um trabalho de mediação do conhecimento que se dá por meio da interação com o outro e com o objeto de estudo.” Dessa maneira, a organização desse trabalho fundamenta-se no processo de participação e de responsabilidade de toda a comunidade escolar na tomadas de decisões coletivas, na elaboração e implementação e acompanhamento do Projeto Político-Pedagógico. Por esta razão é que o trabalho pedagógico é realizado tanto pelo conselho escolar quanto pela equipe gestora: direção, coordenação, órgãos colegiados de representação da comunidade escolar, equipe docente e equipe técnico-administrativa.

No que tange ao trabalho pedagógico realizado nos Ciclos de Formação Humana, algumas considerações precisam ser tecidas, haja vista que o Ensino Fundamental de nove

anos da Escola Estadual Amélia de Oliveira é organizado por esse modelo de ensino. Assim, a formação humana pode ser compreendida como a antítese da repetição. Ou seja, nessa modalidade de ensino não se admite a repetição e a padronização, já que segundo alguns estudiosos do assunto elas suprimem a criatividade e a liberdade e reduz o ser humano à passividade. Dessa maneira, pode-se dizer que a concepção de educação que permeia o interior dessa escola é a que remete à organização do ensino em ciclos de formação humana, que pressupõe diferentes posturas frente ao mundo, à sociedade e ao sentido do conhecimento.

O que implica dizer que as nossas escolhas teóricas e práticas relacionam-se dialeticamente com os fundamentos do nosso pensamento sobre o mundo prático-sensível que vivemos no cotidiano. O que torna necessário saber lidar com as teorias do conhecimento, a fim de que possamos ter clareza tanto do ponto de partida quanto de chegada.

No que se refere à concepção de ensino e aprendizagem adotada no terceiro ciclo do Ensino Fundamental, a Escola Amélia de Oliveira considera que todo o conhecimento construído ao longo dos ciclos anteriores deve ser considerado e, para isso, considera como fundamental a mediação pedagógica para provocar os avanços necessários que não ocorreram. Dessa maneira, busca por meio de um trabalho interdisciplinar e coletivo aproximar as diferentes áreas do conhecimento em torno de situações problemas. Ou seja, não se trata de retomar a velha lista de conteúdos, disciplina por disciplina. Pelo contrário, os conteúdos são apenas instrumentos e não um fim em si mesmo.

Com isso, percebemos que o que a escola vem priorizando é a investigação sobre o sujeito que ela pretende ensinar. Isto é, quais são os contextos de desenvolvimento biológico e social desse sujeito? Que ensino deve ser organizado para esse sujeito? Que especificidades esse sujeito possui? Dessa maneira, podemos afirmar que uma concepção de conhecimento só é voltada para a formação humana na medida em que entende que cada ser humano constrói sua compreensão sobre o mundo a partir das relações que estabelece com o conhecimento e com os outros com quem convive. Em outras palavras, a escola por ciclos de formação humana vê a aprendizagem como um processo, no qual não há, necessariamente, períodos ou etapas preparatórias para aprendizagens posteriores, mas um permanente desenvolvimento.

Por razões como as descritas acima, é que podemos dizer que a avaliação, nessa concepção de ensino, assume uma diferente perspectiva, à medida que a avaliação se dá de forma permanente. Isto é, na concepção de formação humana, a avaliação é um processo dinâmico, um permanente aprendizado do educador sobre o aluno aprendiz. Ou seja, ela se processa de maneira diagnóstica, processual e cumulativa, por entender que todas essas

dimensões são necessárias à avaliação formativa.

Dessa forma, a fim de melhor compreendermos como tem se dado esse processo de avaliação no Ensino Fundamental, em especial nas escolas organizadas por ciclos de formação humana, teceremos algumas considerações sobre esse processo de avaliação. Por exemplo, na Escola Amélia de Oliveira o aluno passa por uma avaliação diagnóstica, ou seja, o professor investiga as habilidades que o aluno domina e as que não dominam, a fim de traçar seu plano de ensino. Já a avaliação processual ocorre durante o todo o processo de ensino e aprendizagem por meio de observações e análises do processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Já a avaliação cumulativa visa contemplar as dificuldades e avanços apresentados pelo aluno ao final do ano letivo. E por fim, a avaliação formativa informa toda a situação do educando em relação aos objetivos propostos para a sua aprendizagem em cada período estabelecido.

Depois de mostrarmos as concepções pedagógicas que têm norteado o Projeto Político-Pedagógico da Escola Amélia de Oliveira, teceremos algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido com a linguagem, em especial com a Língua Portuguesa no âmbito dessa escola, em especial nas turmas dos anos finais do ensino fundamental. E para isso recorreremos aos documentos e orientações curriculares que baseiam esse ensino nessa escola.

2.2.1.1 Algumas considerações sobre o trabalho pedagógico com a linguagem

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) o ensino de Língua Portuguesa deve estar voltado para a função social da língua. Esta é requisito básico para que a pessoa ingresse no mundo letrado, para que possa construir seu processo de cidadania e, ainda, para que consiga integrar-se à sociedade de forma ativa e a mais autônoma possível. Nesse aspecto, o aluno precisa dominar habilidades que o capacitem a viver em sociedade, atuando de maneira adequada e relevante, nas mais diversas situações sociais de comunicação. Para tanto, o aluno precisa saber interagir verbalmente. Isto é, precisa ser capaz de compreender e participar de um diálogo ou uma conversa, de produzir textos escritos, dos diversos gêneros que circulam socialmente.

Por esta razão, se faz necessário que as aulas de Língua Portuguesa propiciassem aos estudantes a experiência de aprender as relações que o ser humano estabelece com a realidade, com a própria linguagem e consigo mesmo, tornando definitiva a relação de interdependência

entre o homem e sua linguagem. Ou seja, é necessário que o aluno perceba o papel determinante que a linguagem exerce na vida social. Nesse sentido, as Orientações Curriculares Área de Linguagens (2012, p.42) “estabelece que o ensino de Língua Portuguesa deva ter por finalidade maior promover o desenvolvimento da capacidade discursiva do estudante.” Ou seja, deve-se buscar proporcionar aos estudantes oportunidades para que empregue adequadamente a linguagem em diversas situações de comunicação, adequando o ato verbal às situações de comunicação.

Nessa perspectiva, a linguagem é entendida “como uma ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história” (PCN, 1998, p.20). Sendo assim, a Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira sugere como objeto de ensino de Língua Portuguesa o texto, já que “centrar o ensino no texto é ocupar-se e preocupar-se com o uso da língua” (GERALDI, 1996, p.71). Dessa maneira, a escola tem compreendido que a noção de gênero, constitutiva do texto, tem que ser tomada como objeto de ensino.

2.2.1.2 A organização curricular: pressupostos pedagógicos do Ensino Fundamental de nove anos

No que concerne à organização da Educação Básica, a Escola Amélia de Oliveira fundamenta seu trabalho baseando-se na Resolução CNE/CEB 07/210, que preceitua que “o Ensino Fundamental representa o direito à educação, entendido como bem inalienável para a formação do Ser Humano, tendo como norteadores das ações pedagógicas princípios éticos, políticos e estéticos.” (BRASIL, 2013, p.107-108). Dessa forma, adota no Ensino Fundamental de nove anos o sistema de ciclos de formação humana e no âmbito do Ensino Médio, distintas modalidades como regular, semestral e inovador. Com relação ao Ensino Fundamental de nove anos a escola adota como diretriz o artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases (9394/1996) que tem as seguintes prerrogativas:

Art.32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia,

- das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
 - IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da Escola Amélia de Oliveira Silva (2015, p.12) “sua proposta pedagógica está em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de nove anos.”

De acordo com essa Diretriz (2013, p. 106), essa etapa da educação básica é um direito fundamental, “uma vez que constitui uma garantia mínima de formação para a vida pessoal, social e política.” Dessa maneira, esse documento também rege que é “dever do Estado, dos sistemas de ensino e das escolas assegurarem que todos a ela tenham acesso e que a cursem integralmente, chegando até a conclusão do processo de escolarização que lhe corresponde” (BRASIL, 2013, p.106). Além disso, acrescenta ainda que “todos têm o direito de obter o domínio dos conhecimentos escolares previstos para essa etapa e de adquirir os valores, atitudes e habilidades derivadas desses conteúdos e das interações que ocorrem no processo educativo” (BRASIL, 2013, p.106).

No que concerne aos objetivos dessa etapa da escolarização, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece em seu artigo 32 que: O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, das artes, da tecnologia e dos valores como instrumentos para uma visão crítica do mundo;
- III- a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores como instrumentos para uma visão crítica de mundo;
- IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Quanto à organização do Ensino Fundamental de noveanos, essa unidade escolar organiza seu ensino de acordo com a política de “Ciclos de Formação Humana”, que é regulamentada pelas seguintes resoluções 262/02 CEE/MT, 07/2010 CEB/CNE e CEE/MT, 02/2009. Dessa maneira, a escola oferece as seguintes fases do 3º Ciclo:

- 1ª Fase– 7º Ano (12 anos)
- 2ª Fase–8º Ano (13 anos)
- 3ª Fase–9º Ano (14 anos)

Nos Ciclos de Formação Humana, as áreas do conhecimento dividem-se da seguinte maneira:

- **Área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias:** (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Estrangeira);
- **Matemática e suas tecnologias:** (Matemática);
- **Ciências da Natureza:** (Ciências);
- **Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias:** (História, Geografia, Ensino Religioso).

Matriz Curricular Ensino Fundamental de 09 anos:

BASE NACIONAL COMUM E PARTE DIVERSIFICADA	ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1ª		2ª		3ª	
			FASE DO 3º CICLO		FASE DO 3º CICLO		FASE DO 3º CICLO	
			HS	HA	HS	HA	HS	HA
Linguagem, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa							
	Educação Física							
	Arte							
Subtotal								
Matemática e suas tecnologias	Matemática							
Subtotal								
Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias	História							
	Geografia							
	Educação Religiosa							
Subtotal								

	Ciências da natureza e suas tecnologias	Ciências Naturais						
	Subtotal							
	Total							

2.2.1.3 Pressupostos pedagógicos para o Ensino Médio

Com relação ao Ensino Médio, a Escola Estadual Professora Amélia de Oliveira traz em seu Projeto Político-Pedagógico orientações a serem seguidas. De acordo com o PPP (2015, p.15) a prática pedagógica da escola alicerça-se em três pilares: “A estética para a sensibilidade, a política para as relações com justiça e a ética para a alteridade.”

No que se refere aos princípios pedagógicos que estruturam o currículo da escola destacam-se os seguintes princípios: os da identidade, da diversidade, da autonomia, da interdisciplinaridade e o da contextualização. Já a proposta pedagógica adotada por esta instituição orienta-se por competências básicas, tais como: os conteúdos e as formas de tratamento previsto pelas finalidades do Ensino Médio. Além disso, a escola também adota como princípio norteador do Ensino Médio o artigo 35 da LDB (9394/1996). De acordo com esse artigo o ensino médio, com duração de três anos, terá as seguintes finalidades:

- I- a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II- a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV- a compreensão dos fundamentos científicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Além da modalidade regular de ensino, a Escola Amélia de Oliveira também adota outras modalidades de Ensino Médio, tais como o inovador e o semestral. De acordo com o PPP da escola (2015, p.18) “o Ensino Médio Inovador foi instituído pela seguinte portaria nº

971/2009.” De acordo com este documento, o Ensino Médio foi criado com a finalidade de redesenhar e desenvolver um currículo mais dinâmico e flexível, capaz de estabelecer uma interface entre os conhecimentos das diferentes áreas e a realidade dos estudantes, atendendo assim, as suas necessidades e expectativas. Já o Ensino Médio regular semestral, segundo a escola, foi implantando com o objetivo de diminuir os altos índices de evasão e de repetência que ocorrem, principalmente, com os alunos do período noturno. De acordo com a escola, o Ensino Médio semestral possibilita que o aluno sinta-se mais motivado a continuar seus estudos, o que termina por evitar que muitos deles abandonem seus estudos. Além disso, a escola acredita também que, nessa modalidade semestral, o aluno acaba tendo mais oportunidade em retornar seus estudos no meio do semestre letivo, diminuindo assim a evasão escolar.

2.3 O SISTEMA DE AVALIAÇÃO PROPOSTO PELA ESCOLA

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2012) na esfera educacional existem três tipos de avaliação.

- **Avaliação de aprendizagem:** Pode ser adotada com vistas à promoção, aceleração de estudos e classificação. A mesma deve analisar de forma criteriosa as diferentes potencialidades dos discentes.
- **Avaliação Institucional:** Executada pela Unidade Escolar para analisar seus avanços e localizar aspectos que merecem reorientação.
- **Avaliação Externa:** Responsabilidade do Estado e da União, por exemplo, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

De acordo com Rocha (1999, p.52) “a avaliação deve ser entendida como um processo contínuo, participativo, com função diagnóstica, prognóstica e investigativa cujas informações propiciem o redimensionamento da ação pedagógica e educativa”. Dessa maneira, a escola compreende a avaliação como um processo contínuo, um permanente aprendizado do educador sobre o aprendiz. Por esta razão, a escola entende que o meio social deve ser levado em consideração no processo avaliativo. Nesse sentido, a escola defende a diversificação dos métodos avaliativos a fim de considerar as peculiaridades de cada indivíduo com seus limites e potencialidades. Para isso, a escola parte da premissa de que todos podem aprender, cada um com seu ritmo e a seu tempo, sendo assim a avaliação

adotada por essa instituição de ensino em todas modalidades de ensino é a formativa. A “avaliação formativa informa a situação do educando em relação aos objetivos propostos para a sua aprendizagem em cada período estabelecido” (PPP, 2015, p. 28). Ou seja, é um processo permanente de diagnóstico que orienta educador, educando e a família sobre o desenvolvimento da aprendizagem do educando.

Já no Ensino Médio a escola adota diferentes modalidades de avaliação que tanto podem ser realizadas pelas áreas do conhecimento, como podem ser feitas sínteses avaliativas elaboradas para cada aluno ou sistema de notas em cada disciplina. Na realidade, aceitam-se diferentes metodologias avaliativas.

Com relação às avaliações externas, a escola as considera um excelente instrumento avaliativo, haja vista que essas avaliações permitem que as falhas no processo educacional sejam identificadas. Além disso, essas avaliações servem também como diretrizes para que a escola estabeleça metas para uma melhor aprendizagem dos alunos. Portanto, a escola Amélia concebe o processo de avaliação como parte intrínseca do processo de ensinar e aprender.

Dessa forma, a avaliação é vista por essa instituição como o momento oportuno dese obter as informações necessárias sobre o desenvolvimento da prática pedagógica para assim poder intervir e reformular essa prática e o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, a avaliação é tida como um momento de tomada de decisão, de mudança de postura. Ou seja, ela oportuniza ao aluno o conhecimento dos resultados de sua aprendizagem e a direção para mudanças necessárias.

3 PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste presente capítulo faremos um breve esboço sobre as práticas de produção de texto que têm se evidenciado nas escolas e, apresentaremos, no decorrer do capítulo, a caracterização de nossa proposta de trabalho bem como o quadro teórico que a norteou.

Nas últimas décadas, temos presenciado inúmeros estudos a respeito das práticas de produção de texto, tanto nos níveis de Ensino Fundamental quanto Médio. Dentre esses autores que vêm se dedicando ao tema podemos citar Britto (1997), Geraldi (1993), Leal; Morais (2006), Kaufman; Rodrigues (1995), Val (2003), Schneuwly; Dolz (2004).

Sabemos que mesmo frente aos avanços das ciências da linguagem, o trabalho com a produção de texto em sala de aula, nos dias atuais, ainda pode ser considerado deficiente, uma vez que, após anos a fio na escola, nossos alunos continuam tendo má qualidade em suas comunicações escritas, ou seja, não conseguem produzir textos eficazes nas mais diversas situações. Segundo Matêncio (1994, p. 15),

a função primeira (e esperada) da escola seria [...] propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendessem, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos, assim como a de possibilitar que os alunos atuassem criticamente em seu espaço social.

Isso significa dizer que uma das responsabilidades da escola é garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. E para que isso aconteça é necessário repensarmos esse ensino em nossas escolas, a fim de garantirmos a nossos alunos o acesso ao mundo da escrita. Ou seja, a escrita é uma prática cultural e social que se constitui como uma arma de expressão poderosíssima nas mãos de quem a detém. Sem contar que, “ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia seja nos centros urbanos ou na zona rural” (MARCUSCHI2010 p. 16). Além disso, é importante que se frise que é

por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (PCN, 1997, p. 15).

Mas, infelizmente, sabemos que essas práticas de escrita, na forma comosão desenvolvidas em muitas escolas não têm conseguido garantir um uso eficaz da linguagem. E

isso se deve ao fato, conforme nos aponta Antunes (2005, p. 26), de que “além de escassas, as oportunidades de escritas limitam-se a uma escrita com finalidade escolar apenas.” E acrescenta ainda que “a essa escrita falseada falta um processo de retorno, pois falta, igualmente, um leitor à vista ou simulado” (ANTUNES, 2005, p. 27).

Ainda segundo a Antunes (2005, p. 29) “com algumas exceções, essa tem sido a prática costumeira das escolas, fica fácil entender por que a escrita fica reduzida a um exercício mecânico de escrever qualquer coisa, de qualquer jeito, que, afinal, não se sabe bem que fim se vai ter.” Sem contar que em algumas escolas, conforme nos aponta Soares (1999), “o ensino da escrita ainda se dá pela correção puramente gramatical e gráfica do produto final, sem que o aluno e até mesmo o professor conheçam o processo de elaboração das atividades de produção.” Assim, “a escassez de oportunidades de uma escrita socialmente significativa se soma ao agravante de uma escrita que é mero treinamento, para nada e para ninguém” (ANTUNES, 2005, p. 27). E isso contribui para que o trabalho em sala de aula se torne estéril e improdutivo.

Além disso, como demonstrado por Ferreiro (1993), a escola tem transformado a escrita de objeto social em objeto exclusivamente escolar. Pois, “determina o quê, quando e como deve ser escrito, ocultando as funções extraescolares da escrita”. Ou seja, é preciso que a escola tome para si a função de formar cidadãos que sejam capazes de exercer plenamente a sua cidadania, pois

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCN, 1997, p. 15)

Diante das constatações como as expostas acima, é que há uma necessidade imperiosa de repensar esse ensino em nossas escolas, e de ancorá-lo em situações de uso efetivo da linguagem, pois a escola, enquanto instância de trabalho com a linguagem e com o conhecimento historicamente produzido deve instrumentalizar o aluno para que ele use a linguagem em diferentes situações de comunicação.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA: DA MOTIVAÇÃO À PRODUÇÃO FINAL

As ponderações feitas até aqui, demonstram que é preciso uma tomada de posição com relação ao trabalho de produção de texto que se realiza em sala de aula. Por isso concordamos com Motta-Roth (2006, p.503), “ao afirmar que achar lugar para a escrita na vida do aluno não é suficiente, é preciso muito mais”. Por isso, a autora sugere que nós professores ampliemos o leque de possibilidade e de experiências de nossos alunos, para que assim eles possam vivenciar o mundo “lá fora”. E foi justamente isso que nos propusemos a fazer nesse trabalho. Procuramos trazer os problemas que são vivenciados no mundo lá fora para dentro da sala de aula, pois concordamos com Triebel, 2001, p.32 apud Motta- Roth, (2006, p.503) que “escrever só é importante na medida em que nos possibilita desempenhar papéis em uma sociedade [...]”. Ou seja, é preciso que as atividades de produção de textos escritos sejam ancoradas em situações de uso efetivo da linguagem.

Dessa maneira, a fim de alcançarmos o objetivo proposto com esse trabalho buscamos criar situações concretas de uso da linguagem, a fim de que a escrita tivesse sentido para esses alunos, que fosse uma oportunidade de revelação de suas vozes, do que pensam e do que querem dizer. Isto é, queríamos que o ato de escrever fosse algo significativo para esses alunos. Por esta razão, achamos necessário buscarmos no espaço social do aluno a motivação para essa atividade de escrita. Isso porque conforme demonstrado por Silva (1994, p. 14) o “espaço social não é apenas o lócus da elaboração da língua escrita, mas constituinte desse processo”. Dessa forma, coadunamos com a ideia de que “a escrita é uma prática social que só adquire sentido no espaço social da interlocução” (SILVA 1994, p. 14). Por isso, acreditamos que se o espaço social é constituinte desse processo de escrita, nada mais natural de que as situações de escrita parta desse contexto.

Além do mais, é importante que se ressalte que “a escrita é mais uma forma de participação social, e que por meio do texto escrito os alunos podem agir em esferas sociais a que anteriormente (quando não escreviam textos) não tinham acesso de forma autônoma” (LEAL; BRANDÃO, 2007, p. 50). Sem contar que é “essa participação no mundo da escrita que vai instrumentalizá-los, cada vez mais, para se inserirem em eventos diversificados nesta nossa sociedade letrada (sociedade em que a escrita permeia as relações em diferentes contextos de interação” (LEAL E BRANDÃO, 2007, p. 55).

Justamente pensando na importância de se rever a forma como se trabalha a produção escrita em sala de aula, resolvemos ir à busca de uma temática que fosse ao encontro das necessidades dos alunos e que os levassem a refletir sobre a importância da escrita como

uma forma de participação social. Sendo assim, decidimos trabalhar com a temática infraestrutura urbana, tendo em vista que, uma precária infraestrutura urbana influencia a qualidade de vida da população.

Outro ponto que merece ser reiterado é que quando nos propusemos a trabalhar a produção de texto nessa perspectiva estávamos pensando em propor uma atividade de escrita que levasse os alunos a se sentirem sujeitos-ativos na construção do próprio conhecimento.

Isso porque, conforme já demonstrado por Geraldi (2002, p. 128) “na escola não se produzem textos em que um sujeito diz sua palavra, mas simula-se o uso da modalidade escrita [...]”. Com base nessa afirmação, entendemos que a simulação do uso da escrita se dá por intermédio da redação, pois a mesma anula o papel do aluno, enquanto sujeito ativo de seu discurso. E é justamente esse lugar de sujeito que é ocupado pelo aluno que distingue a redação da produção de texto.

De acordo com Geraldi (1991, p. 36), “há uma distinção entre a redação e a produção de texto”. Segundo esse autor na redação “se produzem textos para a escola”, enquanto que na produção de textos “produzem-se textos na escola”. Ainda conforme esse autor “na escola não se escrevem textos, produzem-se redações. E estas nada mais são do que a simulação do uso da língua escrita, uma vez que o exercício de redação é artificial, simulado, pois o texto não possui interlocutor e, portanto, não se configura por uma relação dialógica” (GERALDI, 2002, p. 90).

A partir da perspectiva acima apresentada podemos concluir que a produção de texto na escola não é trabalhada como uma prática social, pois a escola não possibilita ao aluno um espaço para vivenciar experiências pessoais. Pelo contrário, o que ocorre muitas vezes é que as atividades de produção escrita que vêm sendo propostas correspondem apenas a uma solicitação do professor, constituindo assim como mais uma tarefa escolar.

Com base nas afirmações aqui expostas, podemos afirmar que o norteou nosso trabalho foi a perspectiva adotada por Geraldi (2002, p. 91) quando define “por prática de produção de texto o uso efetivo e concreto da linguagem, com fins determinados pelo locutor ao falar e escrever”.

Então, para que chegássemos a uma proposta de produção de texto que propiciasse aos alunos um uso efetivo e concreto da linguagem, optamos primeiramente em conhecer a realidade dos alunos, tendo em vista que “se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais eles se veem confrontados em seu dia a dia” (PCN, 1997, p. 44). Cabe esclarecer que o que entendemos por realidade do aluno perpassa pelo contexto social onde

ele vive e também pelos seus interesses os quais são influenciados pelas informações que recebe. Dessa maneira, para conhecermos um pouco mais dessa realidade interagimos com esses alunos a fim de que eles sentissem seguros para expor seus interesses e um pouco de si mesmos, pois corroboramos com a ideia de que

uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção de conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos”. (PCN, 1998, p. 24)

Por conseguinte, depois de conversas informais com a turma percebemos que ao tratar de questões ligadas ao meio social ao qual eles viviam, percebemos nitidamente na fala de muitos uma insatisfação em relação ao lugar onde moravam e até mesmo com a própria escola.

Desta forma, para dar uma maior sustentação para este projeto de intervenção fizemos, por meio de um questionário, um levantamento dos principais problemas que afetavam o bairro onde os alunos residiam. Após a análise desse questionário, percebemos que dentre os problemas apontados pelos alunos, os mais recorrentes foram os ligados ao tema infraestrutura urbana tais como ausência de pavimentação, ausência de redes de esgoto, falta de iluminação pública em algumas vias e a falta de segurança.

Diante dessa situação que se delineava, percebemos que era um momento oportuno de mostrarmos aos alunos que por meio de diferentes gêneros textuais, eles poderiam atuar criticamente em seu espaço social, pois cremos que “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” (PCN, 1998, p. 23). De acordo com Petroni (2008),

a competência discursiva materializa-se, então, na compreensão do funcionamento e na produção dos diferentes discursos que circulam na sociedade, cada qual construído com diferentes mecanismos, cuja apropriação permite ao aluno transformar-se em sujeito do seu texto e não mero repetidor de ideias.

Por conseguinte, a competência discursiva pode ser entendida como “o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita” (PCN, 1998, p. 23). Em outras palavras, é a capacidade que os usuários da língua têm ou deverão ter para, ao criarem seus textos, escolham o gênero que melhor lhes convier.

É de conhecimento de todos que os gêneros existem em número ilimitado, e mesmo

que quiséssemos tratar de todos eles, isso não seria possível. Por isso, como demonstrado pelos PCN (1998, p. 24) “é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada”. Por isso, esse documento sugere que a escola priorize os gêneros

[...] que caracterizam os usos públicos da linguagem, uma vez que [...] por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (PCN, 1998, p. 24)

Destarte, diante das orientações dos PCN, é que consideramos de suma importância o trabalho com os gêneros da ordem do argumentar, tendo em vista que ao privilegiarmos os gêneros que “aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros” (PCN 1998, p. 26), estaremos propiciando o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos alunos.

Em virtude disso, é que escolhemos como objeto de ensino o gênero carta argumentativa de reclamação, tendo em vista que os propiciariam uma prática de produção de texto com finalidades e interlocutores bem definidos. Além do mais, esse gênero se constitui em um instrumento legítimo do exercício da cidadania, uma vez que possibilita o desenvolvimento de uma reflexão e um discurso crítico a respeito de algo que merece ser reclamado, sendo assim, necessita de uma construção argumentativa que apoie a insatisfação destacada.

Ademais, concordamos com a tese de “quem quiser não ser submisso, mas ser capaz de fazer que sua voz seja ouvida em pé de igualdade com a dos outros, precisa também saber argumentar e defender-se” (BERNARD, 2008.p. XI). Ou seja, aprender a linguagem argumentativa “é, em última instância, defender a própria cidadania, visto os discursos - quer o que lemos ou escrevemos- poderem igualmente libertar ou oprimir, manipular ou revelar como é feita a manipulação” (CITELLI, 1994, p. 8).

Em vista disso, é que acreditamos que o trabalho com argumentação em sala de aula seja de suma importância, uma vez que “argumentar é uma atividade social especialmente relevante, que permeia a vida dos indivíduos em todas as esferas da sociedade, pois a defesa de pontos de vista é fundamental para que se conquiste espaço social e autonomia” (LEAL; MORAIS, 2006, p. 8). E a carta de reclamação, que constituiu nosso objeto de ensino, é um desses instrumentos que contribui para uma reflexão crítica da realidade, uma vez que esse gênero, que é da ordem do argumentar, leva os sujeitos a se depararem com questões

controversas, em que os alunos são levados a exporem opiniões, pontos de vista e a justificá-los na tentativa de convencer o leitor.

Cabe salientar que foi a partir desse contexto que iniciamos o trabalho de produção de texto com o gênero carta argumentativa de reclamação, que se efetivou por meio da temática infraestrutura urbana.

3.1.2 O trabalho com o gênero carta de reclamação

Para iniciarmos o trabalho com o gênero carta de reclamação apresentamos, primeiramente, aos alunos o projeto de trabalho que desenvolveríamos com eles, a fim de propiciar situações autênticas de uso da escrita. Nessa apresentação, mostraremos as etapas que constituíram nosso trabalho, com o objetivo de instrumentalizá-los para a escrita da carta de reclamação.

Dentre as etapas que constituíram nosso trabalho podemos citar duas que consideramos imprescindíveis no trabalho com a produção de texto. Uma delas é o conhecimento sobre a temática em estudo e a outra é o conhecimento a respeito do gênero textual que será produzido. Primeiramente, é importante ter claro que o conhecimento sobre o assunto que se vai escrever é fundamental para a produção escrita, uma vez que “a leitura sobre determinado tema nos dota de conhecimentos que favorecem a escrita de textos que tenham finalidades relacionadas a esse tema ou correlatos” (LEAL e MELO 2007, p. 22). Por essa razão, é que concordamos com as autoras Leal e Melo (2007, p. 26) ao afirmarem que “para aprendermos a escrever, precisamos ler textos variados, para construirmos uma bagagem de conhecimentos temáticos e de conhecimentos relativos às características dos vários gêneros textuais”. Conforme bem lembrado por Leal e Brandão (2007, p. 46), na hora de se produzirmos um texto “buscamos, na memória, os conhecimentos relativos ao tema, à organização e configuração dos textos”, o que ratifica a importância desses conhecimentos.

Por este motivo é que a primeira parte de nosso trabalho constitui-se de leitura de vários textos sobre o assunto infraestrutura urbana e seus subtemas (pavimentação, rede de esgoto, iluminação pública e falta de segurança). Pois, concordamos com a ideia de que “há uma multiplicidade de ações e de conhecimentos necessários para que aprendamos a produzir textos” (LEAL; BRANDÃO, 2007, p. 47). Ou seja, para que se produza um texto é necessário conhecer sobre o tema, fato ou assunto que se irá escrever, pois ninguém cria do nada.

Essa afirmação vem coadunar com a ideia de Kato (1994, p. 86) de que escrever não é “uma simples inspiração, que pode ser expressa pela fórmula mágica **pensou-escreveu**”.

Pelo contrário, escrever é antes de tudo um ofício, um trabalho que requer disciplina, esforço, dedicação, estudo e vontade de aprender. Por este motivo é que o nosso papel enquanto professor é imprescindível, pois só assim poderemos mediar os conhecimentos já construídos pelos alunos e aqueles que se fazem necessários desenvolver.

Como visto acima, além da leitura que amplia nosso conhecimento e aumenta nosso repertório de informações, outros conhecimentos se fazem necessários na hora de se produzir um texto, uma vez que a produção de discursos não acontece no vazio. Ou seja, todo texto se organiza dentro de um determinado gênero, que por sua vez constitui formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura e caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Isso significa dizer que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKTHIN, 2003, p. 282).

Em outras palavras, a composição de qualquer texto escrito implica conhecer as características linguísticas, textuais e discursivas do gênero em questão, uma vez que “todo texto se concretiza numa determinada forma de construção, que engloba certa sequênciade elementos, mais ou menos estipulados” (ANTUNES, 2009, p.58).

Isso significa dizer que todo texto tem suas próprias configurações, seu domínio de circulação e seu propósito comunicativo. E isso precisa tornar-se objeto de ensino, pois “a familiaridade dos alunos com a diversidade de gêneros os deixaria aptos a perceberem e a internalizarem as regularidades típicas de cada um desses gêneros, além de favorecer a capacidade de alterar os modelos e criar outros novos” (ANTUNES, 2009, p. 60).

Segundo Marcuschi (2008, p. 154) “toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero [...]”, ou seja,

se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível(BAKTHIN, 2003, p. 283).

As afirmações descritas acima ratificam a importância de se trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula, já que cada situação comunicativa exige um tipo de texto com características próprias. Nesse sentido, é que a segunda etapa de nosso trabalho se constituiu de um estudo sistemático do gênero carta de reclamação e de suas características constitutivas. Isso porque coadunamos com a ideia de que é papel da escola “possibilitar ao aluno o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a

ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola e fora dela” (KOCH; ELIAS 2009, p. 74). Ademais, acreditamos que “quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (MARCUSCHI, 2011, p. 20).

Conseqüentemente, foi a partir da escolha do gênero a ser estudado é que encaminhamos as atividades que seriam desenvolvidas com os alunos a fim de que refletissem sobre os conteúdos que seriam estudados e sobre as capacidades de leitura que demandariam de cada um deles na “sequência didática”.

Para uma melhor compreensão do que seria um trabalho por ‘sequência didática’ trazemos aqui a definição dada por Dolz, Noverraz e Schneuwly. De acordo com esses autores (2004, p. 82) ‘a sequência didática’ seria “um conjunto de atividades organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ou seja, a ‘sequência didática’ é formada por uma série de oficinas de ensino-aprendizagem, compostas por atividades e exercícios que seguem uma determinada ordem para resolver, progressivamente, as dificuldades dos alunos.

Dessa maneira, as ‘sequências didáticas’ têm por finalidade “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 83). Ainda nessa mesma linha de considerações Marcuschi (2008, p. 214) ratifica que “a finalidade de trabalhar com sequências didáticas é proporcionar aos alunos um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero”.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004) a estrutura de base de uma sequência didática pode ser representada pelo seguinte esquema:

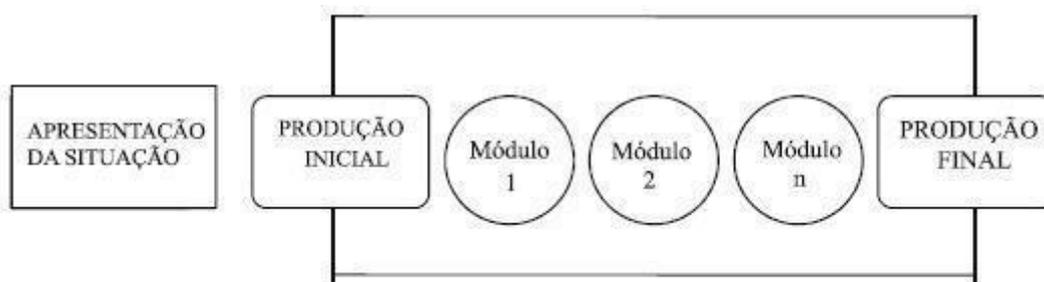


FIGURA 1 - Esquema da sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Assim, seguindo o modelo proposto pelos autores acima, iniciamos com os alunos a “sequência didática” do gênero carta de reclamação que consistiu na *apresentação da*

situação que seria realizada pelos alunos. Sendo assim, a partir desse momento, oportunizamos a esses alunos um estudo a respeito do gênero carta argumentativa de reclamação, bem como de seu contexto de produção e circulação.

Para uma melhor compreensão dessa etapa de trabalho trazemos aqui a definição dada por Dolz, Noverraz e Schneuwly. De acordo com esses autores,

a apresentação da situação visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final. Ao mesmo tempo, ela os prepara para a produção inicial, que pode ser considerada uma primeira tentativa de realização do gênero que será, em seguida, trabalhado nos módulos (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.84).

Foi a partir dessa situação que expusemos a nossos alunos que o trabalho de produção escrita que realizariam culminaria na escrita de uma carta argumentativa de reclamação que, além de atender um propósito de comunicação claro e definido, também seria parte da composição de uma coletânea de cartas argumentativas de reclamação.

Consideramos que esse momento foi de suma importância, pois conforme exposto por Schneuwly e Dolz (2004, p. 84) “é o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada.” Por este motivo é importante que a cena textual fique clara para o aluno.

E foi justamente isso que fizemos nesse primeiro momento. Apresentamos aos alunos os conteúdos que seriam necessários para um melhor conhecimento do gênero carta argumentativa de reclamação, tais como: as características do gênero, os seus elementos constitutivos e a seleção de argumentos.

Dessa maneira, concordamos plenamente com Geraldi (2013, p. 137) ao afirmar que

para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a). (b), (c) e (d).

Depois de tecermos algumas considerações sobre o gênero em estudo, fomos a busca de mais fundamentação teórica sobre o gênero carta argumentativa de reclamação. E para isso recorremos a vários estudos sobre ao assunto e, terminamos por nos depararmos com o que as autoras Silva e Leal já haviam apontado (2007, p. 2) “uma escassez de publicações”. Diante disso, recorremos aos estudos de Silva e Leal (2007, p. 5) em que as autoras

investigaram como as cartas de reclamação são organizadas por aqueles que as adotam numa determinada situação de comunicação. Assim, após analisar 20 cartas que foram retiradas de várias fontes, as autoras constataram a existência de 10 componentes textuais que podem ser encontrados no corpo de uma carta de reclamação. São eles:

1) indicação do objeto alvo de reclamação; 2) indicação das causas do objeto alvo de reclamação; 3) justificativa para convencimento de que o objeto pode ser (merece ser) alvo de reclamação; 4) indicação de vozes que não consideram que o objeto pode ser alvo de reclamação; 5) resposta ao contra argumento relativo à pertinência da reclamação; 6) indicação de sugestões de providências a serem tomadas; 7) justificativa para convencimento de que a sugestão é adequada; 8) levantamento de vozes que não consideram que as sugestões são boas; 9) resposta ao contra argumento quanto à pertinência da sugestão de providências; 10) saudação (SILVA; LEAL, 2007, p. 5).

Diante dessa constatação as autoras concluíram que “a carta de reclamação tem suas peculiaridades”, e que é “comum neste gênero não apenas expor o objeto de reclamação, mas, sobretudo, justificar sua pertinência e mostrar de forma clara as consequências do problema” (SILVA; LEAL 2007, p. 10). Outro ponto levantado por essas autoras em relação à tipologia da carta de reclamação é que mesmo estando

dentro da ordem do argumentar, uma vez que a mesma apresenta predominância de sequências tipológicas argumentativas, [...] pode-se lançar mão, em seu corpo, de outras sequências tipológicas, o que faria a carta de reclamação ser chamada de texto heterogêneo (SILVA; LEAL, 2007, p. 1).

Assim, essa heterogeneidade acaba sendo constitutiva desse gênero, já que na tentativa de convencer o interlocutor, relata-se o histórico dos problemas que incomodam, levantam-se contra-argumentos, enumeram-se as causas e consequências da situação que enfrenta e faz referências a dados concretos.

Logo após apresentação da situação de produção do gênero e dos conteúdos subjacentes, foi desenvolvida a primeira produção desse gênero: a escrita de uma carta argumentativa de reclamação dirigida ao prefeito de Rondonópolis. Com relação à primeira produção, os autores Schneuwly e Dolz trazem algumas considerações. Para eles, “a produção inicial tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor”, pois “permite descobrir o que já sabem fazer e conscientizar-se dos problemas que eles mesmos, ou outros alunos, encontram” (SCHNEUWLY; DOLZ 2004, p. 86). Ou seja, a partir do que foi exposto, entendemos que essa etapa é crucial para o desenvolvimento do trabalho, pois representa a primeira atividade de produção escrita em que o texto vai ser avaliado e revisto tantas vezes forem necessárias até chegar ao estágio final de

elaboração.

Logo após a análise dessa primeira produção, identificamos as principais dificuldades encontradas por eles. A partir daí, definimos o que seria trabalhado em cada módulo da sequência didática “a fim de se desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos, que, apropriando-se dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, estariam mais preparados para realizar a produção final” (SCHNEUWLY; DOLZ 2004, p.86-87).

Para os autores Schneuwly e Dolz (2004, p. 87), a construção dos módulos serve para “trabalhar os problemas que aparecem na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los”, como, por exemplo, “Como foi a representação da situação de comunicação? Como foi a elaboração dos conteúdos? Como foi o planejamento do texto? Como foi a realização do texto?” (MARCUSCHI, 2008, p. 215-216).

Tendo em vista que saber sustentar as ideias e opiniões com clareza e com bons argumentos são aptidões importantes não só nas salas de aula, mas, principalmente, para a formação de cidadãos atuantes na sociedade, resolvemos trabalhar no primeiro módulo com atividades ligadas ao domínio da argumentação, pois consideramos que dominar essa modalidade “é, em última instância, defender a própria cidadania” (CITELLI, 1994, p. 8). Sem contar também que é, por meio da argumentação, que convencemos, influenciemos, persuadimos, defendemos ou repudiamos uma tese ou um ponto de vista.

Ademais, deve-se ter em mente que o ato de expor opiniões ou necessidades é fundamental para a formação da cidadania. Por isso, é de suma importância que a escola desenvolva nos alunos essa competência argumentativa, para que eles possam utilizar a linguagem com maior desenvoltura. Na mesma linha de pensamento Ortiz e Castelló (2011, p. 251-252) afirmam que “a argumentação [...] torna-se essencial na educação do século XXI [...]”, uma vez que ela é tida como “uma habilidade que ocupa lugar central nos processos de ensino-aprendizagem e na construção do conhecimento”.

Isto quer dizer que, muitas serão as situações que exigirão dos alunos o domínio da argumentação, que precisarão ser convincentes, saber argumentar, saber apresentar boas razões e argumentos no sentido de suportar uma determinada tese subjacente a um determinado discurso. “Portanto, devemos entender que o diálogo e a aptidão para trocar ideias, para argumentar, são essenciais na vida profissional” (MEYER, 2008, p. XII).

Foi justamente pensando em melhorar a capacidade argumentativa de nossos alunos que o primeiro módulo foi direcionado com atividades ligadas a construção de um discurso argumentativo. Haja vista que, após análises dos primeiros textos, percebemos a nítida falta de argumentos, de justificativas que descrevessem de maneira clara os problemas do bairro e

suas diversas consequências. É nesse sentido, que necessário que os alunos tenham clareza de que, seja para apresentar reclamações acerca de um problema voltado para a comunidade de uma forma geral, seja para solicitar que algo seja resolvido, o fato é que quanto mais argumentos, calcados em bases sólidas, apresentarem mais possibilidades de retorno eles terão.

É interessante destacar que o trabalho com a argumentação ainda é pouco explorado em sala de aula, o que termina por confirmar o que alguns estudos já vinham demonstrando, como por exemplo, o estudo de Lemes (2013). De acordo com essa autora (2013, p. 95) “a escola, embora seja tida como o lugar designado para a circulação do conhecimento científico - incluindo o da argumentação[...] não tem promovido a propagação desse saber [...]”. Em outras palavras, embora a escola tenha a responsabilidade por este ensino, ele não chega a efetivar-se. Com relação a esse mesmo assunto, Leitão afirma “que é preocupante constatar que a argumentação é ainda relativamente pouco frequenteno cotidiano da sala de aula” (LEITÃO, 2011, p.35). Ou seja, estudo da argumentação continua relegado nas escolas.

Outro aspecto destacado por Lemes (2013, p.107) com relação à argumentação é que segundo ela, “a argumentação deve ser entendida, sobretudo, como um direito do sujeito”, tendo em vista que a construção da cidadania passa pelo aprendizado desse conteúdo. Levando em consideração o que esses estudos trazem, podemos dizer que é muito importante propiciarmos a nossos alunos situações em que realmente ocorra o exercício da argumentação, pois se observarmos bem as produções escritas de nossos alunos, constataremos a imensa dificuldade que eles apresentam tanto para expor suas opiniões quanto para construir argumentos consistentes para seus textos.

Além disso, outra situação que se faz necessária no interior da sala de aula é a distinção entre fato e opinião. Para uma melhor compreensão desse assunto, recorreremos aos estudos de Meyer (2008). Segundo esse autor (2008, p. 44-45) o fato pode ser entendido como “um elemento concreto pertencente à esfera da realidade; pode ter sido diretamente vivenciado pelo emissor ou ter chegado ao seu conhecimento por meio de leituras, estudos, relato alheio ou informação da mídia”. Ou seja, é algo cuja existência independe de quem escreve. Já a opinião ele a caracteriza da seguinte forma “como “um subconjunto da ideia, pois se trata de uma noção subjetiva” que segundo ele “sendo pessoal, está vinculada à liberdade de apreciação de cada um” (MEYER, 2008, p. 45-46). Isto é, a opinião é a maneira pessoal de ver o fato, a apreensão de conceitos e valores a partir de algo pré-existente, que é o fato. É muito importante que o aluno saiba fazer essa distinção, tendo em vista que deixar que o fato prevaleça num texto que se quer opinativo é cometer um sério equívoco. Ou seja, é

trocar um texto de caráter argumentativo por um texto meramente narrativo. Portanto, é preciso que se manejem os fatos com precaução.

Assim, com o objetivo de levarmos os alunos a se apropriarem dos assuntos estudados durante o módulo e, conseqüentemente, a revisar seus próprios textos, foi trabalhado diversas atividades ligadas ao domínio da argumentação. No que tange à revisão textual, algumas considerações são necessárias. Uma delas, é que a revisão textual não se restringe apenas a aspectos ligados à correção ortográfica e gramatical. O outro é que esse trabalho envolve um processo muito mais elaborado, que perpassa desde a coerência do texto até aspectos ligados à coesão textual. Assim sendo, partiremos do princípio de que a clareza textual representa uma das características imprescindíveis à modalidade escrita da linguagem.

De acordo com os PCN (1997, p. 54) a revisão de texto pode ser entendida como um “conjunto de procedimentos por meio dos quais um texto é trabalhado até o ponto em que se decide que está, para o momento, suficientemente bem escrito”. Com relação a esse assunto Brandão (2007, p. 120) acrescenta que “revisar um texto é torná-lo objeto de nossa reflexão, é pensar sobre o que foi ou está sendo escrito e encontrar meios para melhor dizer o que se quer dizer, reelaborando e reescrevendo o já escrito”. Em outras palavras, é preciso analisar a linguagem percebendo se ela está adequada ao objetivo e à mensagem do autor. Outro ponto que também deve ser levado em consideração é que

na atividade de escrita [...] o escritor pode considerar seu texto como um objeto a ser retrabalhado, refeito, mesmo a ser descartado, até o momento em que o dá a seu destinatário”. Quer dizer “o texto permanece provisório enquanto estiver submetido a esse trabalho de reescrita (SCHNEUWLY e DOLZ 2004, p. 94-95).

No que tange ao trabalho de reescrita ou de revisão textual, é de suma importância que os alunos sejam conscientizados de que a refacção textual faz parte do processo de escrita. E que durante a elaboração de um texto vários aspectos do texto precisam ser revistos, ou até mesmo reformulados, suprimidos ou reordenados. Desse modo, um texto para ser considerado pronto será sempre produto de sucessivas versões.

Segundo os PCN (1998, p. 77) “separar, no tempo, o momento de produção do momento de refacção produz efeitos interessantes para o ensino e a aprendizagem de um determinado gênero”, pois ainda segundo esse documento

- Permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, de maneira a poder atuar sobre ele criticamente;
- Possibilita que o professor possa elaborar atividades e exercícios que forneçam os instrumentos linguísticos para o aluno poder revisar o texto (PCN,

1998, p. 77).

Nessa perspectiva, a revisão deixa de ser uma mera higienização do texto e, passa a ser um trabalho de profunda reestruturação textual. Ou seja, o aluno passa a ter consciência de que “escrever é (também) reescrever” (SCHNEUWLY e DOLZ 2004, p. 94-95). Portanto, podemos dizer que “considerar seu próprio texto como objeto a ser retrabalhado é um objetivo essencial do ensino da escrita” (SCHNEUWLY e DOLZ 2004, p. 94-95).

Outra consideração que se faz necessária com relação à revisão textual é que nem sempre os alunos são capazes de perceberem aquilo que precisa ser revisado em seus textos. Por isso é importante que os alunos distanciam-se de seus textos para que consigam avaliá-los como leitores críticos. A respeito desse assunto Brandão (2007, p. 133) esclarece que “nem sempre [...] os alunos são capazes de identificar todos os problemas num texto escrito por eles. Além disso, mesmo quando isso ocorre, é possível que estes não se mostrem capazes de agir no sentido de solucioná-los”. Por esta razão, é que caberá a nós professores conduzir o trabalho de revisão de modo mais diretivo, no qual poderemos dar sugestões ou levantar questionamentos. Ou até mesmo conforme sugerido por Brandão

indicar os problemas de modo mais específico e mostrar onde eles ocorrem no texto. Também, às vezes, será necessário apresentar algumas possibilidades de solução para os alunos que não conseguem encontrar as próprias saídas de modo independente [...] (Brandão, 2007, p. 128).

Outra observação que é necessária sobre esse assunto é com relação à revisão ortográfica. Com relação a esse assunto, Schneuwly e Dolz (2004, p. 99), afirmam que “a questão da correção ortográfica não deve obscurecer as outras dimensões que entram em jogo na produção textual”, por isso sugerem que a revisão ortográfica ocorra na versão final do texto, pois acreditam que isso “não só permite centrar os esforços em problemas textuais, mas também evita sobrecarregar o aluno com correção de palavras ou de passagens que serão suprimidas” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 99). Acreditamos assim que, ao se trabalhar com questões de ordem ortográfica ao final do processo da produção escrita faz com que o aluno não perca de vista o sentido do trabalho que está realizando.

Dessa forma, sem perder de vista as considerações aqui expostas, o segundo módulo da sequência didática foi direcionado a um estudo mais sistemático das características constitutivas do gênero em estudo. Para isso, foram propostas aos alunos diversas atividades, cujo objetivo era levar os alunos a observarem, analisarem e, conseqüentemente, a construírem inferências sobre a natureza do gênero em estudo, bem como de seu ambiente comunicativo,

de suas sequências dominantes e de suas marcas linguísticas, pois acreditamos que essas medidas propiciam uma melhor compreensão do objeto em estudo. Ademais, acreditamos que se o objetivo da escola “é formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia [...] é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar com a escrita da linguagem” (PCN 1997, p. 48) tanto nos aspectos notacionais quanto discursivos.

Justamente por razões como as descritas acima, é que o terceiro módulo da sequência didática deteve-se a questões relativas ao domínio da língua, já que ao produzir um texto, muitos alunos acabam se confrontando com diversos problemas, problemas estes, ora provenientes de questões relativas à sintaxe da frase, ora provenientes da morfologia verbal ou da ortografia e até mesmo da própria organização do pensamento. Por este motivo, que se tornou fundamental o trabalho com questões provenientes desses domínios nesse terceiro módulo.

Cabe citar ainda que, dentre as muitas dificuldades inerentes ao ato de escrever, as mais recorrentes são a utilização de frases incompletas, pontuação insuficiente, falta de estruturação dos parágrafos, questões de ordem ortográfica, ausência de concordância verbal e nominal e problemas relacionados à coesão e à coerência.

Embora saibamos que um dos objetivos traçados pelos PCN (1998, p. 52) em relação à prática de produção de textos escritos é que o aluno saiba utilizar os padrões da escrita com propriedade e desenvoltura, sabemos que nem sempre isso se torna possível. Um dos motivos que levam a isso, é que a escrita é uma atividade complexa. O outro é que o domínio da escrita não se dá de forma automática, mas sim de forma gradual e progressiva. Ou seja, conforme se passam os anos de escolarização dos estudantes mais conhecimento eles adquirirão em relação à língua escrita. Além disso, podemos dizer que:

o domínio de uma sintaxe mais elaborada não está ligada a um gênero específico. Ele passa pela compreensão e pela apropriação das regras gerais que dizem respeito à organização da frase e necessita de conhecimentos explícitos sobre o funcionamento da língua nesse nível. Trata-se, portanto, de desenvolver nos alunos capacidades de análise que lhes permitam melhorar esses conhecimentos (SCHNEUWLY e DOLZ 2004, p. 97).

Isto significa dizer que embora a criação de contextos efetivos de uso da linguagem seja uma condição necessária, ela não é suficiente para garantir um pleno domínio da modalidade escrita. Ou seja, para que o aluno domine a modalidade escrita outros conhecimentos são necessários, tais como as noções de: paragrafação, de coesão e de

coerência. Para um melhor entendimento desse assunto, recorreremos a estudos como os de Koch (2004), Koch e Travaglia (2003) e ao de Antunes (2005), porém sem um aprofundamento exaustivo sobre o assunto.

De início é interessante destacar que, no âmbito da Linguística Textual, a coerência é compreendida como uma propriedade diretamente ligada à possibilidade de o sujeito estabelecer um sentido para o texto. Ou seja, é ela que estabelece uma relação semântica e pragmática entre os elementos de uma sequência linguística, criando assim uma unidade de sentido. Na mesma direção Koch e Travaglia (2003, p. 21), ratificam que a coerência “está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que um texto faça sentido para os usuários [...]”. Em outras palavras, ela é o resultado da não contradição entre as partes do texto e do texto com relação ao mundo.

Já a coesão é compreendida por Koch (2004, p. 35) como uma das responsáveis pela legibilidade do texto, tendo em vista que ela é definida como “[...] a forma como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também lingüísticos, de modo a formar um ‘tecido’(tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente”.

Como podemos perceber tanto a coerência quanto a coesão devem estar presentes no corpo de um texto, pois sabemos que a ausência desses elementos faz com que o texto perca o sentido e se apresente de forma contraditória. Por este motivo, é que a coesão e a coerência devem ser entendidas como “duas faces do mesmo fenômeno” (KOCH; TRAVAGLIA, 2004, p. 52). Ou melhor, devem ser entendida como “um processo de mão dupla” (KOCH; TRAVAGLIA, 2006, p. 49).

De acordo com Antunes (2005, p. 47) um texto é considerado coeso quando “suas partes- [...] das palavras aos parágrafos- não estão soltas, fragmentadas, mas estão ligadas, unidas entre si”. “Daí que a função da coesão é exatamente a de promover a continuidade do texto, a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade” (ANTUNES 2005, p. 48).

Por outro lado, para que um texto seja reconhecido como uma totalidade semântica é necessário um bom domínio dos elementos coesivos, já que um emprego inadequado desses elementos ou uma inadequada interpretação de seu uso pode constituir um problema sério tanto na produção escrita quanto na recepção de textos, o que pode gerar incoerência e dificultar a interpretação do texto. Em vista disso, é que há uma necessidade em se trabalhar o uso desses articuladores textuais ou conectores, já que eles contribuem para uma melhor compreensão tanto do processo de construção do sentido do texto quanto do discurso. Além

disso, são eles os responsáveis pela ordenação do texto, pelo seu encadeamento, ou seja, pela sua coesão. Para Antunes (2005, p. 55) os conectores desempenham uma função muito importante,

pois indicam relação semântica que pretendemos estabelecer entre aqueles segmentos: orações, períodos, parágrafos. São relações de causalidade, de temporalidade, de oposição, de finalidade, de adição, entre outras, as quais vão indicar a direção argumentativa de nosso texto, além de funcionarem como elos com que se conectam as várias partes de um texto.

Conforme demonstrado por Antunes (2005, p. 167) essas relações coesivas ocorrem por meio de vários recursos que a gramática disponibiliza tais como:

- a) os diferentes pronomes (pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, relativos);
- b) a elipse (de termos, de expressões e até de segmentos maiores);
- c) os numerais (seja numa sequência temporal seja na sequência das referências feitas);
- d) os artigos (a escolha, na sequência do texto, entre um artigo indefinido ou um definido interfere bastante na identificação dos referentes textuais);
- e) os diferentes tipos de conectores, incluindo aí (preposições, conjunções, advérbios e respectivas conjunções).

Dessa maneira, podemos asseverar que, todos esses elementos colaboram para que um texto se constitua como interpretável para o interlocutor e, que muitos dos problemas de coerência derivam de seu mau emprego. Diante disso, no capítulo seguinte, explicitaremos todas as atividades que foram desenvolvidas com o intuito de ampliar a capacidade comunicativa de nossos alunos.

3.1.3 Relato da Aplicação da Proposta: Uma Experiência Didática

No presente capítulo, serão descritas de uma forma bem detalhada todas as atividades que foram desenvolvidas nesse projeto de intervenção pedagógica. Dessa maneira, com o intuito de propiciar uma melhor compreensão deste trabalho didático-pedagógico dividiremos as atividades aplicadas com os alunos em três subcapítulos.

No primeiro subcapítulo relataremos o processo de investigação das dificuldades de aprendizagem dos alunos até a escolha da temática de trabalho infraestrutura urbana.

Posteriormente, descreveremos de forma mais detalhada as atividades que desenvolvemos com os alunos a fim de propiciar um maior conhecimento sobre essa temática e seus subtemas: saneamento básico, pavimentação urbana, iluminação pública e segurança. Já no subcapítulo seguinte relataremos o trabalho que realizamos com o gênero carta argumentativa de reclamação por meio de uma sequência didática que teve como base os estudos de Schneuwly e Dolz (2004). Já o último subcapítulo faremos uma análise das cartas argumentativas de reclamação produzidas pelos alunos observando a presença dos seguintes componentes textuais: objeto alvo de reclamação, justificativa da reclamação e sugestão. Por fim, analisaremos uma carta argumentativa de reclamação produzida por um dos alunos a fim de observarmos como se deu a apropriação do gênero carta argumentativa desde a primeira produção até a versão final da carta.

3.1.4 Da investigação à escolha da temática

A primeira etapa deste trabalho constituiu, primeiramente, em uma investigação minuciosa das principais dificuldades apresentadas pelos alunos com relação ao ensino de Língua Portuguesa, para posteriormente, pensarmos em quais problemas seria necessária uma intervenção pedagógica. Diante dessa primeira análise, constatamos o que vários estudos já vinham anunciando: a grande dificuldade dos alunos em ler no sentido de compreender os diversos gêneros de textos que circulam socialmente e a de produzir textos adequados as mais diversas situações comunicativas.

Diante dessa situação que se delineava, resolvemos então iniciar nossa intervenção pedagógica partindo das dificuldades com relação à prática de produção de textos. Conforme já anunciado nesse trabalho, “em muitas escolas, os alunos têm poucas oportunidades de vivenciar escritas de textos para atender a finalidades claras e a destinatários variados” (LEAL; MELO 2007, p. 15). Diante disso, percebemos que com esse trabalho não só poderíamos melhorar a qualidade das produções escritas de nossos alunos como também propiciar o contato com diferentes gêneros de textos. O que implica em trazer para a sala de aula, “contextos significativos de leitura, que envolvem diferentes gêneros presentes no convívio social dos alunos e professores” (SOUZA; LEITE; ALBUQUERQUE, 2006 p. 31).

Assim, concordamos com as autoras Leal e Melo ao afirmarem que “aprendemos muito através da interação com diferentes materiais gráficos, quando participamos de situações em que a escrita adquire significação” (LEAL; MELO 2007, p. 21). E foi pensando

justamente na importância de ressignificar a atividade de escrita em sala de aula que, nessa primeira etapa de trabalho, resolvemos conhecer um pouco da realidade de nossos alunos, o contexto social onde eles estavam inseridos, suas preferências. Com relação a esse assunto Peixoto, Silva e Ferreira apud Souza, Leite e Albuquerque (2006, p. 31) destacam que é papel do professor “investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados”. E assim, partindo das orientações desses autores, buscamos conhecer um pouco mais da realidade desses alunos e, percebemos que muitos se mostravam insatisfeitos com o lugar onde viviam e até mesmo com o lugar onde estudavam. Foi em decorrência disso que aplicamos com esses alunos um questionário a fim de conhecermos os principais problemas que acometiam o bairro onde eles residiam.

Após analisarmos esse questionário, é que resolvemos trabalhar a produção de texto através de uma temática que fosse ao encontro das necessidades sociais de nossos alunos que no nosso caso a temática escolhida foi a infraestrutura urbana. A escolha dessa temática foi de suma importância para o nosso trabalho, tendo em vista que conhecer a importância da infraestrutura urbana para uma cidade ou até mesmo para um bairro é fundamental para termos cidadãos cientes de seus direitos e da responsabilidade do Poder Público em prover esses serviços à população. Além disso, sabemos que uma infraestrutura urbana adequada melhora a qualidade de vida da população, além de diminuir as desigualdades sociais. Portanto, a infraestrutura urbana deve ser entendida como um amplo conjunto de sistemas e suportes à vida cotidiana da população.

Nesse sentido, é que a primeira atividade que desenvolvemos com nossos alunos foi trabalhar o termo infraestrutura urbana. Para nossa surpresa, percebemos que muitos alunos desconheciam o significado desse termo. Então, para que eles compreendessem melhor o que era infraestrutura fizemos leituras de diversos textos que tratavam sobre essa temática. E, para que esse conceito fosse internalizado com mais facilidade pelos alunos, usamos como exemplo a própria escola, que naquele momento estava em reforma. Explicamos aos alunos que a escola não funcionaria sem uma infraestrutura adequada, por exemplo, energia, água, banheiros funcionando, carteiras disponíveis, entre outros serviços. E, a fim de que houvesse uma melhor compreensão tanto do conceito de infraestrutura quanto de sua importância, trabalhamos a interpretação de diversas charges sobre o tema.

Antes de iniciarmos a leitura das charges selecionadas, fizemos com os alunos um levantamento do conhecimento prévio sobre o gênero selecionado. Constatamos que a maioria dos alunos desconhecia a finalidade da charge bem como seu contexto discursivo. Por esta razão é que consideramos que “a ativação do conhecimento prévio é essencial à compreensão,

pois é a partir dele que o leitor poderá fazer inferências necessárias para relacionar partes discretas do texto num todo coerente, utilizando o conhecimento adquirido ao longo da vida” (JUNIOR; SANTOS 1999, p. 42). Ou seja, o conhecimento de informações prévias sobre o texto facilita a compreensão.

Uma das maneiras de que dispomos para ativar o conhecimento prévio de nossos alunos, é chamar a atenção deles para que analisem os títulos dos textos, os subtítulos, observem as imagens, legendas, atentem para os destaques, e até mesmo interrogá-los com hipóteses ou conversas sobre o tema, o que termina contribuindo para uma melhor compreensão do texto que será lido. É de nosso conhecimento que além do conhecimento prévio, outros também são necessários na hora de se compreender um texto. Por isso, é de suma importância o aluno “conhecer a estrutura do texto” (SOLÉ, 1998, p. 86). Ao referir-se a esse assunto Brandão (2006, p.66) esclarece que “quanto maior a familiaridade do leitor com o gênero textual, quanto mais ele sabe sobre o tema ou autor do texto, melhores serão suas condições para compreendê-lo”. Em outras palavras, o conhecimento textual que também faz parte do conhecimento prévio, aumenta nossa capacidade de compreensão.

E justamente por sabermos que o desconhecimento da estrutura textual dificulta a compreensão de ideias fundamentais organizadas no esquema do texto é que, antes de iniciarmos a análises das charges selecionadas, propiciamos aos alunos um conhecimento do gênero em questão. Dessa maneira, expusemos a eles que a charge é um tipo de enunciado que pode ser objeto de uma rica análise linguística, pois capta de maneira crítica as diversas situações do cotidiano, transpondo para o desenho algum tipo de crítica, geralmente permeada de ironia. Assim, depois de haver uma compreensão desse gênero é que analisamos as charges a seguir.





Figura 1:

Fonte: www.folhadavila.com/2014/01/charge-da-semana-situacao-da-saude.html.

Acesso em: 10/07/2014.

Ao desenvolvermos a análise dessas charges chamamos a atenção dos alunos para os seguintes aspectos: Qual é o contexto de cada charge? Qual é o assunto principal tratado em cada charge? Qual é a sua finalidade? Que crítica se percebe em cada uma delas? Desta forma, os alunos compreenderam que a falta de infraestrutura era a temática da charge e que a sua ausência influenciava em todos os setores da sociedade e, que o principal problema abordado na charge era a falta de infraestrutura tanto escolar como hospitalar.

Após a leitura e análise desses textos imagéticos, trabalhamos a definição de infraestrutura urbana por meio de vídeos retirados do You Tube, tais como: infraestrutura urbana; cidades do Futuro e Infraestrutura urbana. Os aspectos que destacamos nesses vídeos se referem aos serviços de infraestrutura urbana como tratamento de água, coleta de lixo, a implantação de rede de esgoto, a pavimentação asfáltica e a iluminação pública de uma cidade. Chamamos a atenção dos alunos para perceberem o quanto esses serviços são importantes para o bem-estar da população, o quanto eles influenciam na qualidade de vida das pessoas. Então, discutimos oralmente com a turma como que era a infraestrutura urbana do bairro Parque Universitário e bairros adjacentes. Com essa atividade conseguimos despertar o senso crítico dos alunos, pois perceberam o quanto seus bairros têm sido abandonados pelo poder público. Outro texto trabalhado com os alunos a fim de ampliar o conhecimento deles sobre o assunto foi o artigo de Marcos Mendes intitulado “Por que é importante investir em infraestrutura?”

Quando iniciamos a leitura desse artigo com os alunos frisamos algumas partes do texto. Uma das partes para a qual chamamos a atenção dos alunos é que os investimentos em infraestrutura podem ter impacto na redução da pobreza e na melhoria da qualidade de vida da

população de menor renda. Além do mais, destacamos também que quando se investe em infraestrutura urbana ocorre também a redução de incidência de doenças na população, decorrente da expansão do saneamento básico e, isso acaba refletindo no aumento da capacidade de aprendizado escolar e na capacidade laboral dos adultos. Sem contar que há também uma valorização imobiliária do patrimônio da população quando suas residências passam a ser servidas por rede de esgoto, água, telefone, iluminação pública e pavimentação.

Dando sequência ao entendimento desse artigo, trabalhamos as seguintes questões com os alunos: Que problemas de infraestrutura urbana eles consideravam de maior importância? Quais problemas de infraestrutura urbana o bairro deles apresentavam? O que era Saneamento Básico?

Dentre os problemas de infraestrutura considerados de maior importância para os alunos, os mais citados foram a pavimentação asfáltica e a rede de esgoto. Quanto ao entendimento do que era saneamento básico, percebemos que a maioria dos alunos não conseguiu dar uma definição para esse termo. Por este motivo, se fez necessário que o definíssemos. E para isso utilizamos um texto retirado da internet, do Wikipédia, o qual abordava a definição de saneamento básico. Segundo esse texto, o saneamento básico pode ser entendido como a atividade relacionada com o abastecimento de água potável, o manejo de águas pluviais, a coleta e o tratamento de esgoto. Em seguida, após entendimento do que seria saneamento básico, passamos a leitura de outro artigo que retratava a importância desse serviço para a saúde pública, intitulado “*Não há saúde sem Saneamento*”, retirado do blog Janguie.

Nesse artigo destacamos os seguintes pontos:

- 1- Que em números, 65% das internações hospitalares de crianças menores de 10 anos estão associadas à falta de saneamento básico e, que a falta de saneamento básico ainda é uma das principais responsáveis pela morte em decorrência de diarreia em menores de cinco anos no Brasil.
- 2- O tratamento eficiente da água pode reduzir, e muito, as infecções gastrointestinais, diminuindo, consideravelmente, o número de atendimentos nos postos e hospitais públicos.
- 3- A coleta, o tratamento e a disposição ambiental adequada do esgoto sanitário são fundamentais para a melhoria do quadro de saúde da população como um todo. A ausência de investimentos nesses itens tem sérios impactos sobre a saúde da população e o meio ambiente.

Diante dos aspectos mencionados acima, achamos que seria relevante também levar

os alunos conheceremos principais doenças decorrentes da falta de saneamento básico. Com isso, trabalhamos um texto informativo intitulado “*Conheça as doenças causadas pelo não tratamento do esgoto*”, retirado do site Tera Ambiental. Nesse texto informativo, enfatizamos para os alunos que investir em saneamento básico é investir em saúde e, que a ausência de tratamento de esgoto traz doenças que afetam pessoas de todas as idades. Consequentemente, após esse primeiro contato dos alunos com o texto passamos a conhecer sem um aprofundamento exaustivo, algumas dessas doenças apontadas no texto tais como febre tifóide, cólera, hepatite A, amebíase, leptospirose, malária, entre outras.

É interessante destacar que trabalhar a importância do saneamento básico, bem como as doenças decorrentes de sua ausência foi importante para o conhecimento dos alunos, que até então desconheciam a sua importância para a saúde pública. Outro ponto que consideramos bastante produtivo ao estudarmos esse assunto é que os alunos puderam conhecer não somente as principais doenças decorrentes da falta de esgoto, mas também as formas como essas doenças são transmitidas, quer seja pelo contato ou ingestão de água contaminada ou até mesmo do próprio contato da pele com o solo e lixo contaminado. Sem contar também que, por meio desse trabalho, puderam perceber que em decorrência da presença do esgoto, da água parada, da presença de resíduos sólidos, de rios poluídos outros problemas também podem surgir o que termina contribuindo para o aparecimento de insetos que transmitem outras doenças.

Dessa forma, tornou-se bastante relevante conscientizarmos os alunos de que devemos cobrar do poder público acesso a esses serviços, pois segundo a Lei 11.445 é responsabilidade do poder público, em especial dos prefeitos, proverem o serviço de saneamento básico em suas respectivas cidades.

É válido afirmar que dentre os objetivos traçados com esse trabalho, um deles foi o de propiciar um amplo conhecimento sobre a temática infraestrutura urbana a fim de subsidiar os alunos na escrita da carta argumentativa de reclamação. E, o outro talvez o mais importante, foi o de propiciar aos alunos uma visão crítica a respeito da forma como o poder público conduz o acesso aos serviços de saneamento básico. Por isso, esclarecemos a eles que, se não houver um acesso adequado da população ao tratamento de água, à coleta de esgoto, a uma destinação correta do lixo, à drenagem urbana, a instalações sanitárias adequadas não haverá uma redução dos índices de doenças causadas pela falta de saneamento básico.

Depois de apresentarmos as principais doenças relacionadas com a falta de saneamento básico, passamos para os alunos um vídeo retirado do YouTube mostrando como

é feito o tratamento do esgoto. O nome do vídeo é “*Tratamento de esgoto, como funciona?*” Depois de assistirem a esse vídeo e de entenderem esse processo de tratamento do esgoto, passamos outro vídeo retirado também do YouTube que demonstra como é realizado o tratamento de esgoto aqui na cidade de Rondonópolis.

Além de conhecerem a Estação de Tratamento de Esgoto de Rondonópolis (ETE), demos a conhecer também aos alunos o órgão responsável pela execução desses serviços de saneamento, a saber, Serviço de Saneamento Ambiental de Rondonópolis (SANEAR). O SANEAR é uma autarquia municipal, responsável pela administração do sistema de captação, tratamento e abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto sanitário, coleta e destinação final de resíduos sólidos na cidade de Rondonópolis.

Dando continuidade ao estudo do assunto, posteriormente, passamos para os alunos a comédia “*Saneamento Básico: o filme*”, de Jorge Furtado. Antes de passarmos o filme para os alunos elaboramos algumas questões que serviriam de roteiro para que eles analisassem o filme. Entre elas podemos citar: qual é o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? O que achou mais interessante no filme? O que esse filme tem a ver com o assunto discutido em sala de aula? Qual é a síntese da história contada no filme?

Quando optamos em passar esse filme para os alunos tínhamos em mente dois objetivos. Primeiro, porque o filme vinha ao encontro de nossa temática de estudo, já que durante toda a trama do filme se mostra a falta de saneamento básico, que decorre tanto do aumento populacional quanto do desleixo do poder público. Segundo, porque no filme também os moradores escrevem uma carta para o prefeito solicitando que a obra de esgoto possa ser prioridade no orçamento da prefeitura. Ou seja, a situação retratada no filme se equiparou com um dos objetivos desse trabalho: a escrita de uma carta de reclamação dirigida ao prefeito de Rondonópolis.

Ponderamos que o trabalho realizado com esse filme se deu de forma bastante produtiva, tendo em vista que os alunos puderam relacionar as diversas leituras realizadas em sala de aula com o assunto retratado no filme. De igual modo, acreditamos também que por meio da leitura “o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral” (ANTUNES, 2003, p. 70). A exemplo disso, pode citar as considerações de Leal e Melo (2007, p. 21-22) que também consideram “a leitura como essencial para a aprendizagem da escrita” uma vez que ela nos possibilita construir uma bagagem de conhecimento. Por isso, essas autoras afirmam que para aprender a escrever, “precisamos ler textos variados, para construirmos uma bagagem de conhecimentos temáticos e de

conhecimentos relativos às características dos vários gêneros textuais” (LEAL; MELO 2007, p. 26). Portanto, “ter o que dizer é, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever” (ANTUNES, 2009, p. 45). E foi justamente pensando em ampliar esse repertório de informações sobre a temática infraestrutura urbana que trabalhamos com os alunos diversos textos, vídeos, a fim de subsidiar o trabalho com a produção escrita em sala de aula.

Outro subitem que também foi objeto de estudo dentro dessa temática, foi com relação à pavimentação urbana. Sobre esse assunto trabalhamos o artigo “*Planejamento e importância dos serviços de pavimentação*”, escrito pelo Engenheiro Civil e Sanitarista Luis Henrique Amarilla Mendes. As questões que pontuamos com os alunos foram as seguintes:

- O asfalto é sinônimo de progresso e desenvolvimento econômico para as localidades.
- O asfalto significa o fim da convivência diária com os efeitos dos efeitos climáticos, como a poeira e a lama.

Com relação a esses dois tópicos, destacamos para os alunos que a pavimentação urbana traz muitos benefícios à população, como por exemplo, a valorização imobiliária, a limpeza urbana e até mesmo melhores condições de saúde, devido à diminuição do barro e da poeira.

Depois de discutirmos esse artigo com os alunos, selecionamos duas notícias que foram retiradas do site de dois jornais da cidade. A primeira notícia foi retirada do site “*Agora Mato Grosso*” e a outra foi retirada do jornal “*A Tribuna*”. Contudo, antes de iniciarmos o trabalho com esses noticiários foi necessário deixarmos claro para nossos alunos que tanto as nossas escolhas quanto a forma como o jornalista produz uma notícia não são neutras, pelo contrário, essas escolhas são carregadas de intencionalidades. Ou seja, “quando o autor produz um texto, tenciona que este seja entendido como tal, porque tem objetivos para a interação” (RODRIGUES et al., 2012, p. 75). Isto significa dizer que “o autor quer de alguma forma influenciar o interlocutor: informar-lhe algo, fazer-lhe uma promessa, dar-lhe uma ordem, obter dele uma informação etc” (RODRIGUES et al., 2012, p. 75).

Por razões como as descritas acima é que podemos dizer que ao selecionarmos essas notícias para serem trabalhadas com esses alunos tivemos muitos objetivos a serem alcançados. Um dos objetivos que traçamos com a leitura desses textos foi o de levar nossos alunos a perceberem os diferentes usos da linguagem. Ou seja, gostaríamos que percebessem que um mesmo fato pode ser transmitido de diferentes maneiras, com diferentes intencionalidades. Além disso, também pretendíamos instigar esses alunos a assumirem uma postura crítica frente a esses textos, seja concordando ou discordando dos fatos ali apresentados. Dessa forma, em sentido amplo, podemos dizer que “a intencionalidade abrange

todas as formas que o locutor lança mão para realizar os seus propósitos comunicativos” (RODRIGUES et al., 2012, p. 77).

Dessa maneira, sabíamos de nossa responsabilidade enquanto professora, de subsidiar o trabalho de leitura em sala de aula, ou seja, tínhamos ciência de que seria necessário trabalhar com os alunos diversas estratégias tanto de leitura como também de compreensão, a fim de propiciar uma melhor aprendizagem dos textos que seriam discutidos em sala de aula. Por isso, concordamos com Solé (1998, p. 12) que “não é razoável esperar que os alunos e alunas aprendam as estratégias de compreensão leitora sozinhos, sem que ninguém os ensine a utilizá-las”.

Por razões como essas, é que consideramos fundamental que os alunos tenham os objetivos da leitura bem explicitados, já que “as pessoas usam estratégias diferentes de leitura para apreender as informações contidas nos diferentes textos, sendo que o interesse nas informações e o objetivo desejado vai determinar o tipo de leitura a ser feito” (BARBOSA apud WITTER 1999, p. 37). A propósito desse assunto, Leal e Melo (2006, p. 42), nos chamam a atenção para o fato de que “é preciso ajudar os alunos a desenvolver capacidades que possibilitam atender a diferentes finalidades de leitura, presentes na escola e fora dela”. E afirmam que “um primeiro passo para isso é fazer com que os alunos tomem consciência sobre os diferentes modos de ler, relacionados aos diferentes propósitos de leitura na sociedade” (LEAL; MELO 2006, p. 42).

Nesse sentido, é que concordamos com Kleiman (2002, p. 20) ao afirmar que “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior for sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão”. Por conta disso, é que consideramos altamente produtivo trabalhar com diferentes gêneros textuais em sala de aula, tendo em vista que cada gênero ocupa diferentes funções na esfera em que está inserido.

Ademais, sabemos que a atividade de leitura é imprescindível para que os alunos saibam reconhecer esses diferentes gêneros bem como suas diferentes intencionalidades. Em vista disso, é que antes de iniciarmos as leituras das notícias selecionadas, levamos os alunos a refletirem sobre o papel desse gênero de texto bem como sobre a sua intencionalidade. Diante disso, é que primeiramente chamamos atenção dos alunos para que se atentasse para os seguintes aspectos da notícia o título, o assunto, o objetivo da notícia e as vozes que se fazem presentes no corpo do texto.

Por conseguinte, depois de propiciarmos aos alunos uma maior familiaridade com esse gênero, iniciamos a leitura dos textos selecionados, a fim de demonstrar, por meio desses textos, o descaso de nossos governantes com a infraestrutura urbana de Rondonópolis e, em

especial o descaso com os moradores do bairro Parque Universitário. Dessa maneira, realizamos a leitura das duas notícias sobre o assunto. A primeira foi retirada do site “*Agora Mato Grosso*” intitulada “*Moradores de Rondonópolis reclamam de buracos na cidade*”. Os pontos que destacamos dessa notícia é que tanto as ruas quanto as avenidas do Bairro Parque Universitário como a de outros bairros da cidade foram tomadas por buracos, o que termina por dificultar tanto o tráfego de carros como o de transeuntes. A segunda notícia também mostra o abandono das ruas do Parque Universitário. O título da notícia é “*Comunitários reclamam de abandono das ruas*”. Nessa notícia, que circulou no jornal local “*A Tribuna*”, levamos os alunos a perceberem as principais reivindicações da comunidade que se utilizaram do jornal para reclamarem do estado em que se encontravam as ruas e vias principais da região do Parque Universitário e bairros adjacentes.

Ao mesmo tempo, demonstramos a esses alunos que o jornal é mais um dos instrumentos dos quais a comunidade local pode dispor para tornar públicas suas reivindicações, despertando assim a atenção do poder público para que medidas sejam tomadas a fim de se resolver os problemas do bairro.

É interessante destacar que, embora essas notícias tenham circulado em datas anteriores à aula, os alunos ressaltaram que esses problemas continuam sendo atuais, já que continuam fazendo parte do cotidiano dos moradores do Bairro Parque Universitário e ainda não foram solucionados pelo poder público. Dentre os problemas encontrados, destacamos a grande quantidade de buracos como também de lixo e de mato que têm tomado conta das ruas do bairro.

Outros pontos que também foram considerados com relação a esses problemas é que, tanto o lixo quanto o mato trazem sérios riscos à população. Primeiro, porque o lixo pode ser esconderijo de insetos e de pequenos animais como moscas, ratos e baratas. Segundo, porque estes insetos são hospedeiros de doenças como a dengue, a leptospirose e até mesmo a peste bubônica. O outro é que o mato, além de contribuir para a proliferação de insetos, também pode virar ótimo esconderijo para os bandidos. Sem contar ainda que o lixo acumulado produz um líquido denominado chorume, de odor desagradável, que pode contaminar tanto os lençóis freáticos quanto as pessoas que mantêm contato com esses detritos.

É preciso ressaltar que, além dos problemas já citados nesse trabalho como a falta de saneamento básico e a ausência de pavimentação urbana, muitos outros problemas de infraestrutura urbana foram apontados pelos alunos. Como exemplo, podemos citar a precária iluminação de algumas ruas do bairro como também os altos índices de violência que têm suscitado medo na população. Por este motivo é que achamos oportuno que os alunos

conhecessem os principais órgãos que são responsáveis pelo provimento desses serviços na cidade para que tanto eles quanto suas famílias pudessem reivindicar uma melhor infraestrutura urbana para seus bairros.

Assim, primeiramente, explicamos aos alunos que a administração do município de Rondonópolis é composta por diversas secretarias. E que a secretaria responsável pelos serviços de infraestrutura urbana da cidade é a Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana de Rondonópolis. Com isso, esclarecemos aos alunos que existem dois órgãos que fazem parte dessa secretaria e que são responsáveis tanto pelas obras de saneamento básico como pelas obras de infraestrutura urbana, a saber, o Saneamento Ambiental de Rondonópolis (SANEAR) e a Companhia de Desenvolvimento de Rondonópolis (CODER).

Consequentemente, a fim de propiciar um melhor conhecimento a respeito desses órgãos, levamos os alunos a conhecerem a página na internet do SANEAR. Através do site, os alunos tiveram contato com um pouco da história dessa autarquia bem como com sua principal missão que é a de prestar um serviço de saneamento ambiental com qualidade, responsabilidade profissional e social à população. Além disso, os alunos também assistiram alguns vídeos que estavam disponíveis no site tais como *“Avança Rondonópolis – Saneamento”* e *“Com novas elevatórias, Sanear amplia rede de esgoto”*. Com esses vídeos os alunos puderam verificar algumas ações que estão sendo tomadas pelo SANEAR a fim de ampliar tanto a rede coletora de esgoto como a de tratamento.

Quando nos propusemos a trabalhar com diversas leituras sobre uma mesma temática em sala de aula, tínhamos clareza de nosso papel enquanto mediador do conhecimento. Primeiramente, porque sabíamos que dependendo da maneira como conduzíssemos as atividades de leitura em sala de aula, poderíamos contribuir tanto para a formação de sujeitos críticos e conscientes para a vida em sociedade, quanto poderíamos estar formando sujeitos passivos que não sabem ler e refletir sobre os problemas do mundo. Por esta razão é que, consideramos que o ensino de Língua Portuguesa deve voltar-se para a realidade dos alunos, a fim de que formemos cidadãos que sabem utilizar-se tanto da leitura quanto da escrita como uma forma de participação social.

Nesse sentido é que concordamos com Júnior e Santos (1999, p. 38) ao afirmarem que “a leitura só se justifica na medida em que orienta para um conhecimento mais profundo da realidade”. Ou seja, o trabalho com a leitura só se torna produtivo à medida que esta “[...] gera conhecimentos, molda atitudes e incute valores, aguçando os modos de perceber e sentir a vida por parte do leitor” (JUNIOR e SANTOS 1999, p. 38). Isto é, é preciso que os alunos tenham claro que com a prática de leitura eles desenvolverão um potencial crítico diante da

realidade.

Ao mesmo tempo, é preciso deixar claro também que “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda uma atividade de acesso às peculiaridades da escrita” (ANTUNES 2003, p.70). Em outras palavras, “a atividade de leitura completa a atividade da produção escrita” (ANTUNES, 2003, p. 67). Ou seja, não há como ter acesso à escrita sem leitura, assim como não há como escrever sem possuir uma história de leitura.

Consequentemente, considerando essa relação de mão dupla que se estabelece entre a leitura e a escrita, mostramos aos alunos que tanto uma quanto a outra “são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento [...]” (PCN, 1997, p. 40). Portanto, a leitura é imprescindível para o processo de escrita.

Dessa maneira, depois de esboçarmos essa breve consideração sobre a importância da leitura para a aprendizagem da escrita, trabalhamos com os alunos outro subtema que também foi alvo de reclamação por parte deles: a falta de segurança, que assolanão só os moradores do bairro Parque Universitário e bairros adjacentes, como toda a população de Rondonópolis. É importante destacar que o motivo de também trabalharmos com esse assunto é que a falta de segurança é mais uma das principais demandas da população do Bairro Parque Universitário e bairros adjacentes, tendo em vista que os moradores desses bairros convivem diariamente com a violência e a sensação de insegurança.

Com relação aos problemas já mencionados nesse trabalho, explicamos aos alunos que, tanto a infraestrutura urbana quanto a falta de segurança são problemas urbanos decorrentes do crescimento desordenado das grandes cidades e, que a grande vítima desses problemas é a população que acaba sofrendo com locais inadequados para moradia, com ausência de saneamento, como aumento da violência, com o desemprego e com a desigualdade social, tudo por conta da falta de investimentos do Poder Público nesses setores.

Após mencionarmos aos alunos os principais problemas decorrentes do crescimento das grandes cidades, achamos oportuno trabalharmos com eles um artigo intitulado, “*Problemas Urbanos*”, de Wagner Cerqueira Francisco no qual o autor enfatiza as consequências da urbanização acelerada. Mas antes de iniciarmos a leitura desse artigo, achamos conveniente, primeiramente, ampliarmos e ativarmos o conhecimento prévio dos alunos sem perder de vista, porém, o que efetivamente estava expresso no texto. Assim, colocamos para discussão duas questões iniciais o que eles entendiam por urbanização? Quais seriam as consequências da urbanização acelerada?

Com relação ao conceito de urbanização, verificamos que os alunos tiveram dificuldades em expressar um entendimento sobre esse termo bem como sobre as consequências decorrentes da urbanização. Com essa atividade preliminar constatamos que “o desempenho de leitura de um sujeito está relacionado ao seu repertório básico, sendo que esse irá garantir-lhe uma compreensão do texto lido” (OLIVEIRA apud JUNIOR e SANTOS, 1999, p. 43). Ou seja, se os alunos não tiverem uma familiaridade com o assunto tratado no texto dificilmente irão chegar à compreensão. Além disso, é de nosso conhecimento que “a compreensão de um texto varia segundo as circunstâncias de leitura e depende de vários fatores, complexos e inter-relacionados entre si” (KOCK e ELIAS apud ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2012, p. 24). Dentre esses fatores que podem interferir no processo de compreensão podemos citar “o conhecimento dos elementos linguísticos (usos de determinadas expressões, léxico antigo etc.), esquemas cognitivos, bagagem cultural, circunstâncias em que o texto foi produzido” (KOCH e ELIAS, 2012, p. 24).

Por razões como as expostas acima é que, antes de darmos início ao trabalho com qualquer texto, primeiramente, verificamos o que os alunos sabem sobre o assunto, a fim de que possamos fazer um trabalho de leitura que seja significativo para esse aluno. Além disso, é preciso também dar clareza aos nossos alunos dos objetivos que queremos alcançar com a leitura de determinado texto. Ou seja, “a atividade de leitura deve ser realizada com algum propósito” (SOLÉ, 1998, p. 100). Isto é, seja para buscar uma informação, seja para conhecer o que o autor pensa sobre o assunto, seja para buscar entretenimento, enfim, é preciso que estabeleça objetivos com a leitura.

A partir dessas considerações, reforçamos aos nossos alunos que o objetivo da leitura do artigo *Problemas Urbanos*, era propiciar um maior conhecimento sobre os principais problemas decorrentes do processo de urbanização. Dessa forma, antes de pontuarmos algumas questões sobre o texto, colocamos alguns questionamentos para esses alunos como “Por que vou ler esse texto? O que espero aprender, fazer ou usufruir com a leitura desse texto? Vale lembrar que buscar responder a essas perguntas pode aumentar a motivação sobre o material lido” (BRANDÃO, 2006, p. 65). Decorrente disso, é que se faz necessário, no decorrer do processo de leitura, levar os alunos a refletir, continuamente, sobre aquilo que estão lendo e, para isso podemos

fornecer elementos contextuais que venham conferir maior sentido à leitura e favorecer a antecipação do que o texto diz, estimular a elaboração e o confronto de ideias entre os alunos, a partir do que foi lido, propiciar a construção de antecipações e inferências, solicitar que os alunos justifiquem suas respostas e pontos de vista sobre o texto (LERNER; SOLÉ; BRANDÃO apud BRANDÃO, 2006, p. 69).

Nesse sentido é que, a partir dessas considerações, pontuamos com os alunos os seguintes aspectos do artigo *Problemas Urbanos*:

- A urbanização ocorreu de forma expressiva a partir da década de 1950, impulsionada pelo desenvolvimento industrial, o que acabou por atrair cada vez mais pessoas para as cidades.
- A urbanização acelerada traz como consequências problemas tanto de ordem ambiental como social. Dentre os problemas ambientais citamos: ausência de saneamento ambiental, falta de tratamento e destinação dos resíduos sólidos, entre outros. Com relação aos problemas de ordem social destacamos: a ocupação de locais inadequados para moradia, como áreas de elevada declividade, fundos de vale, praças, viadutos, desemprego, desigualdade social, violência, falta de infraestrutura.
- Os problemas urbanos são vários e bem diversificados e os principais são: poluições, engarrafamentos, violência, desemprego, desigualdade social, locais inadequados para moradia, saúde, educação, infraestrutura, etc.
- A falta de segurança tem sido um dos principais motivos que preocupam a população urbana.
- Os problemas urbanos formam uma teia, onde um está diretamente ligado ao outro, havendo a necessidade de realização de políticas para solucionar todos esses problemas, para proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população urbana.

Depois de elencarmos os principais aspectos desse texto, solicitamos aos alunos que respondessem algumas questões a fim de verificarmos o processo de compreensão do texto e, ao mesmo tempo, avaliarmos se nossos objetivos foram alcançados. As questões que trabalhamos com esses alunos tinham por objetivo não buscar uma resposta fechada dentro do próprio texto, mas sim analisar a capacidade dos alunos de responder às questões baseando-se em seu próprio processo de compreensão. Dessa maneira, perguntamos aos alunos se eles eram capazes agora, depois das leituras e discussões realizadas em sala de aula, de relacionar os principais problemas urbanos como a suas origens. Ou seja, levamos os alunos a refletirem sobre: O que contribui para o surgimento de tantos problemas urbanos? O que precisa ser feito para se minimizar esses problemas? Dentre os problemas urbanos citados no texto quais deles mais lhes preocupam?

Outro aspecto que consideramos importante no que tange ao trabalho com a leitura é o aluno ser capaz de “recapitular, de forma resumida, o que já foi lido e levantar possíveis

dúvidas sobre o texto, tentando esclarecê-las” (SOLÉ apud BRANDÃO, 2006, p. 70).

A exemplo disso percebemos que, ao se depararem com questões discursivas sobre o texto, muitos de nossos alunos tinham dificuldade em expressar com suas próprias palavras, de forma resumida, um entendimento sobre o assunto, já que muitos deles eram acostumados com uma prática de leitura mecanicista, em que se busca respostas fechadas apenas dentro do próprio texto. Isto é, foi difícil para nós construirmos uma nova visão para a prática de leitura em sala de aula e, ao mesmo tempo, desconstruirmos a ideia de que a única finalidade da leitura era apenas a de localizar informações explícitas no texto. Ou seja, “é preciso ter uma nova concepção de leitura, rompendo a visão que a vê como simples resposta passiva e mecânica e que a considere como um processo dinamizador da produção de sentidos [...]” (JUNIOR; SANTOS, 1999, p. 45). Com efeito, não cabe mais na escola uma prática de leitura desvinculada da compreensão global do texto.

Em outras palavras, é preciso que os alunos percebam que o principal objetivo da leitura é a compreensão, isto é, é eles serem capazes de atribuir sentido aquilo que estão lendo. Por este motivo é que concordamos com as autoras (Silva; Zilberman (1991) apud Junior e Santos 1999, p. 45) ao afirmarem que “a prática de ensino de leitura não se reduz a seus aspectos técnicos, mas deve se preocupar, igualmente, com a formação de leitores aptos a compreender os diferentes sentidos de um texto, reagindo a eles e ao mundo ao qual se referem de forma crítica e construtiva”.

É nessa direção que consideramos produtivo o trabalho que desenvolvemos com esses alunos, tendo em vista que tanto os textos trabalhados em sala de aula, como o diálogo intermediado com esses alunos os propiciaram uma reflexão crítica sobre suas realidades. Dessa maneira, constatamos que, dentre os problemas urbanos trabalhados com esses alunos, os que mais os preocupavam era a falta de segurança já que, diariamente, conviviam com roubos, furtos, assaltos e assassinatos. Diante dessa situação, achamos oportuno ressaltar aos alunos que é direito da sociedade ter acesso à segurança e, que é dever do Poder Público, prover segurança à cidade por meio da Polícia Militar e Civil. Nesse sentido, por meio de um diálogo com esses alunos, tomamos conhecimentos de suas principais aflições com relação à segurança do bairro Parque Universitário. De acordo com o relato deles, está extremamente perigoso andar à noite pelas ruas do bairro. Primeiro, porque falta iluminação pública em muitas vias, o que termina por contribuir para o aumento da criminalidade. Segundo, porque falta um policiamento ostensivo.

Assim, diante desses relatos sobre a falta de segurança no bairro, achamos pertinente trabalhar com esses alunos, a leitura de um texto argumentativo que discute a questão da

violência nas grandes cidades. O texto que discutimos foi “*Violência Urbana*”. Neste texto tentamos relacionar com os alunos os principais motivos que levam a gerar a violência nas grandes cidades. De acordo com o próprio texto, a violência urbana não é causada por um único problema, mas está conectada com todos os problemas sociais, educacionais, familiares e morais de nosso tempo. Dessa forma, destacamos para os alunos que a violência urbana está associada às condições de trabalho, de moradia, de educação, de saúde e, sobretudo, dos valores morais que perpassam a vida dos brasileiros.

Outro ponto do texto que também enfatizamos para os alunos é que, o problema da violência urbana só se resolverá mediante uma ação coletiva, que contará com envolvimento de muitos atores sociais, tais como os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e outros setores importantes da sociedade como igrejas, ONGs, famílias e um policiamento mais ostensivo. É interessante destacar que o trabalho com esse texto foi muito produtivo, primeiramente porque os alunos puderam perceber que a falta de condições de moradias adequadas, de uma mínima infraestrutura termina por contribuir para o aumento da violência. Segundo, porque com esse texto constatamos outras necessidades de nossos alunos, ou seja, a necessidade de um maior número de informações, de conhecimentos sobre outros aspectos relacionados ao texto. Como exemplo, podemos citar o total desconhecimento por parte dos alunos das funções dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário.

Em razão disso, conseguimos por meio desse texto não só ampliar o conhecimento de mundo como também contribuir para uma melhor formação social e política deles.

Após finalizarmos a leitura do artigo *Violência Urbana* solicitamos aos alunos que fizessem a leitura da charge a seguir atribuindo-lhe sentido e, que a relacionasse com os pontos discutidos no artigo.



Figura 2: Amarildo. Charge sobre violência

Fonte: <https://www.google.com.br/url>. Acesso em: 10/07/2014.

Com a leitura dessa charge, levamos os alunos a perceberem o quanto é importante o

envolvimento de todos os setores sociais no combate à violência, o quanto esses setores são interdependentes e, ao mesmo tempo, tentamos deixar claro que o sentido atribuído a cada um desses setores, na charge, não são os mesmos. Dessa forma, buscamos compreender quais sentidos eles atribuíram a cada um desses setores e, constatamos que muitos alunos tiveram dificuldades em compreender o papel social desempenhado por cada um deles. O que deixa claro que “a leitura é um processo não linear, dinâmico na inter-relação de vários componentes utilizados para o acesso ao sentido, e é uma atividade essencialmente preditiva, de formulação de hipóteses, para a qual o leitor precisa utilizar seu conhecimento linguístico, conceitual, e sua experiência” (KLEIMAN, 1996, p. 30). Por isso, concordamos com Kleiman ao afirmar que “o investigador que também age na prática é privilegiado: ele pode incorporar na sua investigação aqueles parâmetros que se manifestam pela observação, no contexto, do fenômeno” (KLEIMAN, 1996, p. 35).

E foi exatamente isso que fizemos. Aproveitamos esse momento para explicar aos alunos que a igreja poderia contribuir para que a violência diminuísse se incentivasse o planejamento familiar, o controle da natalidade, já que a Igreja Católica não se posiciona favorável aos métodos contraceptivos. Com isso, ressaltamos a importância do planejamento familiar, tendo em vista sua grande contribuição para a diminuição das desigualdades sociais, do abandono, da mortalidade infantil, do aumento da violência entre os jovens, além de contribuir, de forma positiva, para o aumento dos empregos.

Por conseguinte, passamos a discutir outro ponto importante da charge: o papel da família no combate à violência. Ou seja, enfatizamos o quanto a família e o exemplo comportamental dos pais influenciam na formação dos filhos, já que são eles os responsáveis em passar tantos os valores éticos e morais de nossa sociedade como o de colocar regras e limites para seus filhos. Por isso, ressaltamos o quanto uma família desestruturada que não dá amor e carinho aos seus filhos contribui para o aumento da violência urbana, pois muitos filhos acabam fugindo de seus lares por diversos motivos e, terminam se envolvendo com a criminalidade.

Diante dessa problemática da violência urbana, outros setores acabam também contribuindo para que ela se dissemine um deles é o não acesso à educação. Ou seja, esclarecemos aos alunos que o acesso a uma educação de qualidade contribuiu para a diminuição da violência. Porém, o que não se pode fazer, é atribuir unicamente à educação o papel de ser a “panaceia” da violência, como se a família e o Estado não tivessem responsabilidade.

Como vimos na charge, a educação não é a única responsável pelos males que a

sociedade sofre ou virá a sofrer. Pelo contrário, sabemos que a violência urbana é um problema complexo e que é fruto dos muitos reflexos das desigualdades sociais. Por isso, enfatizamos aos alunos que a melhor forma de combater-se a violência urbana não é remediando os problemas, mas combatendo-se uma das principais causas da violência: a desigualdade social. Assim, deixamos claro que a desigualdade social só pode ser combatida por meio de um eficiente trabalho de geração de empregos e por uma distribuição justa e igualitária de renda para a população. Em outras palavras, só se melhora as condições de vida das pessoas oferecendo-lhes: saneamento básico, saúde, educação, emprego e segurança.

Depois de tecermos algumas considerações sobre os vários aspectos da violência urbana textualizados na charge, finalizamos a leitura da charge com os alunos chamando-lhes a atenção para o fato de que se nem a religião, nem a família, nem o Estado, nem o país, estão conseguindo desempenhar seus papéis, no sentido de combater a violência. Não é de se esperar que a polícia, sozinha, desempenhe esse papel. Por isso, é tão importante que esses setores atuem conjuntamente no combate à violência.

É importante mencionar que trabalhar com vários tipos de textos sobre uma mesma temática foi muito importante, tendo em vista que os possibilitou criar uma bagagem de conhecimentos temáticos sobre o assunto em questão. E isso é imprescindível no processo de escrita, já que “para produzir um texto, buscamos, na memória, os conhecimentos relativos ao tema, à organização e configuração dos textos” (LEAL; BRANDÃO, 2007, p. 46).

Por este motivo é que essa primeira parte de nosso trabalho com os alunos se constituiu pela leitura de um repertório de textos sobre o assunto infraestrutura urbana e seus subtemas (saneamento básico, pavimentação urbana, iluminação pública e falta de segurança).

Consequentemente, após discutirmos os problemas de infraestrutura urbana por meio da leitura de vários textos, mostramos aos alunos as várias maneiras pelas quais eles poderiam reivindicar soluções para os problemas de infraestrutura urbana do Bairro Parque Universitário. Dentre elas, sugerimos que eles poderiam recorrer às associações comunitárias da região, como a União das Associações de Moradores da Região Salmem (Unisal) ou, caso eles preferissem, dirigindo-se pessoalmente aos órgãos responsáveis pela execução dos serviços de infraestrutura urbana tais como a Companhia de Desenvolvimento de Rondonópolis (CODER) e ao Saneamento Ambiental de Rondonópolis (SANEAR) e, até mesmo, se utilizarem da escrita para reivindicarem, se valendo de um abaixo-assinado, de um e-mail, de uma carta aberta ou por intermédio de uma carta de reclamação dirigida a autoridade competente. Ou seja, aproveitamos esse momento para mostrarmos aos alunos que, por meio de diferentes gêneros textuais, eles poderiam atuar criticamente em seu espaço

social.

Assim, levando em consideração o que preconiza os PCN (1998) no que tange ao trabalho com a produção escrita decidimos, nesse momento, priorizar os gêneros da ordem do argumentar. Isso se deve ao fato de que, no Ensino Fundamental, é importante que se desenvolva a capacidade de argumentação desses alunos. Por isso, achamos oportuno trabalhar com o gênero carta de reclamação, uma vez que esse gênero, além de contemplar os interesses da turma, os propiciariam uma prática de produção de texto com finalidades e interlocutores bem definidos. Além do mais, sabemos que a carta de reclamação é um instrumento legítimo de exercício da cidadania, uma vez que possibilita o desenvolvimento de uma reflexão e um discurso crítico a respeito de algo que merece ser reclamado, sendo assim, necessita de uma construção argumentativa que apoie a insatisfação destacada.

É nesse sentido que, a partir desse momento, apresentamos aos alunos a proposta de produção de texto que eles realizariam: a escrita de uma carta argumentativa de reclamação dirigida ao prefeito da cidade, na qual eles deveriam expor os problemas do bairro e reivindicar soluções para esses problemas por meio de uma argumentação consistente. Para a realização dessa proposta de produção de texto foi necessário, além de oportunizar conhecimento sobre a temática infraestrutura urbana, levá-los a conhecer profundamente a estrutura do gênero carta de reclamação. E para isso, realizamos com esses alunos uma sequência didática com o gênero carta de reclamação. Para uma melhor compreensão do trabalho realizado com esses alunos, descreveremos no subcapítulo seguinte, as atividades realizadas com esses alunos por meio de uma sequência didática com o gênero carta argumentativa de reclamação.

3.1.4.1 A sequência didática com o gênero carta argumentativa de reclamação

Em primeiro lugar, se fez necessário deixarmos claro para nossos alunos que “há uma multiplicidade de ações e de conhecimentos necessários para que aprendamos a produzir textos” (LEAL; BRANDÃO 2007, p. 47). Ou seja, explicamos a eles que, para se produzir um texto, é de suma importância que se tenha, além do conhecimento do assunto, também se conheça a estrutura do gênero em estudo, a fim de que possa compreender melhor tanto o contexto de produção do gênero em estudo bem como sua finalidade discursiva. Por esse razão que, a partir desse momento, iniciamos com esses alunos uma sequência didática com o gênero carta de reclamação. Primeiramente, achamos oportuno explicar que “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de

texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEWLY, DOLZ 2004, p. 83). Ou seja, deixamos claro que uma sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de algum gênero textual oral ou escrito” (SCHNEWLY, DOLZ 2004, p. 82).

Dessa forma, demonstramos que o funcionamento de uma sequência didática se dá da seguinte maneira: apresentação da situação, produção inicial, módulos e a produção final. Logo depois de compreenderem a organização da sequência didática, passamos a desenvolver com esses alunos as atividades que fariam parte da apresentação da situação.

3.1.5 A apresentação da situação

A apresentação da situação “visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final” (SCHNEWLY, DOLZ 2004, p. 84). Ou seja, “é o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada” (SCHNEWLY, DOLZ 2004, p. 84). E foi justamente isso que fizemos, apresentamos para os alunos, nesse momento a situação de comunicação que eles realizariam: a escrita de uma carta argumentativa de reclamação dirigida ao prefeito de Rondonópolis, a fim de levar ao conhecimento da autoridade competente, os principais problemas que afetam a vida dos moradores do Bairro Parque Universitário e bairros adjacentes. Além disso, deixamos claro aos alunos que, essa carta, além de cumprir sua finalidade discursiva também seria parte de uma coletânea de cartas argumentativas de reclamação.

Consequentemente, depois de deixarmos clara a situação de produção escrita que eles realizariam iniciamos as atividades que fariam parte da sequência didática com o gênero carta de reclamação. Sendo que, antes de iniciarmos, propriamente o trabalho com esse gênero carta de reclamação, fez-se necessário delimitar o conceito de gênero textual. Assim, com base nos estudos de Marcuschi (2008, p. 155), explicamos que

os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Ou seja, mostramos aos alunos que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e

típicas de *construção do todo*” (BAKHTIN 2011, p.282). O que significa dizer que “toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI 2008, p. 154). Em decorrência disso, é que se faz necessário que nós professores, realizemos o trabalho escolar por meio dos gêneros, pois sem eles “ não há comunicação, e logo, não há trabalho sobre a comunicação”(SCHNEUWLY e DOLZ 2004,p. 49). Ou seja, são eles que “constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino [...]” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 44). Diante disso, elencamos para os alunos que os gêneros existem em números ilimitados e, que cada um deles necessita de um ensino diferenciado, haja vista que cada gênero *reflete e refrata*, em seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, as condições e as finalidades da esfera social em que circula (BAKHTIN, 1952-53/1979, p.279).

Posteriormente, depois de tecermos essas breves considerações sobre os gêneros textuais, fizemos um levantamento do conhecimento prévio sobre o gênero carta. Com esse levantamento constatamos que, a maioria dos alunos, desconhecia os vários tipos de cartas existentes e, que o gênero com o qual tinham maior familiaridade era a carta pessoal, por ser tratar de um texto, geralmente, utilizado nas comunicações com amigos, familiares e cônjuges. Dessa maneira, achamos propício iniciarmos nossa sequência didática a partir de uma música que se relacionasse com o tema, por acreditarmos que a música, de alguma maneira, influencia a atenção dos alunos no assunto estudado. E foi com esse pensamento que decidimos trabalhar com a música “*A Carta*”, de Eduardo Costa.

Cabe salientar que, para realizarmos essa atividade, primeiramente, verificamos se os alunos conheciam a letra da música que iríamos ouvir. Depois, distribuímos em folhas sulfites cópias da letra da música para que lessem enquanto a ouviam-na, pois acreditamos que isso termina por facilitar a compreensão da mensagem musical. Posteriormente, fizemos com os alunos uma análise da letra da música, a fim de percebermos as relações que eles conseguiriam estabelecer com o tema carta. Dessa maneira, perguntamos a eles o que haviam compreendido da letra da música, o porquê do título “*A Carta*”, que situação estava sendo retratada na letra da música e se eles já haviam escrito algum tipo de carta.

Porquanto, consideramos que essa atividade se deu de forma produtiva, já que, por meio dela, não só percebemos os diversos sentidos atribuídos à música, como também tomamos ciência do pouco contato dos alunos com a escrita desse gênero. Se observarmos os seus relatos perceberemos que muitos não se recordam de situações em que tenham escrito alguma carta, a não serem aquelas poucas situações, de quando crianças, de escreverem, imaginariamente, cartas para o Papai Noel ou, em outras situações, escreverem algum tipo de

carta de amor ou dessa natureza.

Depois de propiciarmos aos alunos esse breve momento de descontração e reflexão com a música, apresentamos a eles, de uma forma bem sucinta, os vários tipos de cartas e suas respectivas finalidades. Assim sendo, mostramos que dentre os inúmeros tipos de cartas existentes em nosso cotidiano podemos citar: a carta pessoal, a carta de apresentação, a carta aberta, a carta do leitor e as cartas argumentativas de reclamação, carta de solicitação ou carta de reclamação e solicitação.

Por conseguinte, delimitamos, sucintamente, as principais finalidades desses tipos de cartas:

- **Carta pessoal:** é um tipo de texto, geralmente, utilizado entre as pessoas com o objetivo de corresponderem entre si, de contarem novidades, de trocarem informações entre familiares e amigos.
- **Carta de apresentação:** é um texto dirigido geralmente a empresas, no qual o autor se apresenta ressaltando seus pontos fortes que coincidem com o perfil de vaga ao qual está se candidatando.
- **Carta aberta:** é um texto de caráter argumentativo que trata de assuntos de caráter coletivo, assim sendo, ela pode ser utilizada como forma de protesto, como alerta e, até mesmo como meio de conscientização.
- **Carta do leitor:** é um tipo de texto em que o leitor expressa opiniões favoráveis ou não a respeito de assuntos publicados em jornais, revistas, ou a respeito do tratamento dado ao assunto.
- **Carta argumentativa de reclamação; carta de solicitação e carta de reclamação e solicitação:** são gêneros pertencentes à modalidade argumentativa, cuja finalidade é buscar soluções para uma problemática instaurada. Como o próprio nome sugere a carta de reclamação, apresenta uma reclamação a respeito de um problema, enquanto que a de solicitação pede a solução. Quando a carta simultaneamente apresenta uma reclamação e uma solicitação é chamada de carta argumentativa de reclamação e solicitação.

Fonte: <http://www.escolakids.com/cartapessoal.htm>

<http://www.algosobre.com.br/cartas/condolencias.html/>

http://www.tudobox.com/223/modelo_de_carta_de_reclamacao.html

Após mostrarmos os diferentes tipos de cartas argumentativas aos alunos, explicamos

que alguns autores como Barbosa (2005) apresenta distinções entre a carta de solicitação e a carta de reclamação. Para essa autora, a principal diferença reside no fato de que a carta de solicitação veicula um pedido, ao passo que a carta de reclamação veicula uma reivindicação. Já as autoras Kaufman e Rodrigues (1995) consideram que a carta de reclamação é uma forma de ampliação da solicitação. Logo após fazermos essas distinções entre as cartas de reclamação e de solicitação, retomamos com os alunos a proposta de produção de texto que eles realizariam: a escrita de uma carta argumentativa de reclamação dirigida ao prefeito de Rondonópolis ou órgão competente. Com isso, se fez necessário levarmos esses alunos a conhecerem a estrutura desse gênero. Para se “compor um texto é preciso conhecer as convenções do gênero ao qual ele pertence e saber utilizá-las para realizar a prática discursiva concreta e o objetivo que ela implica” (ZAYAS; ESTEVE apud LEAL; BRANDÃO, 2007, p. 54). Ou seja, “a composição de qualquer texto escrito implica conhecer as características linguísticas, textuais e discursivas do gênero em estudo” (ZAYAS; ESTEVE apud LEAL; BRANDÃO, 2007, p. 54).

E foi exatamente isso que fizemos. Nesse momento, elencamos para os alunos as seguintes partes: Que gênero seria trabalhado? A quem se dirigiria a produção? Que forma assumiria a produção? Quem participaria da produção? Depois de terem bem claro que o gênero que produziram era uma carta argumentativa de reclamação, que seria dirigida à autoridade ou órgão competente, que fazia parte de uma coletânea de cartas argumentativas de Reclamação e que seriam eles que produziram a carta de reclamação, explanamos as principais características desse gênero.

É importante mencionar que ao falarmos com os alunos sobre a carta de reclamação, algumas questões necessitaram ser esclarecidas tais como: O que é? Por que é feita e como se faz para reclamar? Então, explicamos a eles, primeiramente, o significado do verbo reclamar de acordo com as acepções dadas pelos dicionários Michaelis e Aurélio. Dessa forma, destacamos que o verbo reclamar no dicionário Michaelis apresenta as seguintes acepções:

- 1-Exigir, protestar, reivindicar (direitos)
- 2-Pedir com protesto, insistentemente, reiteradamente, a entrega ou devolução de:
- 3-Queixar-se, protestar:
- 4-Exigir, reivindicar:
- 5- Pedir, solicitar:
- 6- Exigir, invocar:
- 7- Demandar, exigir, ter necessidade de:
- 8-Chamar com o reclamo de outra:

Já no dicionário Aurélio, encontramos as seguintes acepções:

- 1-Pedir com exigência.
- 2-Reivindicar.
- 3-Implorar, pedir.
- 4-Protestar.
- 5-Ser reclamado ou exigido.

Depois que compreenderam as acepções do verbo reclamar, explicamos que a carta de reclamação é um gênero de caráter argumentativo que descreve um problema ocorrido a um destinatário que pode resolvê-lo. É considerado também um texto de caráter persuasivo, pois (a/o) remetente tenta convencer o destinatário a encontrar uma solução para os problemas apontados na carta. Esclarecemos também que são muitas as situações que levam as pessoas a escreverem uma carta de reclamação, seja para buscar soluções para problemas coletivos, ou até mesmo para reclamar da prestação de algum serviço ou um produto adquirido. Enfim, enfatizamos que a reclamação poderia ser feita de várias maneiras, tanto pessoalmente, por telefone, por ato público, protesto ou por meio de textos escritos como a carta aberta, o abaixo-assinado e a carta de reclamação. Ou seja, explicamos que a carta de reclamação é uma das maneiras das quais dispomos para fazer valer os nossos direitos.

Além disso, coube ainda acrescentar que “a carta de reclamação tem suas peculiaridades” e que é “comum neste gênero não apenas expor o objeto de reclamação, mas, sobretudo, justificar sua pertinência e mostrar de forma clara as consequências do problema” (SILVA; LEAL, 2007, p. 10). O que significa dizer que, quem reclama deve se utilizar de um discurso argumentativo, no qual descreve de maneira clara os problemas, os motivos e as consequências se o problema não for resolvido.

Depois dessas breves considerações sobre o gênero carta de reclamação, mostramos aos alunos que a carta de reclamação é composta das seguintes partes:

- Cabeçalho: Local e Data;
- Vocativo;
- Corpo do texto: exposição do problema que motivou a reclamação; argumentos que sustentem a reclamação; solicitação implícita ou explícita de medidas que resolvam o problema;
- Linguagem formal, atenta às normas do padrão culto da língua, rigor no emprego dos pronomes;
- Agradecimentos ou despedida;

- Assinatura.

Ao referirmo-nos às peculiaridades do gênero da carta de reclamação se fizeram necessário que explicássemos aos alunos, detalhadamente, cadauma dessas partes, e assim o fizemos. Primeiramente, explicamos a eles que, ao iniciarmos a escrita de uma carta, a primeira coisa a ser feita era colocar na margem do parágrafo a localidade, ou seja, a cidade de onde se está escrevendo a carta para em seguida colocar-se a data. Aproveitamos esse momento também para explicarmos que se separa por vírgula a localidade da data. Em seguida, explicamos que, se o destinatário da carta for um órgão do governo, a carta deve observar alguns procedimentos formais com a disposição da data, do vocativo (nome, cargo ou título do destinatário).

Nesse momento, foi necessário explicarmos o significado do termo vocativo, já que a maioria dos alunos não sabia o seu significado. Dessa maneira, esclarecemos a eles que a função do vocativo é indicar, nomear o interlocutor a quem se está dirigindo a palavra. Isto é, ele serve para chamar, invocar ou interpelar um ouvinte real ou hipotético. Logo após essa explicação indicamos que o vocativo deve ser usado na margem do parágrafo e demos alguns exemplos de vocativo tais como: Prezado Senhor..., Caro Presidente..., Ilmo. Senhor... etc.

Com relação ao corpo do texto ou corpo da carta explicamos que se trata da exposição do assunto da carta em si. Ou seja, trata de expor nesse momento, por meio de argumentos e justificativas, o motivo da reclamação, bem como de demonstrar as consequências caso a reclamação não seja atendida. Em outras palavras, é o momento de se apresentar argumentos calcados em bases sólidas, em ideias que realmente farão a diferença no momento de fazer com o que o interlocutor se convença de que realmente o problema carece de uma solução.

No que diz respeito à linguagem formal, explicamos que é o uso da língua escrita atento aos preceitos da gramática normativa, ou seja, caracteriza-se pelo correto emprego dos tempos verbais, dos pronomes, da ortografia etc. Já com relação às saudações finais, explicamos que devem ser seguidas de vírgulas e podem ser dispostas tanto na margem esquerda do parágrafo, de forma centralizada ou na margem direita. Em seguida, citamos alguns exemplos tais como: Atenciosamente, Sem mais para o momento, Com cordiais saudações etc.

Depois de apresentarmos a esses alunos os vários tipos de cartas existentes e de explicitarmos as partes que compõem uma carta argumentativa de reclamação, levamo-los a participarem de uma atividade em que deveriam discriminar os diferentes tipos de cartas. E para isso, utilizamos cópias impressas de quatro tipos de cartas, conforme aula 14 do

apêndice3, a fim de que os alunos analisassem os seguintes aspectos:

- a) O que esses textos possuem em comum?
- b) O que esses textos possuem de diferentes?
- c) Como eles classificariam as cartas lidas: carta pessoal, carta de solicitação, carta de leitor, carta de reclamação ou carta de amor?

Ao desenvolvermos essa atividade com os alunos percebemos que alguns alunos tiveram facilidade em perceber tanto a semelhança quanto a diferença entre esses textos, ao passo que outros não conseguiram estabelecer essa diferença. Diante disso, fizemos a leitura de cada uma dessas cartas, chamando-lhes a atenção, primeiramente, para os aspectos estruturais desses textos, tais como a configuração da carta como local, data, vocativo, assunto, despedida e assinatura. Já num segundo momento mostramos que, embora todos eles sejam considerados cartas, são textos escritos com diferentes finalidades, com diferentes objetivos, por isso cada um deles recebem diferentes tipificações tais como: carta do leitor, por ter sido endereçada a um jornal específico, carta de amor, carta de solicitação e carta pessoal.

Outro aspecto que frisamos aos alunos é o caráter argumentativo e persuasivo da carta de reclamação. Argumentativo porque permite expressarmos nossos posicionamentos sobre qualquer problema que nos aflija ou à comunidade que representamos. E persuasivo porque tenta convencer o receptor a encontrar uma solução para o problema apontado na carta.

Após essas considerações, entregamos uma cópia de uma carta de reclamação e solicitação para que os alunos analisassem os seguintes aspectos:

- Como ela se inicia? Por que essa carta começa dessa forma?
- A quem está sendo dirigida esta carta?
- Com que objetivo ela foi escrita?
- Quais foram os motivos que levaram o autor da carta a fazer essa reclamação?
- O que o autor solicita na carta?

No que se refere à análise da carta, podemos considerar que essa atividade se deu de forma produtiva. Primeiramente, porque percebemos que alguns aspectos estruturais da carta foram internalizados pelos alunos tais como: local, data, nome do destinatário e saudação inicial. Segundo, porque perceberam que o motivo dela ter sido endereçada ao Secretário de Saúde de Salvador era devido ao péssimo atendimento no Posto de Saúde do bairro, que decorria tanto da demora em ser atendido como também da falta de médicos e remédios.

Outro ponto notado por eles, é que além de reclamar o autor da carta também solicitava que providências urgentes fossem tomadas para que o problema fosse resolvido. Sendo assim, podemos concluir que a carta de reclamação pode ser considerada como uma ampliação da solicitação tal qual Kaufman e Rodrigues (1995) concebem-na.

Após propiciarmos um maior conhecimento aos alunos tanto da situação de produção como da estrutura do gênero carta de reclamação, levamos os alunos a realizarem a primeira produção do gênero carta de reclamação. A seguir descreveremos como se deu esse processo.

3.1.6 Da primeira produção aos módulos

Com relação à primeira produção é importante destacar que ela “tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor” (SCHNEUWLY e DOLZ 2004, p. 86). Primeiro, porque é o momento em que os alunos tentam realizar um primeiro texto oral ou escrito do gênero visado. Segundo, porque é por meio dessa primeira atividade de produção que o texto vai ser avaliado e revisto tantas vezes quantas forem necessárias. Daí decorre a necessidade de realizarmos com nossos alunos a primeira produção do gênero visado. Até por que “essas primeiras produções [...] constituem momentos privilegiados de observação, que permitem refinar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades dos alunos [...]” (SCHNEUWLY; DOLZ 2004, p. 87). Portanto, podemos dizer que a primeira produção é “o primeiro lugar da aprendizagem da sequência” (SCHNEUWLY e DOLZ 2004, p. 87).

E foi a partir desse princípio que, nesse momento, desenvolvemos a primeira atividade de produção de texto com esses alunos, baseando-se na seguinte proposta:

- Levando em consideração o que você já aprendeu sobre gênero carta argumentativa de reclamação e solicitação e sobre o tema infraestrutura urbana, redija uma carta argumentativa de reclamação e solicitação dirigindo-se ao prefeito de sua cidade ou ao órgão competente como a Secretaria de infraestrutura urbana. Ao redigir a carta, você deverá não só expor os principais problemas de infraestrutura urbana que têm afetado os moradores do bairro Parque Universitário como também buscar por meio dela soluções para esses problemas por meio de uma argumentação consistente.

Dessa maneira, explicamos aos alunos que não tivessem medo de produzirem os seus textos, pois como se tratava de um projeto de produção de texto, eles teriam muitas oportunidades de reverem o que haviam escrito. Além disso, esclarecemos também que esse

primeiro texto seria o norteador das principais atividades que desenvolveríamos com eles.

Dessa forma, a fim de que se sentissem mais seguros para escreverem, chamamos-lhes a atenção para que se recordassem de alguns aspectos já trabalhados durante as aulas, como local, data, saudações, exposição dos problemas que motivou a reclamação, argumentos que sustentam a reclamação, solicitação implícita ou explícita de medidas que resolvam o problema, despedida e assinatura.

Outro ponto que também reiteramos antes da escrita da carta é que se atentasse para os aspectos relacionados ao uso formal da língua, já que a carta de reclamação por ser um texto que circula na esfera pública, que se dirige a uma autoridade máxima deveria estar condizente com os preceitos da gramática normativa. Além disso, explicamos também que, a linguagem deveria se adequar tanto a situação de uso como ao interlocutor. Isso significa dizer que, esse tipo de texto não admite certos tipos de construções tais como gírias, abreviações, repetições desnecessárias de termos, entre outros.

Depois de esclarecermos essas questões, solicitamos que iniciassem a escrita de suas cartas de reclamação e que levassem em consideração o perfil do destinatário da carta e a sua finalidade. Entretanto, é preciso esclarecer que realizar essa atividade de produção escrita em sala de aula não foi uma tarefa tão fácil. Primeiro, porque muitos alunos diziam que não sabiam escrever textos, ou que não estavam “inspirados”. Por isso, se tornou fundamental que deixássemos claro a esses alunos que “escrever é, no entanto, um trabalho é “lutar com palavras” como diz Carlos Drummond de Andrade, e que decorre do exercício continuado, da definição de um projeto de dizer e da concentração nesse projeto” (SERCUNDES, 1997, p. 76). Com isso, mostramos aos alunos que escrever não é “uma simples inspiração, que pode ser expressa pela fórmula mágica **pensou-escreveu**” (KATO, 1994, p. 86). Pelo contrário, é fruto de muito esforço, dedicação e vontade de aprender.

Com efeito, foi a partir desse momento que os alunos iniciaram a escrita de suas cartas de reclamação. À medida que escreviam, alguns nos procuravam para tirar algumas dúvidas ou para nos mostrar se o texto estava apropriado. E antes que me entregassem a primeira versão da carta, solicitamos que revisassem os seus textos a fim de que percebessem a clareza de suas ideias e a consistência de seus argumentos.

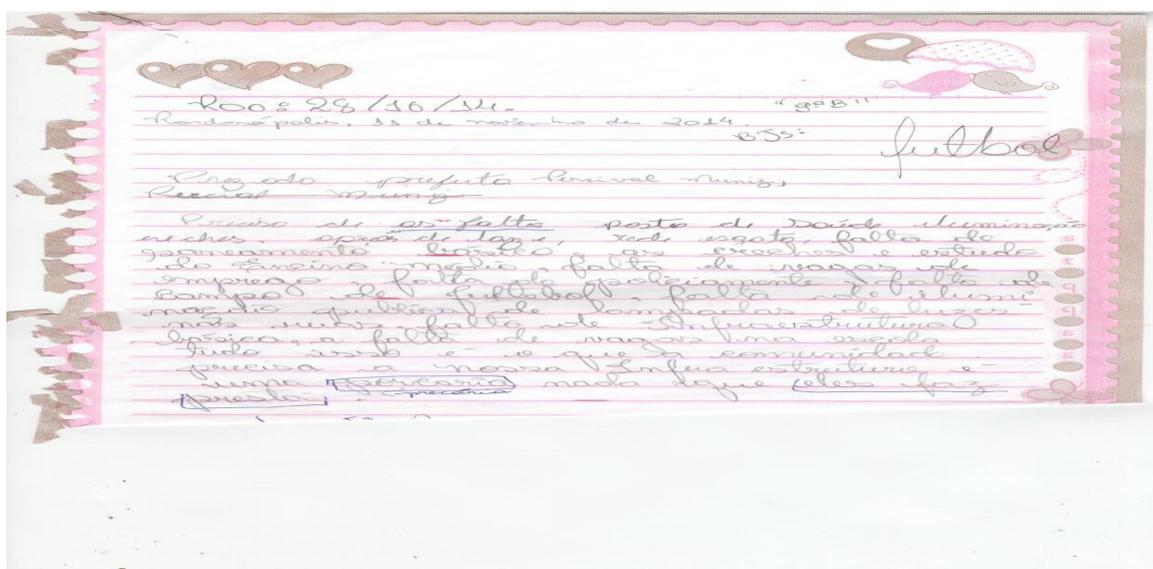
Após os alunos realizarem essa primeira versão da carta de reclamação iniciamos um trabalho de análise dessas cartas a fim de identificarmos as principais dificuldades encontradas por eles, e assim, definirmos o trabalho que realizaríamos nos módulos seguintes da sequência didática. Segundo os autores Schneuwly e Dolz (2004 p. 86-87) “nos módulos, trate-se de trabalhar os *problemas* que aparecem na primeira produção e de dar aos

alunos os instrumentos necessários para superá-los”. E assim o fizemos. Analisamos 20 cartas produzidas pelos alunos e identificamos os principais problemas que necessitavam de um trabalho mais sistemático. Dentre eles selecionamos trabalhar como ligados aos seguintes domínios:

- I- Módulo- atividades ligadas ao domínio da argumentação;
- II- Módulo- atividades ligadas ao domínio do gênero da carta de reclamação;
- III- Módulo- atividades ligadas ao domínio da sintaxe: paragrafação, pontuação, coesão e coerência e ortografia.

Com relação aos diversos problemas que detectamos nas cartas dos alunos, podemos dizer que o que consideramos como de maior relevância para que fosse trabalhado no primeiro módulo, foram os ligados ao domínio da argumentação. Haja vista que, após analisarmos as cartas de reclamação de nossos alunos, percebemos uma nítida falta de argumentos, de justificativas que descrevessem de maneira clara os problemas do bairro e suas diversas consequências. Ou seja, além de não conseguirem expor argumentos que justificassem o motivo de suas reclamações a respeito dos problemas do bairro também não souberam demonstrar a importância de se resolver esses problemas.

E, assim pensando em melhorar essa capacidade de argumentação desses alunos iniciamos o primeiro módulo com atividades direcionadas à construção de um discurso argumentativo. Assim, para uma melhor compreensão do trabalho que realizamos em sala de aula, primeiramente, analisaremos mais detalhadamente a seguir uma das cartas escritas por um desses alunos, conforme aula 17 do apêndice 3.



Ao analisarmos essa carta de reclamação escrita pela aluna A.S. percebemos,

nitidamente, a imensa dificuldade da aluna em construir um discurso argumentativo. Assim, notamos que, no decorrer de sua carta, ela apenas descreveu sucessivamente todos os problemas do bairro, sem que ao menos tecesse qualquer consideração que demonstrasse a importância de se resolver esses problemas. Dessa maneira, depois de analisarmos todas as cartas de reclamação dos alunos e detectarmos todas as dificuldades relacionadas ao domínio da argumentação, achamos oportuno trabalhar, primeiramente, no primeiro módulo, com atividades ligadas a esse domínio.

É importante que se considere que saber argumentar é uma das habilidades essenciais para o exercício pleno de nossa cidadania. Por esse motivo, é essencial que os alunos dominem os conhecimentos relativos à argumentação, como uma forma de garantir espaços de desenvolvimento pessoal e de participação coletiva. Dessa maneira, podemos dizer que vários motivos nos levaram a trabalhar com a argumentação em sala de aula, dentre eles podemos citar o fato de que “argumentar, é em primeiro lugar, procurar apresentar provas, que são resultados do raciocínio ou da realidade” (MEYER, 2008, p. 46). Já o outro motivo advém fato de que “para se reclamar de algo é preciso ter posições distintas a respeito de um determinado tema e lançar mão de elementos argumentativos para convencer o outro de que a reclamação feita faz sentido” (SILVA; FERRAZ, 2007, p. 5). Por esses motivos é que esclarecemos a esses alunos que seja para apresentar reclamações acerca de um problema voltado para a comunidade de uma forma geral, seja para solicitar que algo seja resolvido, o fato é que quanto mais argumentos, calcados em bases sólidas, eles apresentarem mais possibilidades de retorno eles terão.

E foi, justamente, pensando em melhorar essa capacidade de argumentação de nossos alunos que, iniciamos nesse módulo, com atividades ligadas ao domínio da argumentação. Primeiramente, explicamos a eles sobre a necessidade de aprenderem a argumentar, já que “a argumentação não é apenas considerada uma competência vinculada à experiência de um profissional nas sociedades democráticas, mas uma habilidade que ocupa lugar central nos processos de ensino-aprendizagem do conhecimento” (ORTIZ, CASTELLÓ, 2011 p.251-252).

Nesse sentido, primeiramente, perguntamos a elesse sabiam o que era argumentar e o que era argumentação. Com isso, percebemos o total desconhecimento dos alunos em relação a esses termos. Dessa maneira, se fez necessário iniciarmos esse módulo trazendo algumas definições sobre esses conceitos e para isso recorremos a alguns estudiosos do assunto.

Para Oléron, 1982 apud Meyer, 2008, p. 4, a argumentação pode ser entendida como “uma ação pela qual se tenta levar um auditório a adotar uma posição por meio de argumentos

que visem mostrar sua validade”. Outro autor que também partilha dessa concepção é Meyer. Para ele (2008, p. 1) “a argumentação é uma tentativa de influenciar o interlocutor”, já que o primeiro objetivo da argumentação “é convencer outra pessoa, ou seja, fazê-la mudar de opinião, ou pelo menos, tentar” (MEYER, 2008, p. 1). Já Koch acredita que (1987, p. 19) “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”.

Assim como Koch (1987) Pécora (1999, p. 88) também partilha dessa posição e concebe a argumentação como uma “propriedade fundamental para a caracterização da linguagem como discurso”. Dessa forma, podemos concluir que a argumentação é um recurso que tem como propósito convencer alguém para que esse tenha a opinião ou o comportamento alterado. Ou seja, ao argumentarmos temos como principal intuito convencer alguém a pensar como nós ou a concordar com nossas ideias.

Com efeito, depois de apresentarmos o conceito de argumentação, explicamos que ao escrevermos uma cartaargumentativa de reclamação devemos fundamentá-la por meio de diversos argumentos. Isto é, devemos apresentar provas, explicações, exemplos, justificativas, raciocínios para que assim consigamos atingir nossos objetivos.

Desta feita, depois de trabalharmos com esses conceitos de argumentação e argumentos, distribuimos uma cópia de uma atividade cujo objetivo era a de levar esses alunos a identificarem nos fragmentos de textos aqueles que apresentavam argumentos, justificativas, explicações, exemplos ou provas. O objetivo dessa atividade era contribuir para que os alunos aprendessem a distinguir textos que eram fundamentados por argumentos daqueles que não eram. Assim, passamos a leitura dos trechos:

TRECHO 1- Todos devem ter os mesmos direitos, independente de credo ou etnia.

TRECHO 2- Todos devem ter os mesmos direitos, independente de credo ou etnia, pois todos somos seres humanos e nossas diferenças não nos diminuem nem nos dão vantagens em relação aos outros. Um japonês tem os mesmos sentimentos, dores e necessidades que um africano ou um brasileiro.

Com essa atividade levamos os alunos a perceberem que no primeiro trecho não havia argumentos consistentes que justificassem o motivo de todas as pessoas terem os mesmos direitos. Já o segundo trecho, além de haver justificativas tais como “pois todos somos seres humanos e nossas diferenças não nos diminuem nem nos dão vantagens em relação aos outros” havia também exemplos que reforçavam esses argumentos. Por esta razão, mostramos a importância de se apresentar bons argumentos pautados em boas justificativas.

Outro trecho que também foi objeto de análise foi o seguinte:

TRECHO 4- Os governos deveriam se preocupar mais com o destino dado ao lixo doméstico e industrial. É preciso investir mais dinheiro em aterros sanitários e incentivar a coleta seletiva.

TRECHO 5- Os governos deveriam se preocupar mais com o destino dado ao lixo doméstico e industrial, uma vez que sem destino correto o lixo polui a água sob o solo e, conseqüentemente, a água que muitos bebem. Além disso, lixo sem tratamento adequado polui o ar e provoca o aumento do número de ratos e de outros animais transmissores de doenças, prejudicando a saúde da população.

É importante destacar que ao analisarmos esses trechos com os alunos mostramos a eles que o trecho quatro não apresentava argumentos que justificassem a necessidade dos governos de se preocuparem com o destino dado ao lixo doméstico e industrial. Ao passo que, no trecho cinco, vários argumentos são apresentados justificando essa necessidade de ter um tratamento dispensado ao lixo doméstico e industrial. Dessa forma, destacamos os seguintes argumentos:

- Sem destino correto o lixo polui a água sob o solo e, conseqüentemente, a água que muitos bebem;
- Sem tratamento adequado polui o ar;
- E provoca o aumento do número de ratos e de outros animais transmissores de doenças, prejudicando a saúde da população;

É importante mencionar que com essa atividade chegamos à seguinte conclusão que:

no trabalho de ler e escrever- e de ensinar e aprender a ler e a escrever- não basta recomendar que o aluno leia atentamente o texto muitas vezes ou o refaça várias vezes. Como nos alerta Fiorin (2005:9), não é suficiente apelar para a sensibilidade do aluno: é preciso mostrar o que se deve observar nos textos, fazendo destaques de variadas naturezas, provocando reflexões [...]. (GOULART 2011, p. 149-150)

É nesse sentido, que consideramos que as nossas atitudes enquanto professores são imprescindíveis para que os alunos construam um conhecimento sobre a argumentação, pois, de diferentes maneiras, podemos instigá-los a observarem os seguintes aspectos nos textos: Qual é a opinião defendida pelo texto? Que argumentos o autor apresenta em defesa de sua opinião? Que informações o autor apresenta para sustentar os seus argumentos?

Conseqüentemente, após tecermos essas breves considerações levamos os alunos a analisarem uma carta de reclamação que foi dirigida a um editor de um jornal em Londrina. O autor dessa carta utiliza-se desse veículo de comunicação para exteriorizar sua insatisfação

com a questão da violência em Londrina, conforme pode ser verificado na aula 19 do apêndice 3. Porém, antes de destacarmos os principais aspectos dessa carta de reclamação, explicamos aos alunos que enviar uma carta de reclamação a um jornal on-line ou impresso é uma das formas que o cidadão dispõe de tornar público um problema que afeta coletivamente uma sociedade. Desta forma, chamamos a atenção dos alunos para que identificassem nessa carta os principais argumentos utilizados pelo autor a fim de demonstrar a necessidade de se buscar soluções para a questão da violência. Os argumentos identificados foram os seguintes:

- A violência em Londrina atingiu proporções caóticas. Para chegar a tal conclusão, não é necessário recorrer a estatísticas. Basta sairmos às ruas (a pé ou de carro) num dia de “sorte” para constatarmos pessoalmente a gravidade da situação;
- Mas não acredito que esse quadro seja irremediável. Se as nossas autoridades seguirem alguns exemplos nacionais e internacionais, tenho a certeza de que poderemos ter mais tranquilidade;
- Um bom modelo de ação é o modelo adotado em Vigário Geral, no Rio de Janeiro onde foi criado o Grupo cultural Afro Reggae. A iniciativa, cujos principais alvos são o tráfico de drogas e o subemprego, têm beneficiado cerca de 750 jovens.
- Outro modelo é o projeto Tolerância-Zero adotado pela prefeitura nova-iorquina há cerca de dez anos. Por meio desse plano, além de reprimir os homicídios relacionados ao narcotráfico, seria mister combater outros crimes, não tão graves, mas que também tinham relação direta com a incidência de assassinatos.
- Já não é tempo de as nossas autoridades se espelharem em bons modelos?
- As iniciativas mencionadas poderiam sanar ou, pelo menos, mitigar o problema da violência em Londrina.

Por meio da análise dessa carta, destacamos para os alunos que toda argumentação consistente supõe o uso de argumentos. Por isso é importante que nós professores desenvolvamos atividades que ampliem a capacidade de argumentação de nossos alunos. Assim, corroboramos com a ideia de que “aprender como funciona esta modalidade é, em última instância, defender a própria cidadania, visto que os discursos - quer os que lemos ou escrevemos-poderem igualmente libertar ou oprimir, manipular ou revelar como é feita a manipulação” (CITELLI, 1994,p. 8).

E assim, baseando-se nesse princípio desenvolvemos atividades que tiveram por objetivo melhorar essa capacidade de argumentação de nossos alunos. E para isso, além de levarmos a observarem argumentos em diferentes textos, os instigamos também a construir

argumentos que justificassem a necessidade de se investir em infraestrutura urbana. E assim, solicitamos que retomassem os textos trabalhados em sala de aula sobre a temática infraestrutura urbana e seus subtemas (saneamento básico, pavimentação urbana, iluminação pública, insegurança) e construíssem argumentos para que pudessem utilizá-los em suas cartas de reclamação.

A princípio os alunos tiveram dificuldades em construir seus próprios argumentos. Então resolvemos auxiliá-los por meio de uma construção coletiva desses argumentos. Os argumentos construídos coletivamente foram os seguintes:

- Quando se investe em infraestrutura como asfalto, rede de esgoto, energia, telefone, ocorre uma valorização imobiliária do patrimônio de cada cidadão.
- Expandir a rede de esgoto significa reduzir a incidência de doenças na população. Isso significa melhorar a qualidade de vida das pessoas.
- O asfalto não deve ser visto como um privilégio de alguns moradores, mas como um direito da população que paga seus impostos.
- Quando se investe em asfalto está se investindo na saúde, porque o pó inalado provoca doenças respiratórias nas pessoas.
- A pavimentação de vias urbanas é uma necessidade básica da população, pois além de valorizar uma região, ela previne de diversas doenças relacionadas à poeira.
- É preciso recuperar as vias principais de nosso bairro, pois o excesso de buracos contribui para que acidentes ocorram tanto com pedestres como com motociclistas, trazendo prejuízos físicos e financeiros.
- O Bairro Parque Universitário precisa de mais investimentos na saúde. Primeiro, porque um posto de saúde não é suficiente para atender toda a população. Segundo, porque faltam médicos e medicamentos suficientes.

Após levarmos os alunos a construir argumentos sobre o tema infraestrutura urbana, trabalhamos com eles a distinção entre fato e opinião. Isso se fez necessário, pois ao analisarmos as cartas de reclamação dos alunos percebemos que suas cartas tinham apenas apresentação de fatos, sem que esses fatos fossem sustentados por opiniões, por pontos de vista. Então, achamos necessário mostrarmos a diferença entre fato e opinião. E para isso recorremos à definição dada por Meyer. De acordo com esse autor o fato “é um elemento concreto pertencente à esfera da realidade; pode ter sido diretamente vivenciado pelo emissor ou ter chegado ao seu conhecimento por meio de leituras, estudos, relato alheio ou informação da mídia” (MEYER 2008, p. 44-45). Ou seja, é algo cuja existência independe de quem

escreve. Já a opinião ele a caracteriza como “um subconjunto da ideia, pois se trata de uma noção subjetiva” que segundo ele “sendo pessoal, está vinculada a liberdade de apreciação de cada um” (MEYER, 2008, p. 45-46). Isto é, a opinião é a maneira pessoal de ver o fato, a apreensão de conceitos e valores a partir de algo pré-existente, que é o fato.

Depois de esclarecermos a diferença entre o fato e a opinião demos alguns exemplos para que os alunos melhor compreendessem essa diferença. Entre esses exemplos podemos citar os seguintes:

Fato: A redução da maioria penal ocupa lugar de destaque no Congresso.

Opinião: Como em todo tema polêmico, discutir a maioria penal requer, pela gama de aspectos envolvidos, sensatez e muita responsabilidade dos legisladores.

Fato: Volta à pauta de discussões da Câmara a possibilidade de se liberar a maconha.

Opinião: A liberação da maconha, no Brasil, não pode ser levada a cabo antes de se promover um amplo, objetivo e transparente debate com toda a sociedade brasileira.

Com esses exemplos explicamos aos alunos que “a argumentação frequentemente se valerá do fato como prova de uma ideia, como justificção de um ponto de vista” (MEYER, 2008, p. 45). Por isso é importante que eles saibam que “argumentar é, em primeiro lugar, apresentar provas, que são resultado do raciocínio ou da realidade” (MEYER, 2008, p. 46). Explicamos ainda que o que não pode ocorrer em um texto é deixar que o fato prevaleça sem que sejam emitidas opiniões referentes a esses fatos.

Conseqüentemente, após explicitarmos essa diferença entre fato e opinião, explicamos aos alunos que para argumentarmos sobre um determinado tema ou assunto duas coisas são imprescindíveis: motivação e informação. Primeiro, porque é “muito difícil argumentar sobre um assunto que não nos motiva, que não nos interessa” (FARACO, 2013, p. 267). Segundo, porque “é igualmente difícil escrever sobre um assunto sobre o qual não se tenha informação, mesmo que a questão nos interesse” (FARACO, 2013, p. 268). Ou seja, escrever sem informação, sem dados concretos leva o texto ao vazio.

Após essas breves considerações, solicitamos aos alunos que identificassem as marcas de opiniões nos seguintes textos.

1-Identifique as marcas de opinião no texto abaixo.

Navegar é preciso

(NAVEGAR é preciso, 2009)

O velejador, economista e empresário Vilfredo Schürmann lançou o livro *Navegando com o Sucesso* na praça central do Shopping Mueller, em Joinville, e na praça central Neumarkt, em Blumenau. Ótimo contador de histórias apresentou reflexões sobre o sentido de palavras como sucesso, família, trabalho em equipe, sonho e disciplina.

Nessa atividade os alunos tiveram que identificar a marca de opinião deixada pelo redator do texto. Dessa forma, podemos dizer que os alunos não sentiram dificuldade em perceber a passagem em que o redator expressava uma opinião sobre o empresário Vilfredo: ótimo contador de histórias. Em seguida, solicitamos aos alunos que realizassem uma outra atividade.

2- O texto abaixo se atém mais aos fatos ou à expressão da opinião? Por quê?

Nascida em Curitiba, m 1982, Marjorie Estiano se mudou para São Paulo aos 18 anos, onde se profissionalizou como atriz e cantora. Já no Rio de Janeiro, estreou na tevê em 2003, em *Malhação*, e desde então esteve em várias novelas [...] (MARJORIE ESTIANO atriz e cantora, 2009).

Com essa atividade levamos os alunos a perceberem o quanto esse texto é de caráter informativo, tendo em vista que ele é marcado apenas pelo fato, sem que nenhuma opinião fosse tecida com relação ao trabalho da atriz e cantora Marjorie Estiano.

Depois de realizarmos essa distinção entre o fato e a opinião, explicamos para nossos alunos sobre importância de eles aprenderem a argumentar, de exporem os seus pontos de vista, suas opiniões. Conforme demonstrado por Koch (1987, p. 19) “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”.

Assim, esclarecemos a eles que se desejassem convencer o outro era preciso que mostrassem as evidências, que comprovassem o que diziam. Por isso, achamos oportuno, desenvolvermos outras atividades a fim de melhor compreenderem a importância da argumentação. Assim, passamos o seguinte texto conforme aula 22 apêndice 3, a fim de que identificassem os seguintes aspectos: Qual é a ideia defendida pelo autor? Que argumentos ele

usa para defender sua ideia? Por que ele usa argumentos para defender sua ideia?

Texto

Adolescentes com 16 anos não devem dirigir, pois a grande maioria de jovens com essa idade não possui responsabilidade para isso. Além disso, as estatísticas mostram que grande número de acidentes ocorre com jovens entre 18 e 20 anos na direção.

Após a leitura desse fragmento de texto, os alunos foram levados a identificar os aspectos mencionados acima e, a grande maioria, percebeu que a ideia defendida no texto era que os adolescentes de 16 anos não deviam dirigir. Quanto aos argumentos utilizados pelo autor, perceberam que ele se utilizou de dois argumentos: o primeiro é o adolescente com essa idade não tem responsabilidade para isso. Já o segundo é que as estatísticas mostram que grande número de acidentes ocorre com jovens entre 18 e 20 anos. Portanto, podemos dizer que essa atividade foi de suma importância, pois com ela os levamos a perceberem o quanto as opiniões devem ser sustentadas por argumentos.

Do mesmo modo, achamos também oportuno que, nesse momento, levássemos os alunos a construir argumentos, opiniões, sobre alguns temas, a fim de exercitarem a argumentação. E assim, desenvolvemos a seguinte atividade:

Crie argumentos que fundamente o seu ponto de vista a respeito de cada assunto.

- a) Os pais devem ou não controlar o uso dos celulares dos filhos?
- b) Até que ponto os pais devem limitar o uso da internet?
- c) Qual é a sua opinião com relação à proibição do uso do celular na escola?

Com essa atividade mostramos para os alunos sobre a importância de se fundamentar as opiniões por meio de argumentos. Dessa maneira, explicamos que existiam vários tipos de argumentos que poderiam ser utilizados por eles para fundamentarem suas opiniões, tais como: argumentos de autoridade, exemplificação ou ilustração, argumentos por causa e consequência, argumentos baseados no senso comum ou argumentos baseados no raciocínio lógico. Diante disso, se fez necessário explicarmos as principais diferenças entre esses tipos de argumentos:

- Argumento de autoridade: Consiste em citar a opinião de uma autoridade no assunto em questão, ou seja, alguém que tem prestígio e crédito com relação ao assunto.

- Argumentos por exemplificação ou ilustração: a exemplificação consiste no relato de um pequeno fato real ou fictício.
- Argumento por causa e consequência: para comprovar uma tese você pode buscar as relações de causa (os motivos, os porquês) e de consequência (os efeitos).
- Argumentos consensuais: são argumentos baseados no senso comum, são verdades aceitas por todos.
- Argumentos por raciocínio lógico: a criação de relações de causa e efeito é um recurso utilizado para demonstrar que uma determinada conclusão afirmada no texto é necessária, e não fruto de uma interpretação pessoal.
- Argumentos científicos ou baseados em provas concretas: são aqueles extraídos de resultados de pesquisas, de dados científicos ou estatísticos.
- Argumento por comparação: estabelece o confronto entre duas realidades diferentes, seja no tempo, seja no espaço, seja nas características físicas, etc.

Logo após propormos essa atividade aos alunos percebemos a imensa dificuldade que eles apresentaram tanto para exporem suas opiniões, suas justificativas quanto para exporem argumentos sólidos. E isso se deve ao fato de que “a argumentação é ainda pouco frequente no cotidiano da sala de aula” (LEITÃO, 2011, p. 35). Ou seja, embora a escola “seja tida como o lugar designado para a circulação do conhecimento científico - incluindo o da argumentação [...] não tem promovido a propagação desse saber [...]” (LEMES, 2013p. 95).

Por razões como as que aqui expusemos é que se fez necessário um trabalho sistemático no sentido de levarmos esses alunos a construírem um conhecimento sobre a argumentação. E confessamos que não foi um trabalho fácil de realizar, tendo em vista que o indivíduo precisa “formular claramente seus pontos de vista e fundamentá-los mediante a apresentação de razões que sejam aceitáveis a interlocutores críticos” (LEITÃO, 2013 p. 15).

Sendo assim, recorreremos a um maior número possível de atividades a fim de levarmos esses alunos a construírem conhecimentos sobre a argumentação. Dessa maneira, buscamos na internet diversas cartas argumentativas a fim de que pudéssemos trabalhar a argumentação com nossos alunos. Dentre as cartas que encontramos, selecionamos uma retirada do site “*Recanto das Letras*”.

Para desenvolvermos essa atividade, solicitamos aos alunos que analisassem a carta que foi dirigida ao presidente do Conselho Federal de Enfermagem (COFEM) e identificassem os seguintes aspectos:

- a) Levando em consideração que a carta argumentativa de reclamação, como o nome

sugere, apresenta uma reclamação a respeito de um problema, enquanto a carta argumentativa de solicitação pede a solução de um problema. Quando apresenta simultaneamente uma reclamação e uma solicitação é chamada de carta argumentativa de reclamação e solicitação. Como você classificaria a carta lida?

- b) A quem foi endereçada essa carta? Com que objetivo?
- c) Para ser atendido, o remetente de uma carta argumentativa necessita apresentar argumentos convincentes. De que argumentos o remetente se serve para convencer seu interlocutor?
- d) A argumentação do remetente foi consistente para que ele atingisse seu objetivo? Observe a linguagem empregada na carta. Que variedade linguística predomina: a formal ou o informal?
- e) Em que pessoa se coloca o autor da carta?
- f) Agora conclua: Quais são as principais características de uma carta argumentativa de reclamação e solicitação?

Na carta que os alunos analisaram o autor se posiciona a respeito de uma questão polêmica: a distribuição de agulhas e seringas por parte da COFEM. Ao analisarem a carta percebemos que os alunos tiveram facilidade em identificar aspectos estruturais da carta como, por exemplo, o destinatário. No entanto, muitos tiveram dificuldade em identificar o objetivo da carta, pois pensaram que ela discutia o aumento do uso de drogas por parte dos jovens.

Com isso se fez necessário retomarmos a leitura da carta a fim de os levarmos a compreenderem o verdadeiro objetivo da carta, que é o de discutir uma decisão polêmica do COFEM em fornecer seringas e agulhas para viciados com o objetivo de diminuir os casos de AIDS. Outro aspecto que também destacamos com os alunos foram argumentos utilizados pelo autor da carta a fim de demonstrar sua preocupação com a distribuição de seringas e agulhas. Os argumentos que o autor da carta utilizou foram os seguintes: “a distribuição dessas seringas poderá acarretar num aumento de viciados, uma vez que o uso antes compartilhado passa a ser pessoal, dando uma falsa impressão de segurança”. Além disso, argumenta também que com o aumento de dependentes o tráfico irá aumentar, aumentando assim a violência urbana. Outro argumento que ele também enfatiza é que para se aplicar uma injeção é necessário um conhecimento prévio, técnicas para a sua aplicação.

No que se refere aos argumentos usados pelo autor da carta os alunos o consideraram como consistentes e acreditam que ele conseguiu atingir o objetivo proposto. Outro aspecto da carta que destacamos é que por ser um texto de um remetente específico a um destinatário

também específico, é preciso que tanto a primeira pessoa como as marcas de interlocução sejam marcadas, bem como a assinatura e a despedida.

Quanto às características da carta argumentativa levamos os alunos a perceberem as relacionadas tanto a estrutura como o cabeçalho, local, data, vocativo, saudações como as relacionadas ao assunto da carta como a apresentação de um ponto de vista sobre um determinado assunto e a utilização de argumentos bem fundamentados. Outro ponto que também destacamos foi o fato do autor da carta solicitar que medidas de políticas públicas fossem tomadas a fim de se combater o aumento da AIDS e do uso de drogas.

Com essa atividade demonstramos para os alunos que “quando falamos ou escrevemos estamos querendo comunicar intenções, buscamos ser entendidos, desejamos estabelecer contratos verbais com nossos ouvintes ou leitores” (CITELLI, 1994, p. 23). Ou seja, “quem escreve, escreve sabendo para que e para quem está se escrevendo, isto é, tem sempre uma finalidade e um interlocutor [...]” (SILVA; MELO, 2007, p. 30).

Por este motivo é que concordamos com a ideia de que “as atividades de escrita devem ser desenvolvidas em contextos funcionais, o que significa dizer que é necessário ter finalidades e destinatários autênticos” (MELO; SILVA, 2007, p. 83). Só assim a atividade de produção escrita fará sentido para o aluno.

E justamente, pensando em dar sentido a essa atividade de escrita, é que depois de trabalharmos nesse módulo com atividades ligadas ao domínio da argumentação é que solicitamos aos nossos alunos que revisassem suas cartas argumentativas, a fim de acrescentarem argumentos que fundamentassem suas opiniões, seus pontos de vista sobre os problemas do bairro. Além disso, deixamos claro também que deveriam buscar soluções para esses problemas por meio de uma argumentação consistente. E para isso, os orientamos que deveriam se utilizar dos conhecimentos construídos durante o módulo sobre argumentação, bem como poderiam recorrer aos textos trabalhados em sala de aula sobre infraestrutura urbana.

Com efeito, depois de orientarmos esses alunos sobre os diversos aspectos ligados à argumentação, transcrevemos na lousa uma carta produzida pela aluna A.S conforme aula 17 do apêndice 3 a fim de demonstrarmos quais aspectos necessitariam ser revistos a fim de se adequar o texto à situação comunicativa e ao gênero. Dessa maneira, especificamos que, na carta em questão, não havia apresentação de argumentos que justificassem a necessidade de se resolver os problemas do bairro ali apresentados. Ou seja, na carta a aluna apenas descreve os problemas, porém não apresenta argumentos e nem opiniões a respeito desses problemas.

Diante disso, solicitamos aos alunos que revisassem suas cartas atentando para os

esses aspectos objetivo da carta, consistência de argumentos, apresentações de razões, motivos, justificativas e exemplos. Ao realizarem a reescrita da carta, notamos que algumas cartas sofreram modificações em aspectos ligados à argumentação, ao passo que outras não se alteraram. Isso se deve ao fato de que nem todos os alunos participaram ativamente das atividades desenvolvidas durante o primeiro módulo, por isso muitos sentiram dificuldades em revisar o texto e acrescentar novos argumentos, já que não participaram dos conhecimentos construídos ao longo do módulo. Outro ponto que também merece ser enfatizado é que devido ao alto índice de evasão escolar muitos dos alunos participaram apenas da primeira versão da carta. No que se refere à segunda versão da carta, percebemos que muitos alunos modificaram seus textos utilizando-se de alguns dos argumentos trabalhados em sala de aula. Ao passo que outros não, pois consideraram que seu texto estava bom e não precisava ser modificado. Um dos textos que percebemos que houve certa modificação durante a segunda versão foi o texto produzido pela aluna A.S. Em sua segunda versão, notamos que a aluna tentou acrescentar argumentos em seu texto a fim de justificar a necessidade de resolver os problemas de seu bairro. Veja a seguir como ficou a segunda versão do texto produzido pela aluna.



Sendo assim, depois de analisarmos todas as cartas, explicamos aos alunos que um texto é o resultado de sucessivas versões. Ou seja, deixamos claro a eles que “escrever não

pressupõe apenas a produção do texto, mas também seu planejamento (antes), sua revisão e edição (depois) e seu subsequente consumo pela audiência alvo, para que autor eleitor possam atingir seus objetivos de trocas simbólicas” (ROTH, 2006, p. 10).

Sendo assim, ratificamos que “escrever é (também) reescrever” (SCHNEUWLY; DOLZ 2004), ou seja, a revisão é parte intrínseca do processo de produção de texto. O que significa dizer que

na atividade de escrita [...] o escritor pode considerar seu texto como um objeto a ser retrabalhado, refeito, mesmo a ser descartado, até o momento em que o dá a seu destinatário. Quer dizer o texto permanece provisório enquanto estiver submetido a esse trabalho de reescrita (SCHNEUWLY e DOLZ 2004, p. 94-95).

Dessa maneira, esclarecemos o quanto a reescrita e a revisão textual são importantes no processo de escrita. Nahora da reescrita muitos aspectos precisam ser revistos, reformulados, ou até mesmo suprimidos ou reordenados. Desse modo, um texto para ser considerado pronto será sempre produto de sucessivas versões.

Depois de realizarem a segunda reescrita da carta, nos atentamos para os aspectos relacionados à adequação do texto ao gênero carta argumentativa de reclamação. Assim, achamos necessário retomarmos algumas características do gênero, bem como realizarmos outras leituras de cartas argumentativas a fim de que internalizassem as suas características.

Dessa maneira, achamos oportuno retomarmos o objetivo da carta de reclamação. Assim explicamos a eles que a carta de reclamação ou reclamação/solicitação é utilizada quando o remetente descreve um problema ocorrido a um destinatário que pode resolvê-lo. É também considerado um texto persuasivo, pois o interlocutor tenta convencer o receptor da mensagem a encontrar uma solução para o problema apontado na carta. Por este motivo, quem reclama deve utilizar-se de um discurso argumentativo, no qual descrevam de maneira clara os problemas, os motivos pelos quais eles podem ter ocorrido e as consequências caso eles não sejam resolvidos. Ou seja, é imprescindível que além de reclamar, apontar falhas saibamos também apontar soluções para os problemas que consideramos importantes.

Diante disso, achamos oportuno levar os alunos a analisarem mais uma carta. Dessa maneira, buscamos na internet mais um exemplo de carta argumentativa que contemplasse nossos objetivos. A carta que selecionamos foi endereçada ao Diretor do Departamento de Trânsito de Fortaleza. Nessa carta, os moradores da Rua Jair dos Santos, solicitam soluções para os problemas do trânsito local.

Nessa atividade solicitamos aos alunos que analisassem nessa carta os seguintes

aspectos:

- A quem foi dirigida essa carta?
- Com que objetivo foi escrita?
- O que o autor está solicitando na carta?
- Em nome de quem ela foi escrita?
- Que sugestões são apontadas como solução para o problema

Fortaleza (CE), 12 de janeiro de 2010.

Ilmº. Sr. Diretor do Departamento de Trânsito de Fortaleza:

Nós, moradores da Rua Jair dos Santos Meneghetti, há anos vimos enfrentando sérios problemas com o trânsito local. Como é de seu conhecimento, a Avenida Olímpio de Souza é uma das mais movimentadas de nossa cidade. Ela concentra um grande número de veículos – incluindo-se, além de automóveis, ônibus e caminhões –, já que conduz o fluxo tanto ao centro da cidade quanto às rodovias que levam a cidades vizinhas.

Mesmo havendo duas pistas em cada sentido da Avenida Olímpio, é comum alguns veículos, na altura do número 1.500, tomarem nossa rua como atalho. Isso se deve a duas razões: primeiramente porque, nos horários de pico, é normal o trânsito fluir mais lentamente: em segundo lugar porque, mais à frente, na altura do número 1700, existe um semáforo que sinaliza o cruzamento da Rua Sílvia Arante com a Olímpio. Os motoristas, quando estão na altura do número 1.500, conseguem avistar o semáforo e, se ele está fechado, não hesitam em tomar a Jair dos Santos como atalho e sair já no número 1.900 da Avenida Olímpio.

O resultado não poderia ser diferente: poluição do ar, barulho insuportável de motores e buzinas, riscos constantes para nossas crianças, insegurança, em virtude da constante circulação de pessoas estranhas ao local, má qualidade de vida.

Lembramos a V. S.^a que a Rua Jair dos Santos Meneghetti é predominantemente residencial e não comporta tal tipo de tráfego. Além disso, na campanha política do atual prefeito, que V. S.^a naturalmente apoiou, uma das propostas defendidas era a preservação da qualidade de vida da cidade. Eis uma oportunidade de concretizar essa proposta, tomando-se uma destas medidas práticas que ora sugerimos:

a) Inverter a mão da Rua Jair dos Santos Meneghetti, que atualmente vai do número 01 para o número 225, ou

b) Colocar três quebra-molas ou lombadas ao longo da Rua supracitada.

Acreditamos que a adoção de uma dessas soluções – que custariam pouco e poderiam ser efetivadas em no máximo dois dias – resolverá o problema de uma vez e conseguirá devolver-nos a tranquilidade que tínhamos no passado e a que temos direito ainda hoje. Para V.S.^a e para o Departamento que dirige, será também a oportunidade de se integrar às reais necessidades da população, cada vez mais conscientes de seus deveres e direitos.

Certos de sua atenção, agradecemos.

Moradores da Rua Jair dos Santos

Fonte: <http://oblogderedacao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15/07/2014

Com essa atividade levamos os alunos a observarem o motivo que levou os moradores da Rua Jair Santos a endereçar essa carta ao Diretor de Departamento de Trânsito de Fortaleza. Sendo assim, perceberam que o objetivo dessa carta não foi apenas para se reclamar dos problemas decorrentes do grande fluxo de trânsito dessa rua, como o excesso de

barulho, poluição, riscos para crianças, insegurança, má qualidade de vida, mas também de sugerir, por meio dessa carta, medidas que poderiam até mesmo minimizar ou solucionar esses problemas tais como a inversão da mão ou construção de lombadas. Outro aspecto que também destacamos é o fato da carta ter sido escrita em nome de todos os moradores da rua, ou seja, a voz que pretende ser ouvida não representa apenas um indivíduo, mas toda uma coletividade. Daí o caráter da carta de reclamação, por ser um texto, que interage com problemas tanto individuais como também coletivos.

Em decorrência disso, é que reiteramos que quando recebemos uma conta de água ou de luz com valores absurdos, ou quando somos mal atendidos em uma empresa ou repartição pública, ou quando nos sentimos insatisfeitos, desrespeitados, injustiçados socialmente, podemos valer-nos desse gênero carta de reclamação ou carta de reclamação e solicitação como uma das formas de fazermos valer os nossos direitos. Ou seja, é preciso dar o primeiro passo em busca de nossos direitos, seja por meio de uma carta argumentativa, seja por meio de um telefonema para uma ouvidoria, o fato é que algo precisa ser feito a fim de que se garantir os nossos direitos.

Em outras palavras, é preciso dar condições ao aluno para que ele possa “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (PCN, 1997, p.5). E para que isso aconteça é preciso que as atividades de produção de textos que propomos em sala de aula ultrapassem esse domínio e se estendam às práticas de linguagem reais. O que significa dizer que a produção de texto deve partir de situações concretas que tenham um sentido para escreverem ao invés de realizar apenas uma redação escolar onde se imagina que está se escrevendo para alguém.

Desta feita, depois de tecermos essas breves considerações sobre a maneira como devemos conduzir as práticas de produção de textos em sala de aula, retomamos com os alunos o trabalho com o gênero carta de reclamação, a fim de subsidiar a reescrita da carta de reclamação. Sendo assim, concordamos com Koch (2002, p. 59) ao afirmar que “na medida em que o objeto de trabalho é descrito e explicado, ele se torna acessível a todas as práticas linguageiras de aprendizagem”.

Em decorrência disso, iniciamos mais uma atividade com nossos alunos. Para realizarmos essa atividade, distribuimos cópias de três cartas argumentativas de reclamação que foram retiradas do *Caderno de Apoio e Aprendizagem – Língua Portuguesa 7 ano* (2010, p.31-33). Nessa atividade, além de observar os aspectos formais da carta, os alunos deveriam também identificar qual das cartas lidas era a mais convincente e adequada,

tendo em vista que essas cartas objetivavam convencer à direção da escola a destinar uma verba recebida como doação para o conserto da quadra poliesportiva.

Dessa maneira, elencamos que observassem nas três cartas os seguintes aspectos: local, data, forma de saudação, os argumentos usados pelo grupo de alunos a fim de convencer a diretora, despedida, assinatura. Com relação à maneira que as cartas foram iniciadas, os alunos perceberam que a forma de tratamento dispensada à diretora nas três cartas foi diferente. Sendo que na primeira e terceira cartas foi utilizada uma forma de tratamento mais formal, adequada à situação como, por exemplo, Prezada dona Marília e Prezada Prof. Marília. Já na segunda carta o remetente usou um tratamento mais informal tratando-a simplesmente por Marília, o que não é adequado à situação.

No que se refere aos argumentos usados por cada grupo para convencer a diretora a consertar a quadra poliesportiva destacaram na primeira carta os seguintes argumentos: “pois o piso está totalmente danificado, com buracos e as faixas de marcação estão praticamente invisíveis. Isso prejudica nosso jogo e pode machucar alguém e com o conserto da quadra todo mundo ficaria satisfeito”. Já na segunda carta não houve apresentação de argumentos convincentes, apenas solicitaram que a quadra fosse consertada porque estava totalmente esburacada. Com relação à terceira carta os alunos tiveram dificuldade em identificar todos os argumentos usados na carta, por isso tivemos que auxiliá-los. Assim, destacamos os seguintes argumentos “a prática de esportes é importante tanto para a saúde física quanto mental das pessoas; a quadra da escola se transforma em um dos poucos espaços em que podemos praticar esportes e nos divertir. Por isso ela é tão importante. Além disso, se a quadra não estiver bem conservada, ela pode oferecer risco para quem joga bola. O piso com buracos pode causar tropeços e quedas, causando lesões que podem ir de simples esfolados até fraturas de ossos. Com o piso com buracos e a pintura danificada não dá para jogar direito, pois ao jogarmos as bolas acabam se desviando para outra direção. E com as linhas apagadas, também fica difícil sabermos quando uma bola foi para fora ou não foi, se um jogador está impedido”.

Por conseguinte, reiteramos com nossos alunos sobre a importância de se apresentar bons argumentos em suas cartas. Em vista disso, esclarecemos que não basta que os problemas do bairro sejam apresentados, é preciso muito mais, é preciso que os problemas sejam acompanhados de argumentos que demonstrem as consequências decorrentes dos mesmos e os prejuízos que deles advém.

Logo após tecermos essas considerações sobre a importância dos argumentos nas cartas de reclamação levamos os alunos a observarem os elementos prototípicos desse gênero

textual e, ao mesmo tempo, perceberem a diferença entre a carta de reclamação com outros gêneros epistolares. Sendo assim, solicitamos aos alunos que analisassem dois tipos de cartas, conforme aula 27 do apêndice 3 a fim de identificarem os seguintes aspectos:

- 1- Uma dessas cartas é de reclamação, a outra, de solicitação. Qual é qual?
- 2- Qual o objetivo da primeira carta? E da segunda?
- 3- Para quem é dirigida a primeira carta? E a segunda?
- 4- Quem é Rosana Seligmann?
- 5- A primeira carta é assinada por apenas uma pessoa. No entanto, ela fala no plural “solicitamos”. Por quê?
- 6- Além de reclamar, a segunda carta faz uma solicitação, qual?
- 7- A segunda carta está reclamando em linguagem educada e formal. Você acha que a reclamação faria mais efeito se a carta fosse desafortada e cheia de palavrões?

No que se refere à análise dessas duas cartas, verificamos que os alunos perceberam a diferença entre as duas cartas. Identificaram que a primeira carta tratava-se de uma carta de solicitação, uma vez que ela solicitava que os pais adquirissem um livro que seria utilizado no início das aulas de Língua Portuguesa. Já com relação à segunda carta notaram que se tratava de uma carta de reclamação dirigida ao gerente do supermercado PREÇOBOM com o objetivo de reclamar de um produto adquirido na loja e que se encontrava estragado. Perceberam também que além de reclamarem do produto, solicitaram ainda que o produto fosse substituído ou que o dinheiro fosse devolvido. Conseqüentemente, notaram que ao lado da reclamação havia também uma solicitação. Quanto ao uso do verbo no plural na primeira carta, justificamos que foi usado nessa pessoa gramatical, pois a coordenação pedagógica falava em nome da escola. Já com relação à linguagem usada nas cartas reiteramos que deve ser feita de forma formal para que atinja os objetivos propostos.

Depois dessa atividade analisamos mais três cartas, conforme aula 28 do apêndice 3 a fim de que os alunos compreendessem a diferença entre elas. Sendo que uma se tratava de uma carta pessoal, outra de uma carta de reclamação e outra de uma carta aberta.

A primeira carta que analisamos com os alunos foi uma carta pessoal. Nela chamamos a atenção dos alunos para que identificassem, tanto os aspectos estruturais tais, como local, data, saudação inicial, vocativo, despedida, assinatura como sua finalidade. Dessa forma, explicamos a eles que esse gênero, geralmente, é utilizado na comunicação entre amigos e familiares. Por isso, é comum nesse tipo de carta o uso de uma linguagem mais informal, tendo em vista que há um grau de intimidade entre o remetente e o destinatário.

Com relação à outra carta analisada, explicamos que se tratava de uma carta argumentativa de reclamação. Dessa maneira solicitamos que observassem os seguintes aspectos na carta: linguagem utilizada, finalidade e argumentos utilizados pelo autor da carta. Desta forma, podemos afirmar que com relação à linguagem os alunos perceberam que a forma de tratamento dispensada à diretora da escola, foi um tratamento formal. Com relação à finalidade, perceberam que o aluno escreveu essa carta de reclamação com o objetivo de externar sua preocupação com a maneira como a escola vem aplicando os blocos de provas.

Sendo assim, com a finalidade de convencer a diretora sobre a importância dos alunos terem o dia livre para estudarem para as provas, o aluno se utilizou de vários argumentos. Dentre os argumentos utilizados pelo aluno podemos destacar os seguintes: O aluno argumenta que o fato de terem que estudar o dia todo e a noite para as provas do dia seguinte, termina por deixar qualquer um estressado. Além disso, para reforçar sua argumentação, utiliza-se de uma frase de Augusto Cury, em que ele diz que “as escolas de ensino fundamental, médio e universidades, estão em muitos casos, deixando as pessoas doentes”. O aluno também cita que a escola tem ensinado os alunos a filtrarem muita informação, porém não tem ensinado a apreciar as coisas pequenas da vida.

Outro ponto que consideramos importante destacar é que além de reclamar o aluno também solicitava que a diretora deixasse o dia livre para que pudessem estudar para as provas do dia seguinte, e apresentava argumentos a fim de convencê-la a fazer isso, tais como: “teria mais ânimo, disposição, o que elevaria o índice de aprendizagem”. Diante disso, reiteramos sobre a importância de se usar bons argumentos nesse tipo de texto e de se deixar bem claro o motivo pelo qual está se escrevendo esse tipo de carta.

Logo após trabalharmos com a carta de reclamação descrita acima, iniciamos nossa última atividade com o gênero carta. Assim, analisamos uma carta-aberta a fim de que os alunos percebessem a diferença entre os três tipos de cartas. Com relação à carta-aberta explicamos que esse gênero é marcado também pelo caráter argumentativo, cuja principal característica é permitir que o emissor exponha em público suas opiniões ou reivindicações acerca de um determinado assunto. Dessa maneira, explicamos que, por se referir a assuntos de interesse coletivo acaba se assemelhando a carta argumentativa de reclamação e, se diferenciando da carta pessoal. Com isso, explicamos que a carta-aberta, geralmente, é utilizada como forma de protesto contra algum tipo de problema, como alerta, como meio de conscientização da população ou de alguém de certa influência como: governos ou representantes de entidades. É possível também afirmar que, além da característica argumentativa, a carta-aberta possui traços persuasivos, uma vez que a intenção de quem a

redige é a de convencer o interlocutor a respeito de suas ideias.

Depois de feita essas considerações sobre a carta-aberta, os alunos iniciaram a análise de uma carta-aberta dirigida a Renato Aragão. Nessa carta, a autora se justifica por não atender a uma solicitação de doação feita por Renato Aragão. E, para isso ela se utiliza de vários argumentos, para demonstrar que a responsabilidade em contribuir para a melhoria de vida de muitas crianças não é dela, e sim do Poder Público. Então, a autora da carta além de citar os altos índices de impostos que ela paga, ela utiliza os próprios argumentos utilizados por Renato Aragão para refutar a necessidade dela em doar. Além disso, demonstra também o grande esforço que ela faz todos os dias para prover o sustento de sua família.

Após analisarem essa carta-aberta, solicitamos aos alunos que fizessem uma síntese em seus cadernos das principais características da carta argumentativa de reclamação. Conseqüentemente, listamos na lousa, os principais aspectos que os alunos deveriam levar em consideração na hora de revisarem suas cartas argumentativas de reclamação tais como os aspectos estruturais: local, data, saudação, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura.

Posteriormente, explicamos que a carta argumentativa de reclamação ou/e solicitação pressupõe um interlocutor específico para quem a argumentação deverá ser orientada. Além disso, enfatizamos também sobre a necessidade de se apresentar, nesse tipo de carta, fatos seguidos de argumentos que fundamentem o motivo das reclamações. Outro ponto que também ressaltamos é sobre a importância de se apresentar possíveis soluções para os problemas apresentados na carta.

Depois de propiciarmos um conhecimento mais aprofundado a cerca do gênero carta argumentativa de reclamação, iniciamos o terceiro e último módulo dessa sequência didática. As atividades que foram desenvolvidas nesse último módulo foram provenientes de diferentes domínios. Primeiramente, trabalhamos com os alunos atividades destinadas ao uso dos sinais de pontuação. Depois trabalhamos com aspectos relacionados à paragrafação. Posteriormente, falamos sobre a importância da coesão e da coerência no texto. E por último, trabalhamos a revisão ortográfica das palavras.

No que tange ao trabalho com a pontuação explicamos aos alunos que os sinais gráficos de pontuação cumprem diferentes finalidades em um texto. Segundo Schneuwly (1998), os sinais de pontuação constituem marcas de organização textual, traços de operações de conexão e, sobretudo, de segmentação do texto escrito. Com isso, esclarecemos que a pontuação está diretamente relacionada aos diferentes gêneros textuais. Ou seja, os diferentes gêneros textuais apresentam usos característicos da pontuação, o que requer do escritor versatilidade na forma de pontuar.

Dessa maneira, mostramos a eles o quanto é importante saberem usar adequadamente os sinais de pontuação nos textos, haja vista que são eles os responsáveis pela clareza do texto, pela sua coerência. Dessa forma, esclarecemos que os sinais de pontuação são recursos gráficos próprios da linguagem escrita e, que são eles os responsáveis pela estruturação do texto, pelas pausas e entonações. Além disso, mostramos também que os sinais de pontuação podem cumprir diferentes finalidades. Vejamos algumas das finalidades que eles podem cumprir:

- 1- Assinalar as pausas e as inflexões de voz na leitura (entonação);
- 2- Separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;
- 3- Esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade;

Dessa maneira, achamos oportuno, utilizarmos como estratégia de ensino as próprias produções dos alunos, a fim de que percebessem seus próprios textos os principais aspectos que necessitavam ser revistos por eles. Com isso, devolvemos a segunda versão da carta de reclamação para os alunos com alguns apontamentos e solicitamos que observassem em seus próprios textos alguns desses aspectos. A primeira observação que fizemos é que analisassem na carta o uso da vírgula para separar o nome da localidade da data. Dessa forma, aproveitamos para explicar que sempre se separa por vírgula o nome da localidade da data e demos um exemplo: São Paulo, 25 de agosto de 2013. Depois fizemos outra observação com relação aos sinais de pontuação usados para isolar o vocativo em cartas.

Primeiramente explicamos aos alunos que diversos sinais de pontuação podem ser usados para isolar o vocativo em cartas, requerimentos ou ofícios. Como exemplo, explicamos a eles que os dois pontos é um dos sinais de pontuação preferível após o vocativo. Mas por questão de estética ou gosto outros sinais de pontuação podem ser utilizados. Para exemplificar citamos: o ponto de exclamação, a vírgula, o ponto final e até mesmo pode-se dispensar qualquer sinal de pontuação. Depois dessa explicação, passamos um exemplo aos alunos.

Itabuna (BA), 31 de outubro de 2012.

**Ilm^a Sr^a Ir. Margarida Menezes,
Diretora da Escola São José da Ação Fraternal de Itabuna.**

Prezada Senhora,

Assim, esclarecemos a esses alunos algumas das situações que poderiam utilizar-se da vírgula em seus textos, tais como separar local, data, vocativo e saudação inicial. Depois,

explicamos a eles que ao enumerarem os diversos problemas do bairro era necessário que separassem por vírgulas esses itens. Além disso, mostramos também que muitos textos não tinham sinais de pontuação no final da frase. Ou seja, se fazia necessário o uso do ponto final para finalizar o parágrafo.

Sendo assim, achamos oportuno também explicarmos sobre a importância da estruturação dos parágrafos, tendo em vista que uma boa paragrafação permite que o pensamento seja distribuído de forma lógica e precisa, com vistas a permitir uma efetiva interação entre os interlocutores. Ou seja, assim como a pontuação, a paragrafação também contribui para a coerência do texto. Dessa maneira, explicamos aos alunos que a marcação de parágrafos ocorre pelo recuo da primeira frase do texto em relação à margem, ou seja, deixando um espaço em branco. Também foi importante lembrá-los que não se colocava marcadores, como flechas, pontos ou travessão no início dos parágrafos, já que se tratava de um texto em prosa sem a presença de diálogos.

Essas considerações sobre a organização do texto, como paragrafação e pontuação foram de suma importância, haja vista que há uma grande deficiência dos alunos com relação ao uso adequado desses elementos. Outro ponto que também foi importante reiterarmos foi com relação à extensão do parágrafo, que varia conforme a ideia que está sendo construída dentro do texto. Ou seja, toda vez que se muda o assunto se inicia um novo parágrafo.

É importante esclarecer que ao analisarmos as cartas dos alunos nos deparamos com problemas de diversas ordens que necessitavam de um trabalho mais sistemático. Mas devido ao curto prazo de aplicação do projeto, muitos desses problemas não foram trabalhados de uma forma exaustiva, nem sistemática tendo em vista que o tempo de que dispúnhamos era exíguo. Mas na medida do possível, mesmo que de forma generalizada, trabalhamos com os problemas que se mostraram mais evidentes nos textos dos alunos, tais como dificuldades com a pontuação, com a organização dos parágrafos, falta de coesão, de coerência e dificuldades ortográficas.

Outra consideração que se faz necessária é que muitos dos problemas detectados nos textos dos alunos necessitavam de um trabalho mais individualizado, já que cada texto apresentava problemas diferentes. Sendo assim, realizamos com os alunos um atendimento individualizado, apontando em cada texto aquilo que se precisava ser revisto ou refeito, pois percebemos que muitos alunos sozinhos não conseguiam perceber em seus textos aquilo que necessitava ser suprimido ou acrescentado. Outra metodologia que também utilizamos para orientar a revisão dos textos dos alunos foi a de escrever bilhetes orientativos em suas cartas, mostrando aspectos que precisam ser revistos. Ou seja, é necessário que nós professores

orientemos nossos alunos a fim de que eles percebam os aspectos que precisam ser ordenados ou encadeados em seus textos.

Antes de iniciarmos um trabalho relacionado à coesão e à coerência do texto, primeiramente, analisamos cada uma das cartas de reclamação dos alunos a fim de verificarmos por onde iniciariamos o trabalho de revisão textual no que se refere a esse dois aspectos. Dessa forma, percebemos que o texto dos alunos demandaria um trabalho sistemático, no sentido de os levarmos a perceberem os trechos ou partes que se faziam incoerentes.

Em decorrência disso, achamos necessário, primeiramente, explicarmos aos alunos que eles revisariam seus textos atentando para os aspectos ligados à coesão e a coerência do texto. Dessa forma, a fim de propiciarmos um melhor entendimento a respeito desses conceitos, explicamos a eles que a coesão diz respeito às articulações gramaticais existentes entre as palavras, frases e orações. Já a coerência trata das relações lógicas entre as ideias, ou seja, ela diz respeito ao sentido do texto

Diante isso, consideramos que a melhor maneira de que dispúnhamos para ensinarmos tanto o que era coesão quanto o que era coerência era utilizarmos os próprios textos dos alunos a fim de que percebessem aquilo que estava incoerente, sem sentido ou o que precisava ser alterado. E assim o fizemos, primeiramente, selecionamos alguns trechos das cartas dos alunos para demonstrarmos aquilo que precisava ser revisto ou refeito. O primeiro trecho que selecionamos foi o seguinte:

Venho por meio desta carta.

Falar sobre a importância de ter uma creche no bairro falta de asfalto para o nosso bairro falta de segurança e precisa de iluminação falta opção de lazer falta médicos no bairro falta saneamento básico falta infraestrutura falta oportunidade de emprego falta campo de futebol falta rede de esgoto falta ter mais policiais na rua de dia e noite.

Ao analisarmos essa carta com os alunos chamamos a atenção deles para diversos aspectos. O primeiro aspecto que destacamos com eles foi com relação à ausência de sinais de pontuação, ou seja, a aluna cita vários problemas do bairro, porém não há uma marcação gráfica que separe esses diversos problemas, o que acaba comprometendo o sentido do texto. Outro aspecto que também destacamos nessa carta é a ausência de argumentos, de justificativas que demonstrem a importância de se resolver esses problemas. Ou seja, a aluna tem dificuldade em construir um discurso argumentativo. Outro ponto que também

abordamos nessa carta diz respeito à falta de elementos coesivos que liguem as ideias, o que acaba por contribuir para que o texto se torne incoerente, haja vista que não um encadeamento das ideias.

Depois de analisarmos essa carta com os alunos, chamamos a atenção deles sobre a importância de utilizar-se em suas cartas argumentativas os recursos coesivos ou marcadores discursivos. Assim, explicamos que existem diversos conectivos que estabelecem diferentes relações de sentidos nos textos tais como: relação de adição ou acréscimo de ideias, de contradição, de alternância, de conclusão, de retificação, entre outros.

Dessa forma, aproveitamos esse momento para explicarmos que a coesão de um texto depende muito da relação que se estabelece entre as orações que formam os períodos e os parágrafos. É que essa relação se dá por meio dos elementos coesivos ou os conectivos, ou seja, são eles um dos responsáveis pela clareza do texto. Logo após essas considerações, esclarecemos que para cada tipo de relação que pretendemos estabelecer entre as orações, existe uma conjunção adequada. Dessa forma, achamos necessário levarmos os alunos a conhecerem alguns desses conectivos e os sentidos que eles expressavam. Sendo que os conectivos selecionados foram os que estabelecem as seguintes relações de sentido:

- Adição de ideias: e, também, além de, além do mais, além disso, mas também, não só;
- Causa: porque, já que, visto que, em virtude de, uma vez que, devido a;
- Causa e consequência: Então, assim, conseqüentemente, de acordo, como resultado, por esta razão;
- Conclusão: logo, portanto, pois, por isso, para concluir, em suma, por conseguinte;
- Ideia de finalidade: para, a fim de que, com a intenção de;
- Ideia de oposição, contraste: mas, porém, todavia, no entanto, todavia;

Antes de qualquer coisa, é necessário ponderarmos que o trabalho que realizamos a fim de levarmos os alunos a compreenderem a importância dos elementos coesivos no texto não foi um trabalho exaustivo, até porque conforme já foi mencionado, quando se analisa as produções textuais dos alunos nos deparamos com problemas de ordens diversas, e devido a isso é necessário escolhermos quais pontos precisam ser trabalhados mais prontamente.

Por esse motivo é muito importante que esclarecemos a eles que ao escreverem uma carta argumentativa de reclamação é importante que os problemas que estão sendo apontados ali na carta sejam acompanhados de argumentos que justifiquem a necessidade de se resolvê-

los, ao mesmo tempo, devem-se mostrar também as consequências caso esses problemas não se resolvam. E para que compreendessem isso fizemos alguns questionamentos como Qual é a importância do asfalto para o seu bairro? Que benefícios ele trará à população? Que prejuízos a falta de asfalto traz? Quanto ao posto de saúde, o que está faltando? É médicos, um melhor atendimento, são medicamentos? Que prejuízos isso traz para as pessoas? O que a falta de iluminação nas ruas do bairro pode provocar?

Em seguida, passamos a discutir esses questionamentos e mostrar as consequências decorrentes dos problemas apresentados na carta acima, a fim de que eles percebessem a importância de se construir um texto bem fundamentado. Ou seja, reiteramos com os alunos sobre a importância da argumentação. Isto é, se precisamos convencer o outro a respeito de nossas opiniões, se queremos mostrar que temos razões, precisamos mostrar as evidências, comprovar o que estamos dizendo.

Depois de tecermos essas considerações, explicamos aos alunos que desenvolveríamos com eles, nesse momento, a última atividade desse módulo. E que nessa atividade eles deveriam atentar-se para os aspectos relacionados à correção ortográfica. Em seguida, explicamos que ao terminarmos esse terceiro módulo eles deveriam escrever a versão final da carta argumentativa de reclamação a fim de que ela fosse enviada ao seu destinatário e, ao mesmo tempo, compusesse a coletânea de cartas argumentativas de reclamação.

Sendo assim analisamos, primeiramente, cada uma das cartas dos alunos para direcionarmos o trabalho de revisão dessas cartas. Dessa maneira, percebemos que muitos dos problemas que apareciam nas produções dos alunos, eram decorrentes tanto do desconhecimento do léxico quanto da influência da fala na escrita. Assim, com o objetivo de trabalharmos essas questões, primeiramente, listamos na lousa as palavras que apareceram com maior frequência no texto dos alunos e, que estavam escritas em desacordo com a ortografia oficial. Dentre essas palavras destacamos as seguintes: por que, ospitais, sofrado, creceu, muyto, convyendo, medydas, as falto, fauta, entre outras. Dessa maneira, aproveitamos também essa aula para explicarmos os diferentes usos do porque, tendo em vista a grande dificuldade dos alunos em empregá-los adequadamente. Depois de listadas as palavras descritas acima, realizamos a correção delas coletivamente.

Logo após a realização dessa atividade, solicitamos que os alunos sentassem em duplas e que trocassem seus textos a fim de que cada um apontasse aspectos que precisavam ser revistos no texto do colega. Ou seja, é importante que cada aluno se coloque como leitor do texto do outro, pois só assim se distanciará tanto do próprio texto como também exercerá o papel tanto de leitor como também de revisor.

Dessa maneira, explicamos para os alunos que deveriam observar no texto dos colegas os seguintes aspectos: clareza das ideias, adequação do texto a situação comunicativa e ao uso da norma culta. Pedimos que sugerissem aos colegas possíveis alterações em seus textos e que circulassem as palavras que estavam em desacordo com a norma culta. Logo após os alunos concluírem essa revisão, recolhemos as cartas revisadas por eles, a fim de que fizéssemos os últimos apontamentos. Diante disso, destacamos os aspectos que ainda necessitavam ser melhorados e, sugerimos algumas alterações que ainda se faziam necessárias nas cartas de reclamação dos alunos. Posteriormente, devolvemos essas cartas e solicitamos que reescrevessem a versão final de suas cartas atentando para todos os aspectos que haviam sido trabalhados em todos os módulos da sequência didática, tais como: uso de argumentos consistentes, adequação do texto ao gênero e a situação comunicativa e uso da linguagem formal.

Assim que os alunos terminaram a versão final de suas cartas argumentativas de reclamação, solicitamos que lessem seus textos, que observassem se usaram as formas de tratamento adequadas, se expressaram as ideias com clareza e se utilizaram argumentos consistentes. Dessa maneira, explicamos que em outra aula eles digitariam essas cartas para que fosse confeccionada a coletânea de cartas argumentativas de reclamação e que juntos selecionaríamos as melhores cartas para serem enviadas ao prefeito da cidade de Rondonópolis ou as autoridades competentes. Só que o que havíamos planejado terminou por não ocorrer, já que as aulas foram interrompidas antecipadamente devido à necessidade de reforma da escola. Por isso, se fez necessário digitarmos todas as cartas e selecionarmos, dentre elas, três para que fosse enviada ao seu destinatário, no caso a autoridade competente. Logo em seguida, confeccionamos a coletânea de cartas argumentativas de reclamação, já que as aulas já haviam sido encerradas.

Outra consideração que precisa ser feita, é que também não conseguimos divulgar esse trabalho realizado com os alunos no Jornal da Escola Amélia, nem em dezembro de 2014 nem no início de 2015, já que o jornal da Escola Amélia não está mais em funcionamento.

4 UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS: CARTA ARGUMENTATIVA DE RECLAMAÇÃO

Neste subcapítulo analisaremos cinco cartas argumentativas de reclamação produzidas pelos alunos. Para realizarmos essa análise, escolhemos três componentes textuais para serem analisados. Após a análise dessas cartas, teceremos algumas considerações sobre o produto final que é a coletânea de cartas argumentativas de reclamação e a circulação desses textos.

De acordo com Silva (2008), a carta de reclamação pode ter os seguintes componentes textuais: objeto alvo de reclamação, justificativa de reclamação, sugestão, justificativa da sugestão, causas, contra-argumentação do objeto, contra-argumentação da sugestão. Dentre esses componentes textuais acima citados, escolhemos por analisar os seguintes: objeto alvo da reclamação, justificativa da reclamação e sugestão.

As cartas que serão analisadas serão identificadas por C1, C2, C3, C4, C5. Dessa maneira, analisaremos cada uma delas identificando os aspectos acima mencionados. Por fim, após essa análise faremos uma comparação entre a produção inicial e a produção final de um mesmo aluno, observando a apropriação das características do gênero durante a sequência didática do gênero carta argumentativa de reclamação.

C1 -

- a) Objeto alvo da reclamação: “Moro no Parque Universitário, um local onde não se tem muito conforto e segurança”.
- b) Justificativa da reclamação: “Creio eu que um lugar de segurança e conforto é com segurança domiciliar, saneamento básico, iluminação pública, asfalto. Senhor prefeito nada disso tem em minha rua”.
- c) Sugestão: “acho que deveria investir mais na educação e saúde, com educação se tem respeito e sabedoria e com saúde podemos enfrentar o dia a dia”.

Ao analisarmos essa carta percebemos que o objeto alvo de reclamação da aluna é a falta de conforto e de segurança de seu bairro. E para justificar sua reclamação ela cita o que ela entende por segurança e conforto, que segundo a autora da carta, é um lugar com segurança domiciliar, saneamento básico, iluminação pública e asfalto. Porém ao argumentar percebemos a dificuldade da aluna em apresentar argumentos que demonstrem tanto as vantagens como as desvantagens desses serviços. Isso se deve ao fato também que essa aluna não participou de todas as etapas da sequência didática, realizando apenas a primeira versão

da carta e sua reescrita final. Com relação ao item sugestão, notamos que a aluna sugere que se invista mais na educação e na saúde e aponta as vantagens decorrentes de investimentos nessas áreas.

C2-

- a) Objeto alvo da reclamação: “Venho por meio desta carta falas sobre algumas reclamações feitas pela comunidade de meu bairro, uma delas é a falta de lâmpadas nas ruas. Outro ponto é o policiamento do nosso bairro que é precário. O que está um caos também é a saúde. A falta de creche é outro problema enfrentado por muitos pais. Outro problema enfrentado por nossa comunidade é a falta de rede de esgoto”.
- b) Justificativa da reclamação: “a falta de lâmpadas nas ruas que tem contribuído para que grandes assaltos aconteçam. Um exemplo disso é perto do SENAI na via principal onde jovens que fazem cursos a noite são furtados. O policiamento do bairro é precário, pois quando ocorre um acidente sempre são os últimos a chegar. O que está um caos também é a saúde, pois é pouca vaga para muita gente, ou seja, um posto de saúde para atender três bairros. Sem falar que nem sempre tem médico.
A falta de creche é outro problema enfrentado por muitos pais, pois muitas crianças não têm onde ficar para que seus pais possam trabalhar. A falta de rede de esgoto aqui em nosso bairro faz com que o odor seja constante”.
- c) Sugestão: “mais atenção ao bairro Parque Universitário para que nós moradores possamos ter mais segurança e uma saúde de melhor qualidade”.

Nessa carta observamos que o objeto alvo de reclamação da aluna é diverso tais como: falta de iluminação nas ruas do bairro, falta de policiamento, saúde e a falta de rede de esgoto. Dessa forma, notamos que ao apresentar cada um desses problemas a aluna tentou apresentar argumentos que justificasse o motivo de sua reclamação. Nesse sentido, podemos dizer que aluna compreendeu o que havíamos proposto durante a sequência didática, que ao apresentarem os problemas do bairro havia a necessidade de que esses problemas fossem fundamentados por meio de justificativas baseadas em exemplos e argumentos sólidos.

C3-

- a) Objeto alvo da reclamação: “Um dos motivos pelos quais escrevo esta carta devido alguns problemas que tem afetado nosso bairro como a falta de asfalto, a falta de rede de esgoto”.

b) Justificativa da reclamação: “a falta de asfalto é uma preocupação para a população, pois buracos tomam conta de toda a rua dificultando a passagem de automóveis e de mesmo de pedestre e questão de segurança. Redes de esgoto é mais um dos milhares de problemas que meu bairro sofre, redes de esgoto a céu aberto pode causar doenças até mesmo graves, assim os postos de saúde não têm capacidade de atender a toda a população a falta de médicos também é um problema, para que um posto de saúde se não tem médico?”

c) Sugestão: “Apelo ao senhor medidas de políticas públicas visando essa questão”.

Ao analisarmos essa carta percebemos que a aluna deixa bem claro o seu objeto de reclamação que é a falta de asfalto e de rede de esgoto. A fim de justificar a necessidade de se resolver esses problemas a aluna utiliza-se de argumentos, demonstrando que a falta de asfalto e os buracos, além de dificultarem a passagem de pedestres e de automóveis, podem ser também uma questão de segurança, já que deixa implícito que esses buracos podem contribuir para que acidentes aconteçam tanto com pedestres como com motociclistas. Quanto à sugestão de solução para os problemas apontados na carta a aluna sugere que medidas de políticas públicas sejam tomadas visando essa questão. Assim percebemos nitidamente que a aluna se espelhou em um das cartas argumentativas de reclamação trabalhadas durante a sequência didática em que o autor carta solicita essas medidas de políticas públicas.

C4-

a) Objeto alvo da reclamação: “Sinto em lhe informar que a vossa cidade onde muitos trabalhadores exercem uma profissão digna está em estado de calamidade, porque muitos bairros onde esses trabalhadores moram estão em decadência”.

b) Justificativa da reclamação: “Por falta de recursos essenciais para o bem estar da população. A falta desses recursos está trazendo para os moradores muitas preocupações. Principalmente a falta de redes de esgoto, porém essa não é a única preocupação, a outras essenciais assim como a falta de iluminação pública e também a falta de creches para aqueles que trabalham e não tem tempo para cuidar de seus filhos”.

c) Sugestão: O aluno não fez nenhuma sugestão ao longo de sua carta.

Ao analisarmos essa carta percebemos que o objeto de reclamação desse aluno é o abandono de muitos bairros da cidade de Rondonópolis pelo poder público, pois segundo o

aluno a cidade está uma calamidade. Nesse sentido, podemos dizer que o aluno demonstra que os problemas que serão citados em sua carta não são específicos de um bairro, mas afetam, de maneira geral, outros bairros da cidade, tais como: a falta de rede de esgoto, a falta de iluminação pública e a falta de creches. Outro ponto que merece ser destacado é que o aluno utiliza como justificativa da reclamação argumentos que demonstram que esses recursos são essenciais ao bem-estar da população, uma vez que a falta desses recursos traz preocupações aos moradores. Porém, percebemos que o aluno sente dificuldade em desenvolver essa argumentação apresentando os prejuízos advindos da falta desses recursos. Outro aspecto que merece ser pontuado nessa carta, é que o aluno não sugere nenhuma solução para os problemas apontados na carta.

C5-

- a) Objeto alvo da reclamação: A falta de segurança no Bairro Pedra 90.
- b) Justificativa da reclamação: “Poiso mesmo está sem segurança total pois de noite tem meninos fumando na frente da casa de famílias, idosos. Isso não é de agora é de muito tempo pois mesmos depois que fumam e o efeito de entorpecente químico vem eles ficam querendo mais e ai é a hora que eles entram pra roubar, assaltar pessoas na rua, matar pessoas que não tem nada havercom a situação deles, pois isto é perigoso para as famílias”.
- c) Sugestão: “Venho solicitar que o senhor coloque posto depolícia no bairro Pedra 90. Espero que esse problema seresolva, pois os moradores já vem sofrendo e correndo risco com esse problema os moradores já num aguentam mais viver com essa vida de risco”.

Ao analisarmos essa carta percebemos a indignação da autora da carta com a situação de insegurança que vêm passando os moradores do Bairro Pedra 90. Percebemos em seu discurso uma insatisfação com esse problema que já vem perdurando por muito tempo e que tem trazido riscos aos moradores da região. Com o objetivo de demonstrar sua indignação com os usuários de drogas que não respeitam as famílias, nem os idosos, a aluna usa como justificativa que para conseguirem manter os seus vícios, esses usuários terminam por roubar, assaltar e até mesmo matar pessoas, a fim de conseguirem dinheiro para manterem os seus vícios. E acrescenta ainda que mesmo que as pessoas liguem para a polícia até que ela chega termina por ser tarde demais. O que termina por justificar a necessidade em se ter um posto de polícia no Bairro Pedra 90.

4.1 Analisando a apropriação do Gênero Carta Argumentativa de Reclamação

Para uma melhor compreensão do trabalho que foi desenvolvido durante a sequência didática do gênero carta argumentativa de reclamação analisaremos, a partir de agora, uma carta escrita por um dos alunos desde a produção inicial até sua versão final, a fim de verificarmos quais características constitutivas do gênero o aluno conseguiu se apropriar e quais ainda necessitariam de um trabalho mais sistemático.

A carta que será analisada passou pelo processo de reescrita por duas vezes. Assim, antes do aluno iniciar a escrita da primeira versão dessa carta argumentativa de reclamação, foi-lhe propiciado primeiramente um trabalho sistemático de conhecimento sobre o assunto sobre o qual iria escrever a sua carta. Dessa forma, o aluno tomou conhecimento tanto dos problemas do bairro Parque Universitário no qual reside, por meio de várias discussões em sala de aula sobre o assunto, como também pôde conhecer um pouco mais sobre a importância de se ter serviços de infraestrutura urbana adequados através da leitura de vários textos, artigos e vídeos sobre o tema. Logo após propiciarmos um conhecimento mais aprofundado sobre o tema infraestrutura urbana, foi apresentada a situação de produção do gênero carta argumentativa de reclamação, ou seja, nesse momento os alunos tomaram conhecimento do gênero textual que iriam produzir durante esse projeto de intervenção didático-pedagógico.

Assim, logo após essa apresentação da situação de produção, solicitamos a realização da primeira versão da carta argumentativa de reclamação. Dessa maneira, a partir da observação dessa primeira versão da carta, que denominaremos como C6, foram analisadas as principais dificuldades encontradas pelo aluno no que se refere à apropriação do gênero carta argumentativa de reclamação.

No que tange aos aspectos estruturais da carta, o aluno usou adequadamente o cabeçalho, porém, ao fazer a saudação inicial, usou o vocativo, ou seja, o nome do destinatário da carta com letra minúscula. Quanto à paragrafação percebemos que o aluno também não tinha muito conhecimento sobre esse assunto, pois saltava linha entre um parágrafo e outro. Aliás, em muitas cartas percebemos que essa prática era recorrente. Outro aspecto que observamos também foi com relação aos componentes textuais tais como: objeto alvo de reclamação, justificativa da reclamação e sugestão. No que se refere ao objeto de reclamação notamos que o aluno reclamava da falta de recuperação da via principal do bairro. Veja um trecho da carta que exemplifica esse objeto de reclamação:

Prezado prefeito percival muniz.

Estamos convyvendo com este problema há muyto meses.precisamos que o poder público tome medydas urgentes para recuperara vya principal do nosso bairro e as demais ruas.

Nesse fragmento percebemos que o aluno soube apresentar o objeto de reclamação que é a necessidade de se recuperar a via principal do bairro. Com relação à justificativa da reclamação, identificamos a seguinte justificativa:

precisamos com urgêncy de um palyativo, uma vez que a vya é a prycypal avenyda de acesso a toda a região do parque unyversytárias.

Além da justificativa, percebemos que o aluno sugere como solução para o problema que medidas urgentes sejam tomadas pelo poder público a fim de melhorar o acesso à via principal do bairro. Ou seja, explica a necessidade de fazer pelo menos um paliativo já que essa é a via principal onde transitam os moradores do bairro Parque Universitário e região. Com relação aos aspectos analisados acima, percebemos, nessa primeira produção, que o aluno tenta construir uma argumentação demonstrando a necessidade em se melhorar essa via principal do bairro. Com isso, podemos observar que a justificativa sobre o objeto reclamado é um componente fundamental na carta argumentativa de reclamação, uma vez que ela possibilita que o reclamante argumente a cerca de sua insatisfação e demonstre que o objeto merece ser alvo de reclamação.

Outro aspecto que merece ser pontuado nessa carta é a questão da ortografia de algumas palavras usadas pelo aluno, em que ocorre a troca ou da vogal ou da semivogal i. Para entendermos o motivo dessa troca conversamos com o aluno e ele nos explicou que ele já havia acostumado usar o y em lugar da vogal i devido ao seu nome ser com y, por isso achava que poderia utilizar o y em todas as palavras que tem a vogal i. Sendo assim, orientamos que ao reescrever a versão final de seu texto se atentasse para esse aspecto, haja vista, a grande quantidade de palavras escritas em desacordo com a ortografia oficial, pois como se tratava de um texto formal, necessitava que estivesse adequado à situação de comunicação.

Depois de tecermos essas primeiras considerações sobre a primeira produção desse aluno, foi trabalhado o primeiro módulo da sequência didática, visando melhorar o discurso argumentativo dos alunos. Dessa maneira, depois de trabalharmos o módulo sobre a

argumentação, solicitamos que os alunos revisassem seus textos e escrevessem uma nova versão para a carta de reclamação apresentando argumentos que fundamentassem o motivo de suas reclamações. A seguir analisaremos a segunda versão da carta C6, a fim de verificarmos se houve alguma mudança na carta escrita por esse aluno. Ao analisarmos essa segunda versão escrita por esse aluno, percebemos que ele iniciou a segunda versão da carta sem fazer muitas mudanças com relação à primeira. O que percebemos é que nessa segunda versão ele acrescentou outros problemas que não havia citado na primeira carta. Vejamos a seguir um trecho dessa segunda versão:

presysamos que o poder público tome as medydas urgentes para recuperar a vya pryncypal do nosso bayrro e as demais ruas .com as redes de esgoto que corre a céu aberto, e trazendo muyta coysas de ruym ynseto e sujeyras. E também as ruas cheyas de burracos e esse problema vem agravando desde do mês pasado. E também o prefeyto fala que vai asfaltar os bayrros, é tudo mentytra porque ele só fala ysso tamdo está na época da polytyca só para as pessoas votar nele e ele enganar mas uma vez as pessoas de novo.

Ao analisarmos essa segunda versão da carta, notamos que muitas das orientações dadas na primeira versão da carta não foram contempladas nessa segunda versão. Percebemos que com relação à primeira versão houve um acréscimo do objeto de reclamação, tendo em vista que agora o aluno não só reclama da necessidade em se melhorar a via principal do bairro, como também aponta para outros problemas do bairro, como o esgoto que corre a céu aberto, a falta de asfalto e os buracos nas ruas do bairro. Com relação à justificativa percebemos que o aluno apenas exemplifica que a falta de rede de esgoto traz muito inseto e sujeira. Ou seja, notamos que em vez de utilizar-se de uma argumentação o aluno apenas descreve outros problemas do bairro, sem apontar justificativas e argumentos que justificasse a necessidade em se melhorar esses problemas. Outro aspecto que também observamos foi com relação à forma de tratamento utilizada pelo aluno na carta, haja vista que não estava adequado à situação comunicativa, uma vez que esse gênero exige um tratamento formal e respeitoso com o destinatário.

Após analisarmos essa segunda versão, percebemos que muito havia para ser feito, não só com relação a essa carta, como também as demais cartas dos outros alunos. Isso porque os problemas que apareciam nas cartas eram bastante semelhantes, tais como a falta de organização dos parágrafos, dificuldade com pontuação, falta de argumentos, justificativas,

entre outros. Contudo, sabíamos que o tempo de que dispúnhamos não era suficiente para sanarmos todos os problemas tanto de ordem gramatical quanto de conteúdo dessas cartas.

Com isso, selecionamos os problemas que eram mais recorrentes e trabalhamos nos módulos seguintes a fim de adequar as cartas desses alunos ao gênero. Conseqüentemente, depois de trabalharmos no segundo módulo as características constitutivas do gênero carta de reclamação e de trabalharmos no último módulo da sequência didática com os problemas tanto de ordem gramatical como de coesão e de coerência, e de trabalharmos tanto coletivamente quanto individualmente com cada aluno, apontando aquilo que necessitava ser revisto, solicitamos que o aluno redigisse a última versão da carta contemplando todas as orientações dadas ao longo dos módulos e individualmente. Vejamos a seguir quais foram as modificações sofridas pela última versão da carta C6.

Ao analisarmos a última versão percebemos que houve uma progressiva mudança com relação à primeira versão de seu texto, porém essas mudanças não foram tão significativas o quanto esperávamos. Consideramos que talvez o aluno necessitasse de um maior tempo para ampliar melhor sua capacidade de escrita, já que conforme já havíamos percebido ao longo das aulas o pouco contato que esses alunos tinham com a prática de produção de textos escritos.

Sabemos que dominar a modalidade escrita não é uma tarefa tão simples como se imagina. Pelo contrário, “‘escrever é uma aquisição’, isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência” (ANTUNES, 2003 p. 60). Ou seja, necessita de “orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas (com rasuras inclusive), aprendizagem. Exige tempo, afinal” (ANTUNES, 2003, p. 60).

Com base nessas afirmações, podemos dizer que escrever é um ato complexo que decorre de várias implicações para que se atinja o objetivo proposto. Dessa maneira, podemos dizer que embora as expectativas que criamos com esse trabalho sejam maiores do que o resultado alcançado, não se pode afirmar que não houve uma aprendizagem, que o aluno não construiu um conhecimento, haja vista que percorremos um longo caminho a fim de levar esses alunos a dominarem melhor a arte da escrita.

Diante isso, escolhemos por analisar essa produção a fim de verificarmos aquilo que o aluno conseguiu aprender ou não durante a sequência didática. Dessa maneira, constatamos que com relação ao objeto de reclamação houve uma progressiva ampliação desse objeto, haja vista que agora o aluno reclama de outros problemas que afetam o bairro onde ele mora, tais como a falta de asfalto, a falta de recuperação da via principal, a falta de rede de esgoto e as ruas cheias de buracos. Porém, percebemos que embora o aluno passe a citar mais problemas

que necessitam de um olhar das autoridades competentes, esses problemas não são fundamentados por justificativas, por argumentos que leve o destinatário a convencer-se da importância em resolvê-los.

Diante dessa constatação, podemos dizer que o trabalho com a argumentação em sala de aula precisa ser mais exaustivo, ou seja, é preciso um trabalho frequente com a argumentação a fim de que os alunos consigam construir um discurso persuasivo. Outro aspecto que merece destaque com relação a essa última versão da carta é que, tanto na primeira quanto na segunda versão da carta, o aluno não havia solicitado nenhuma solução para o problema de seu bairro. Já nessa última versão, o aluno se dirige ao prefeito da cidade pedindo que atenda as reivindicações dos moradores do bairro Parque Universitário. Ou seja, ele deixa claro que a voz que está por trás de sua carta não é apenas a sua voz, mas a de todos os moradores do bairro que se sentem prejudicados com esses problemas. Vejamos esse fragmento:

Por isso, senhor Prefeito pedimos que o senhor atenda a reivindicação de nós moradores do bairros parque Universitário.

Atenciosamente

Guanai Santos Oliveira

É importante destacar que nem todos componentes textuais da carta de reclamação se fizeram presentes nessa última produção escrita. Sendo que a justificativa do objeto alvo de reclamação, que consideramos ser um dos principais componentes textuais desse tipo de carta não se fez presente. O que identificamos nessa carta foi o objeto alvo de reclamação, seguido de uma reivindicação de solução para os problemas, porém sem uma argumentação plausível.

Dessa forma, podemos concluir que há uma grande necessidade em se trabalhar com textos que ampliem a capacidade argumentativa desses alunos de forma mais sistemática e contínua. Ou seja, é preciso que se abandone no interior da escola, “a prática de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, a tarefa de realizá-la, não importa o que se diga e o como se faz” (ANTUNES, 2003, p. 30).

No que tange aos aspectos relacionados ao domínio da ortografia, notamos que as mudanças que houve com relação a esse quesito nessa carta, resultaram da orientação individual que foi dada a esse aluno, mostrando que ele não deveria usar a vogal ou a semivogal anterior alta fechada não arredondada oral y no lugar da vogal i.

Outros pontos quem também merecem ser destacados nessa carta dizem respeito à

paragrafação e ao uso dos elementos coesivos. Com relação à paragrafação, podemos dizer que nessa última versão houve uma pequena melhora devido ao atendimento individual que foi prestado a esse aluno. Da mesma forma, podemos afirmar que o trabalho com os conectivos e as orientações coletivas e individuais realizadas em sala de aula também contribuíram para que esse aluno melhor estruturasse o seu texto.

Mas uma consideração com relação à ortografia se faz necessária. O simples fato de o aluno melhor dominar a ortografia das palavras não é suficiente para garantir a competência de escrever bons textos. Ou seja, “a escrita escolar deve realizar-se também com o fim de, por ela, se estabelecer *vínculos comunicativos*” (ANTUNES, 2003, p. 62). Nessa perspectiva podemos dizer que “‘não é a gramática’ apenas que vai dizer se o texto está bom ou não: são as regras sociais presentes no espaço de circulação do texto que definem sua qualidade.” (ANTUNES, 2003, p. 64).

Por esses motivos que é importante que se crie com os alunos “a prática do planejamento, a prática do rascunho, a prática das revisões, de maneira que a primeira versão de seus textos tenha sempre um caráter de produção provisória [...]” (ANTUNES, 2003, p. 64). E foi exatamente isso que tentamos fazer ao longo desse trabalho. Procuramos mostrar aos nossos alunos a provisoriedade da escrita, pois acreditamos que a aquisição dessa competência não se dá de forma automática, mas sim de forma gradativa.

Ao que se refere ao produto final que é a coletânea de cartas argumentativas de reclamação não foi possível que os alunos digitassem os textos para que fosse confeccionada a coletânea, haja vista que, conforme já citado anteriormente, as aulas terminaram antes do período previsto. Ou seja, o ano letivo que era para ser finalizado no fim de dezembro, finalizou-se em novembro. Dessa maneira, a confecção da coletânea ficou a nosso encargo.

Com relação à circulação da coletânea, havíamos previsto, inicialmente, que ela seria divulgada no Jornal da Escola Amélia e, posteriormente, ficaria disponível na biblioteca da escola, mas isso terminou por não ocorrer devido alguns imprevistos. Um deles é que o Jornal da Escola Amélia deixou de ser confeccionado, pois houve troca tanto da gestão escolar quanto do professor responsável pelo jornal. O outro está relacionado à falta de um espaço destinado para a biblioteca da escola, pois o local que antes servia como biblioteca, continua sendo ocupado para depósito de livros didáticos e de computadores. Assim, não temos ainda um local apropriado para que possamos deixar disponível à comunidade escolar a coletânea de cartas argumentativas de reclamação.

No que se refere à seleção das cartas argumentativas de reclamação que foram enviadas ao prefeito de Rondonópolis teceremos algumas considerações. Primeiramente, foi

necessário realizarmos uma análise minuciosa dessas cartas a fim de escolhermos as que melhor expunham os problemas do Bairro Parque Universitário. Ou seja, selecionamos as cartas que melhor demonstravam os anseios dos moradores e que, de certa forma, denunciavam os problemas mais sérios que afetavam o bairro como a falta de pavimentação, a ausência de rede de esgoto e a falta de segurança. Dessa forma, escolhemos três cartas argumentativas de reclamação produzidas pelos nossos alunos e as encaminhamos para a Prefeitura Municipal de Rondonópolis, a fim de obtermos respostas a esses problemas.

No que tange aos objetivos almejados com essas cartas, concluímos que muitos deles foram atingidos. Primeiramente, essas cartas nos possibilitaram desenvolver o senso crítico de nossos alunos. Segundo, é que por meio delas, conseguimos também melhorar a capacidade argumentativa deles. Terceiro é que acreditamos que elas podem ter contribuído, diretamente ou indiretamente, para que um dos problemas que mais afetavam os moradores do bairro Parque Universitário fosse solucionado: a pavimentação do bairro.

Isso porque conforme notícia divulgada pelo jornal online “*Primeira Hora*” em julho de 2015, a mais de trinta anos a população do Bairro Parque Universitário ansiava pelas obras de pavimentação. Segundo esse jornal, as obras de asfaltamento, drenagem, calçadas e meios-fios e sinalização horizontal que se iniciaram no mês de julho de 2015, solucionarão diversos problemas ocasionados pela falta de pavimentação, tais como a tráfegabilidade e a poeira. Diante desse fato, concluímos que é importante que a escola assuma para si a responsabilidade de formar cidadãos críticos e que sejam conscientes de seus direitos e de seus deveres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações que aqui serão tecidas, faremos uma análise de toda trajetória de aplicação desse projeto de intervenção pedagógica, avaliando todo esse processo de ensino e aprendizagem do gênero carta argumentativa de reclamação, bem como da elaboração de seu produto final. É importante esclarecer que, em decorrência da aplicação desse projeto de intervenção, tivemos uma noção mais precisa de todas as variáveis que influenciam o processo de ensino-aprendizagem da escrita. Além disso, percebemos também o quanto a relação entre teoria e prática é importante no processo pedagógico. Ao mesmo tempo, notamos também que algumas variáveis interferem no processo de ensino-aprendizagem da língua escrita.

Dessa maneira, pode se deduzir que “a aprendizagem está envolvida em muitos fatores que se implicam mutuamente e que embora possamos analisá-los em separado, sabemos que fazem parte de um todo que depende, quer na sua natureza, quer na sua qualidade, de uma série de condições internas e externas ao sujeito” (MALGLAIVE, 1990 apud FERREIRA 2005).

Além disso, é importante destacar que quando temos consciência disso, nos empenhamos em cuidar do contexto escolar em que as situações de ensino e aprendizagem acontecem. Ou seja, não podemos formar leitores, por exemplo, se não houver livros e atos significativos de leitura e escrita na sala de aula. Não formaremos escritores, se convidarmos os alunos a escreverem seus textos apenas em situações ocasionais, desvinculadas de um contexto real de uso. Por isso concordamos com Antunes ao lembrar que “a maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes [...] é ‘uma conquista’”. Isto é, “não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência” (ANTUNES, 2003, p. 60).

Diante do que expusemos até aqui consideramos que esse projeto de intervenção pedagógica muito contribuiu para a aprendizagem dos alunos. Uma vez que além de propiciar um conhecimento do gênero carta argumentativa de reclamação também contribuiu para que desenvolvessem um discurso argumentativo.

Por esta razão, podemos afirmar que os alunos que participaram, de forma ativa, de todas as atividades da sequência didática apresentaram, de certa maneira, um significativo progresso tanto na apropriação dos elementos prototípicos do gênero carta argumentativa de reclamação quanto no desenvolvimento da argumentação. Com isso, entendemos que o ensino de produção de texto por sequência didática pode ser considerado como uma excelente

estratégia de ensino de um gênero. Portanto, se faz necessário que os sujeitos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem, tenham comprometimento com as atividades desenvolvidas durante os módulos da sequência didática.

Por outro lado, percebemos também, por meio desse trabalho, que muito precisa ser perfeito para que os alunos construam um discurso argumentativo convincente. Por isso, é necessário que ocorra, no interior da escola, uma reflexão intensa sobre as diferentes situações que emergem a argumentação como também sobre as diferentes estratégias que os indivíduos adotam, a fim de melhor direcionarmos o ensino da argumentação. Por esta razão, corroboramos com a ideia defendida por Lemes (2013, p.107) de que para que o sujeito-aluno aprenda a escrever textos, além das leituras plurais sobre as diversas temáticas, é necessário também que ele tenha conhecimento teórico sobre a argumentação. Dessa maneira, entendemos o quanto é importante repensar o ensino da argumentação em sala de aula, haja vista que “a construção da cidadania passa pelo aprendizado desse conteúdo” (LEMES, 2013, p.107).

Com base nessas afirmações, é que podemos concluir que esse trabalho de intervenção pedagógica nos demandou diferentes atitudes a fim de levarmos alunos a perceberem a importância de saberem posicionar-se de maneira crítica e consciente diante dos problemas de sua realidade. Isto é, mostramos a eles o quanto era importante que soubessem utilizar-se tanto da oralidade quanto da escrita para participarem ativamente de seu meio social. Ou seja, demonstramos o quanto a escrita é uma ferramenta indispensável para o exercício da cidadania.

Dessa maneira, podemos afirmar que alguns dos objetivos traçados com esse trabalho foram de certa forma, contemplados. Dentre esses objetivos, cabe salientar o de ressignificar o sentido da prática de escrita que se realiza no interior da escola. Isto é, conseguimos que os alunos participassem de uma atividade de produção escrita que era verdadeira, que era autêntica. Em outras palavras, conseguimos fazer os alunos se sentirem “sujeitos” do seu dizer. Ou seja, a situação proposta tinha um propósito claro, o que vem reforçar a ideia defendida por Schneuwly & Dolz (2004) de que é preciso criar contextos de produção precisos para que noções e técnicas não espontaneamente acessíveis sejam adquiridas pelos alunos.

Além do objetivo exposto acima, também atingimos outro objetivo que foi o de desenvolver em nossos alunos uma postura crítica e reflexiva diante dos problemas sociais com os quais se deparavam em sua realidade. Isso porque, conforme demonstrado nos PCN (1997), um dos objetivos do Ensino Fundamental é que o aluno seja capaz de “posicionar-se

de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (PCN, 1997, p. 5).

Por esta razão, é que consideramos que o trabalho com o gênero carta argumentativa de reclamação, por intermédio de sequências didáticas, foi e continua sendo um instrumento muito útil para a construção de uma escrita voltada para o exercício da cidadania. Uma vez que a sequência didática, além de possibilitar um maior contato do aluno com o gênero que irá produzir, também favorece um maior conhecimento sobre o tema que irá escrever. Daí decorre a importância do conhecimento prévio sobre o tema sobre o qual se irá escrever. Ou seja, é importante que se trabalhe o tema da produção de texto não de forma artificial, nem apenas no momento da escrita, mas que seja estimulada, continuamente, uma pesquisa prévia e uma discussão a fim de que os alunos apropriem-se de mais informações sobre o assunto.

Outro ponto que merece ser lembrado e, que consideramos como imprescindíveis no trabalho com a escrita é a conscientização dos alunos a respeito da importância da revisão daquilo que escrevem. Ou seja, é importante que nós professores criemos no interior da sala de aula o hábito de levarmos nossos alunos a planejarem seus textos, a fazerem esboço e, depois a revisarem aquilo que foi escrito, aceitando a reformulação como algo perfeitamente normal e previsível. Dessa maneira, estaríamos contribuindo para acabar com essa prática costumeira de se produzir uma única versão de um texto, sem planejamento e sem revisão.

Diante disso, é que podemos afirmar que uma das maiores contribuições que alcançamos com esse trabalho foi a de mostrar a nossos alunos que os textos escritos por eles terão sempre um caráter provisório, incompleto, haja vista que sempre estamos em busca de uma maneira melhor de nos expressarmos, de nos fazermos ser entendidos. Assim, avaliamos que o desenvolvimento desse trabalho nos proporcionou um maior entendimento sobre como devemos conduzir as atividades de produção de texto em sala de aula. Percebemos também, no decorrer desse projeto, que cada aluno tem suas especificidades bem como suas próprias expectativas. Isso significa que nem sempre todas as atividades que previmos serão adequadas para todos os alunos. Isto é, sempre haverá aqueles que necessitarão de um trabalho diferenciado ou um atendimento individualizado. E isso nem sempre é levado em consideração no contexto escolar.

Outro aspecto que merece ser destacado nessas considerações é que nem sempre a apropriação de um determinado gênero textual por parte dos alunos acontece de forma homogênea. O que não significa dizer que o trabalho que se realizou não tenha surtido qualquer efeito. Pelo contrário, é preciso que nós professores tenhamos clareza de que ninguém aprende de maneira semelhante. Além disso, não faz nenhum sentido traçar um

plano de ensino de um determinado gênero textual apenas em uma etapa da escolarização e depois abandoná-lo nas etapas subsequentes. O que significa dizer que “escrever aprende-se na interação contínua com atos de escrita, através de estratégias significativas, em que o aprendiz poderá entender o caráter dialógico da linguagem.” (LEAL; BRANDÃO, 2007, p. 51).

Além do mais, esse projeto de intervenção nos serviu também de parâmetro para refletirmos e, ao mesmo tempo, avaliarmos o nosso fazer pedagógico, a fim de observarmos se as atividades que propomos, no interior da sequência didática, realmente auxiliaram os aprendizes a terem clareza sobre o gênero de texto que produziram e a sua finalidade. Com isso, percebemos que nem sempre é fácil transpor aquilo que a teoria traz como alternativa de ensino para a prática. Percebemos também que avaliar a nossa prática pedagógica não é uma tarefa tão simples como se imagina. Pelo contrário, é difícil para nós percebermos aquilo que precisa ser modificado em nossa prática pedagógica, assumirmos que precisamos rever nossas metodologias de trabalho, que necessitamos sair de zona de conforto e buscar diferentes alternativas de ensino, a fim de levarmos nossos alunos a aprenderem.

E foi isso que tentamos fazer ao longo desse trabalho, procuramos estabelecer esse diálogo da teoria com a prática pedagógica. Ou seja, a cada atividade desenvolvida com nossos alunos, buscávamos na teoria um suporte, um respaldo, a fim de que pudéssemos propiciar a nossos alunos diferentes situações de aprendizagem, para que por meio delas, eles tivessem condições de produzirem seus textos. Com isso, percebemos também que nem sempre é possível sanar todos os problemas que surgem no decorrer de um trabalho. Por isso, podemos afirmar que talvez o que tenha faltado a esse trabalho, seja uma maior familiaridade desses alunos com a prática da escrita, seja um maior comprometimento com sua própria aprendizagem, ou até mesmo, um maior aprofundamento teórico de nossa parte.

Por fim, deixamos como sugestão que seja intensificado no interior das escolas a prática de produção de textos argumentativos, pois acreditamos que quanto mais cedo o estudante tiver contato, em sala de aula, com o ensino sistemático da argumentação, teremos mais probabilidade de formar bons produtores de textos argumentativos. Além disso, é preciso também que se tenha em vista a grande necessidade de formarmos cidadãos que sejam aptos a se expressarem tanto oralmente como por escrito. Dessa forma, este trabalho de caráter não conclusivo abre espaço para que novas discussões sejam emanadas e que os resultados aqui apresentados sejam um espaço fecundo para novas reflexões e para novos enfoques teóricos visando complementar as discussões aqui tecidas.

REFERÊNCIAS

ALLIENDRE, Felipe. CONDEMARIN, Mabel. **A leitura:** teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALMEIDA, M^a. L. L. Escrever na Escola: o que dizem os livros didáticos e os PCN+. In: **Língua(s) e Povos:** unidade e diversidade. ANAIS do Congresso Internacional de Política Linguística na América Latina (CIPLA). João Pessoa: Ideia, 2006.

ANDRAUS JUNIOR, Salim; SANTOS, Acácia A. Angeli dos. Importância do desenvolvimento da leitura na formação profissional. In: WITTER, Geraldina Porto. **Leitura:** Textos e Pesquisas. Campinas: Alínea, 1999, p. 37-53.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português:** encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Lutar com palavras:** coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Língua, Texto e Ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do Discurso. In: **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Estética da criação verbal.** Trad. Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. In: BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo; SOUZA, Ivane Pedrosa de (Orgs.). **Práticas de Leitura no Ensino Fundamental.** Belo

Horizonte: Autêntica, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Primeiros Passos, 1986.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **O texto Argumentativo**. São Paulo: Scipione, 2002.

CHIAPPINI, Lígia (COORD.) GERALDI, João Wanderley (COORD.) CITELLI, Beatriz (COORD.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. v.1. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

DOLZ, Joaquim. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem** / Joaquim Dolz, Roxane Gagnon, Fabrício Decândio; adaptação Joaquim Dolz e Fabrício Decândio; tradução Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

_____. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**./ tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FRANCHI, Eglê. **A redação na escola e as crianças eram difíceis**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação e compromisso**. Campinas: Papyrus, 1985.

_____. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 27ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O texto na sala de aula**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **O texto na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Aprender e Ensinar com Textos de Alunos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOULART, Cecília. A produção de textos escritos narrativos, descritivos e argumentativos na alfabetização: evidências do sujeito na/da linguagem. In: ROCHA, Gladys e COSTA VAL, M.da G. (org.) **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto- o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica /CEALE/FAE/UFMG, 2003.

_____. Alfabetização, Discurso Científico e Argumentação. In: Leitão, Selma & Damianovic, Maria Cristina (Orgs.), **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas: Pontes, 2011.

HOFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

KATO, M. A. **No mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 2006.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Desvendando os Segredos do Texto.** São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Cortez. 1984; 1987.

_____. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo. Contexto. 1992.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo, 2012.

_____. **A coerência textual.** 15.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KRAWCZYK, Nora. **O ensino Médio no Brasil.** São Paulo: Ação Educativa, 2009.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **Linguística Textual: introdução.** São Paulo: Cortez, 1988.

FERREIRA, Maria Conceição. **Alguns fatores que influenciam a aprendizagem do estudante de enfermagem.** Rev Millenium IPV [Internet]. 2005 [citado 2011 jul. 29]; 31: 150-73.

LACERDA, Chislaine Fernandes Ruiz. **Repetência e fracasso escolar.**

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_chislaine_keile_fernandes_ruiz_lacerda.pdf. Acesso em: 25/08/2015.

LEAL, Telma F. & MOCRAIS, Artur G.A **Argumentação em Textos Escritos: a Criança e a Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. É possível ensinar a produzir textos! Os objetivos didáticos e a questão da progressão escolar no ensino da escrita. In: LEAL, Telma Ferraz e BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Orgs.). **Produção de textos na escola reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Orgs.). **Produção de textos na escola reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Pag.45-64.

_____. **Produção de textos na escola: a argumentação em textos escritos por crianças**. 425 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

_____. MELO, Kátia Leal Reis. Produção de textos: introdução ao tema. In: LEAL, Telma Ferraz e BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Orgs.). **Produção de textos na escola reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Pag.11-28.

LEMES, Noemi. **Argumentação, Livro Didático e Discurso Jornalístico: vozes que se cruzam na disputa pelo dizer e silenciar**. Ribeirão Preto, 2013.

LEITÃO, Selma (2011). O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: Leitão, Selma & Damianovic, Maria Cristina (Orgs.), **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças**. Revista Nova Escola. P. 24-26, maio/2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. In: Rangel, E. O. e Rojo, R. H. (orgs.) **Coleção Explorando o ensino - Língua Portuguesa**, Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010

MATÊNCIO, M. de L. M. [1994]. **Leitura, produção de textos e a escola:** reflexões sobre o processo de letramento. 3ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002 – (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

NEVES, I. C. B. et al. (org.). **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. 5. ed. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2003.

ÓLERON, P. Le Raisonnement, Paris, Que sais-je?, PUF, 1982. In: MEYER, Bernard. **A arte de argumentar:** com exercícios corrigidos; tradução Ivone C. Benedetti- São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

PÉCORA, A. **Problemas de redação.** 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

PETRONI, Maria Rosa (org.). **Gêneros do Discurso, leitura e escrita:** experiências de sala de aula. São Carlos: Pedro & João Editores/Cuiabá (EDUFMT), 2008.

_____. **Gêneros do Discurso:** Linguagem e interação na leitura e na escrita. Linguagem (São Paulo), v. 1, 2008.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1998

ROCHA, Gladys e COSTA VAL, M. da G. (org.) **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto - o sujeito-autor.** Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.

RODRIGUES, Rosângela Hammes ET AL. **Linguística Textual**: 4 período. Florianópolis: UFSC/LLV/CCE, 2012.

ROJO, Roxane (Org). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. Campinas: EDUC/ Mercado de Letras, 2000.

SERAFINI, M. T. [1985]. **Como escrever textos**. Tradução de M^a Augusta B. de Matos; adaptação de Ana M^a Garcia. 11^a ed. São Paulo: Globo, 2001.

SERCUNDES, Maria Madalena Iwamoto. Ensinando a escrever. In: CHIAPPINI, Lígia (COORD.) GERALDI, João Wanderley (COORD.) CITELLI, Beatriz (COORD.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. v.1. 4.ed. São Paulo: Cortez,1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O projeto político pedagógico: A saída para escola. Revista da AEC. Brasília, v.7, n° 107, p. 81-91, abr/jun/1998.

SILVA, Alexsandro; MELO, Kátia Leal Reis. Produção de textos: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, Telma Ferraz e BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Orgs.). **Produção de textos na escola reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Pag.29-44.

SILVA, L.N. A paragrafação em cartas de reclamação escritas por crianças. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2008. Disponível em:

<http://www.qedu.org.br/escola/252871-ee-professor-amelia-de-oliveira-silva/ideb>. Acesso em:

_____. LEAL, Telma Ferraz. Caracterizando o gênero carta de reclamação. In: **CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL**, 16., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas: ALB/UNICAMP, 2007. Disponível em:

www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss12_07.pdf. Acesso em: 04 jul. 2009.

SILVA, Maria Alice Setúbal Souza. **Conquistando o mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1994.

SIMKA, Sergio; **Prática de Produção de Textos em Sala de Aula**. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

SHUDO, Regina. Sala de aula e avaliação: Caminhos e desafios. SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VEIGA, Ilma Passos. **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção possível/ Ilma Passos Veiga (org.). São Paulo: Papyrus, 1995, p.11-35.

_____. Perspectivas para reflexão em torno do projeto político pedagógico, In: VEIGA, Ilma P. Alencastro e REZENDE, L. M> G. de (orgs.). **Escola**: espaço do projeto político pedagógico. São Paulo: Papyrus, 1998, p. 9-32

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WITTER, Geraldina P.(org.). Leitura: **Textos e Pesquisa**. Campinas-SP, Alínea, 1999.

- Textos

Saneamento no Brasil. Disponível em:

<http://www.mananciais.org.br/category/saneamento/saiba-mais-saneamento/>

(Este texto discute sobre a importância do saneamento básico no país, pois mais da metade dos municípios não possuem rede coletora de esgoto). Acesso em 07/08/2012.

Saneamento: você sabia? Disponível em:

<http://www.mananciais.org.br/category/voce-sabia/saneamento-voce-sabia/>

(Este texto traz em porcentagem informações sobre a realidade do nosso país em relação ao saneamento básico). Acesso em 07/08/2012.

Dois terços de todo esgoto gerado no Brasil não são tratados. Disponível em:

<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/09/dois-tercos-de-todo-esgoto-gerado-no-brasil-nao-sao-tratados.html>

(Este texto jornalístico destaca algumas regiões brasileiras que não possuem saneamento básico e apresenta o ranking da coleta e do tratamento de esgoto de algumas cidades.). Acesso em 07/08/2012.

O que é saneamento básico?Disponível em:

<http://www.mananciais.org.br/category/saneamento/videos-saneamento/>

(A reportagem aborda sobre o que é saneamento básico, sua importância e cidades brasileiras que não possuem saneamento e nem rede de esgoto.). Acesso em 07/08/2012.

<http://www.alunosonline.com.br/geografia/problemasurbanos-.html>.

TV Globo - Jornal Nacional - Pesquisa trata Brasil/ Ibope. Disponível em:

<http://www.tratabrasil.org.br/multimedia.php?codigo=461>

(Esta reportagem comenta sobre a falta de cobrança da população com os serviços de saneamento básico em várias regiões brasileiras.). Acesso em 07/08/2012.

- Texto informativo: Doenças causadas pela falta de saneamento básico

<http://keroagua.blogspot.com.br/2008/06/doenas-causadas-pela-falta-de.html> (Este sítio contém uma lista com o nome das doenças causadas pela falta de saneamento básico e a forma de contágio). Acesso em 07/08/2012.

http://www.esgotoevida.org.br/saude_saneamento.php

<http://duvidasredacao.blogspot.com.br/2009/10/carta-familiar-ou-pessoal.html>

APÊNDICES

APÊNDICE A – AULAS DESENVOLVIDAS

Conhecendo a realidade social dos alunos

Aula 1

Objetivo: Conhecer a realidade social dos alunos.

Atividades desenvolvidas

Conversa inicial com a turma a fim de conhecer o entorno social desses alunos.

Levantamento oral dos principais problemas do bairro que podem ser alvos de reclamação.

Questionário

QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS DA 3 FASE DO 3 CICLO B

Levantamento junto aos alunos dos principais problemas do bairro Parque Universitário e bairros adjacentes.

1. Informações pessoais:

1.1. Nome:

1.2. Endereço:

2- Qual é o nome do bairro em que você mora?

3- Assinale a seguir os problemas de infraestrutura que seu bairro apresenta:

() Falta de pavimentação;

() Ausência de redes coletora de esgoto;

() Ausência de coleta de lixo;

() Falta de iluminação pública em ruas e avenidas;

() Falta de áreas de lazer, tais como: praças, campos esportivos e academias populares;

() Falta de segurança e policiamento;

4- Que outros problemas de infraestrutura seu bairro apresenta?

O TRABALHO COM A TEMÁTICA INFRAESTRUTURA URBANA

Aula 2

Objetivo: Objetivos: Propiciar aos alunos conhecimento sobre a temática infraestrutura urbana.

Atividades desenvolvidas

- Levantamento oral do conhecimento prévio dos alunos sobre o conceito de infraestrutura urbana.
- Definição do conceito de infraestrutura urbana.
- Leitura e compreensão das seguintes charges sobre o tema infraestrutura urbana:



Fonte: www.folhadavila.com/2014/01/charge-da-semana-situacao-da-saude.html. Acesso: 10/07/2014.

- Qual é o contexto de cada charge?
- Qual é o assunto principal tratado em cada uma delas?
- Qual é a sua finalidade?
- Que crítica se percebe em cada uma dessas charges.

Aula 3

Objetivo: Levar os alunos a ter mais conhecimento sobre o tema infraestrutura urbana por meio de vídeos e textos sobre o assunto.

Atividades desenvolvidas

- a) Conhecendo o tema infraestrutura urbana por meio dos vídeos retirados do You Tube: Infraestrutura Urbana; Cidades do Futuro Infra-Estrutura Urbana. (www.youtube.com).
- b) Comentários sobre os vídeos assistidos.
- c) Discussão oral com a turma sobre os problemas de infraestrutura urbana do bairro Parque Universitário e bairros adjacentes.
- d) Leitura e estudo do artigo de autoria de Marcos Mendes: Por que é importante investir em infraestrutura?

POR QUE É IMPORTANTE INVESTIR EM INFRAESTRUTURA?

Marcos Mendes

“Governar é construir estradas”.A afirmação de Washington Luís, Presidente do Brasil entre 1926-1930, procurava destacar a importância da infraestrutura de transportes para o desenvolvimento da economia: boas estradas reduzem o custo de transportes e, portanto, o preço final dos produtos, tornando-os mais acessíveis ao consumidor e mais competitivos com os concorrentes. Também permitem que cada região se especialize nas atividades econômicas para as quais tenham maior vocação (agricultura, pecuária, serviços, etc.), gerando ganhos de produtividade e qualidade para toda a economia. A redução do tempo de viagem entre duas cidades permite aumentar os laços econômicos e sociais (é possível morar em uma cidade e estudar, fazer compras e consultar médicos em outra cidade, por exemplo), o que aumenta o universo de escolha dos consumidores e a concorrência entre as empresas.

Obviamente quando se fala em infraestrutura não se está falando apenas em estradas. A construção de usinas hidrelétricas aumenta a oferta de energia no país e viabiliza a expansão das indústrias. Sistemas de irrigação facilitam a expansão da agricultura para terras antes consideradas impróprias para cultivo. Portos eficientes reduzem os custos das exportações

aumentando a capacidade das empresas nacionais para vender seus produtos no exterior, o que aumenta o emprego no país.

Os investimentos em infraestrutura também podem ter importante impacto na redução da pobreza e na melhoria da qualidade de vida da população de menor renda. Há um efeito direto de aumento da oferta de empregos e salários quando a economia cresce e se torna mais eficiente e competitiva. Mas há, também, um aumento no valor de mercado do patrimônio da população pobre quando a sua residência passa a ser servida por rede de esgoto, água e telefone. Da mesma forma, a propriedade rural passa a valer mais quando uma estrada facilita seu acesso à cidade mais próxima. A redução de incidência de doenças na população pobre, decorrente da expansão do saneamento básico, se reflete em aumento da capacidade de aprendizado escolar das crianças e da capacidade laboral dos adultos. Telefones e demais sistemas de comunicação eficientes e baratos permitem que pequenos negócios informais tenham custos operacionais baixos e possam crescer, pois se torna barato encontrar novos negócios (torna-se mais fácil construir uma ponte entre comprador e vendedor). Além disso, uma comunicação melhor permite agilizar a pesquisa por matérias-primas de menor custo e aperfeiçoar as condições de negociação de venda de safra pelo pequeno produtor rural. Transportes urbanos rápidos e baratos dão liberdade para se optar por uma residência mais distante, com preços mais acessíveis.

Todas essas vantagens do investimento em infraestrutura podem se perder se os investimentos forem mal feitos, se os custos forem superfaturados, se o material utilizado nas obras for de má qualidade, se a infraestrutura construída não for submetida a periódica manutenção. Uma estrada que ligue o “nada” a “lugar algum” não terá efeitos positivos sobre a economia e representará desperdício de valiosos recursos públicos. Uma estrada esburacada não realizará todo seu potencial de reduzir custos e aproximar lugares distantes.

Outro problema relevante é a subordinação das decisões sobre que obras devem ser executadas aos interesses econômicos das empresas que fazem as obras. Não é difícil imaginar que um eficiente lobby convença gestores públicos a fazer um 1 Doutor em economia pela USP. Consultor Legislativo do Senado Federal. 2 investimento que não seja prioritário ou necessário para a população, mas que seja lucrativo para os construtores e fornecedores. As possibilidades de corrupção também são grandes.

Para que os investimentos públicos em infraestrutura realizem todo seu potencial benéfico à população é preciso que o estado tenha capacidade técnica para planejar e monitorar investimentos (e evitar ficar a reboque de projetos apresentados por empreendedores privados, que têm interesse em lucrar com a execução do projeto e menor interesse na eficácia da infraestrutura quando esta estiver pronta). Também é fundamental que existam mecanismos de

estado que promovam avaliações independentes dos projetos (por instituições de controle como o TCU e a Controladoria Geral da União), para que haja uma checagem dos projetos elaborados pelo governo. É importante que se tenha uma lei de licitações que garanta efetiva competição entre os candidatos a realizar a obra, evitando conluíus e cartéis. Fiscalização das obras (qualidade do material empregado, cumprimento de prazo, correta execução dos projetos, etc.) é outro componente fundamental.

Falhas nesses quesitos fizeram com que os investimentos públicos em infraestrutura no Brasil muitas vezes aparecessem para a população como fonte de desperdício de recursos, perdendo apoio entre os eleitores. Por outro lado, a realização de políticas que geram benefícios mais imediatos aos eleitores, as chamadas “políticas sociais” (tais como o aumento do salário mínimo, a criação de ajuda financeira aos pobres e a expansão da quantidade e do valor das aposentadorias) mostraram ter importante impacto na popularidade dos políticos, facilitando sua eleição ou reeleição.

Junte-se a isso a necessidade de manter o equilíbrio das contas do governo, e tem-se uma situação em que a expansão dos gastos com as políticas sociais acaba levando à necessidade de se frear os investimentos em infraestrutura. Não se está aqui julgando que as políticas sociais são inapropriadas (este deve ser assunto de para outro texto analítico). Faz-se apenas a constatação de que o seu crescimento ocupou o espaço dos investimentos na composição da despesa pública.

Além disso, nos diversos episódios de crises nas contas do governo (motivada não só pela expansão das políticas sociais, mas também por expansão ineficiente da máquina pública), em que se fez necessário um corte abrupto de despesas, os investimentos em infraestrutura se tornaram o principal alvo dos cortes. É fácil entender os motivos. O primeiro motivo é que o corte de um único investimento de grande valor já gera significativa redução de despesas, enquanto que o corte de despesas correntes (salários, benefícios sociais, manutenção dos órgãos públicos, etc.) precisaria ser feito em diversos programas, para que a soma total equivalesse ao valor cortado no investimento. O segundo motivo é que há restrições legais ao corte de importantes despesas correntes (há limites para a demissão de pessoal, não se pode reduzir o valor dos vencimentos dos servidores, a constituição obriga a realização de um montante mínimo de gastos em saúde e educação, etc.). O terceiro motivo é que investimentos em infraestrutura são gastos que ainda não trouxeram um benefício concreto para a população – esse benefício somente se materializará quando a obra estiver completa. Já o corte de programas sociais traz um prejuízo imediatamente sentido pela população afetada e, por isso, é mais custoso politicamente. Daí a preferência pelo caminho mais fácil: adiar ou cancelar investimentos públicos em infraestrutura.

Como consequência desses fatores, o investimento público em infraestrutura no Brasil caiu de 3,6% do PIB no período 1981-1986 para 1,15% no período 2001-2006, de acordo com estudo de Calderón e Servén². O mesmo estudo mostra que, em decorrência dessa redução de investimentos, o Brasil, na comparação com outros países emergentes, ficou para trás em termos de quantidade, qualidade e acesso da população a estradas, energia elétrica, telefones, internet, água e saneamento. A consequência é a perda de eficiência e competitividade da economia, com redução da possibilidade de crescimento econômico, de geração de emprego e renda e de redução da pobreza.

A reversão desse quadro desfavorável passa, em primeiro lugar, pela recuperação da capacidade do estado brasileiro para planejar e gerir investimentos públicos em infraestrutura, de acordo com os pontos já listados acima, desde a elaboração de um bom plano de investimentos até uma boa fiscalização de obras e adequada manutenção da infraestrutura já existente. Quando a população passar a enxergar nos investimentos públicos de qualidade um efetivo caminho para melhorar sua qualidade de vida, haverá um natural arrefecimento da demanda por medidas imediatas de assistência social para alívio da pobreza e por aumentos salariais via elevação do salário mínimo. Fazer obras boas, úteis e necessárias obras voltará a dar votos.

Um segundo caminho para lidar com a falta de recursos públicos para financiar investimentos é recorrer aos investimentos privados em infraestrutura, tema que será abordado em outro texto.

Questões sobre o texto

- I- Qual é o assunto discutido nesse artigo?
- II- Quais são as vantagens destacadas pelo autor do texto ao se investir em infraestrutura?
- III- Quais são as consequências decorrentes da ausência de investimentos nesse setor?
- IV- Que problemas de infraestrutura urbana você considera que seja mais importante que seja resolvido no bairro Parque Universitário?

Aula 4

Objetivo: Levar os alunos a ter maior conhecimento sobre a importância do Saneamento Básico para o bem estar da população.

Atividades desenvolvidas

- a) O que eles compreendiam por Saneamento Básico?
- b) Definição de Saneamento Básico retirada da internet do site Wikipédia (https://pt.wikipedia.org/?title=Saneamento_b%C3%A1sico)
- c) Leitura e compreensão do artigo: Não há saúde sem saneamento, de Janguê Diniz.
- d) Apontamento dos principais aspectos do texto.

Não há saúde sem saneamento

O Brasil tem ocupado lugar de destaque no cenário mundial como potência econômica e a expectativa é que, até 2050, sejamos referência de economia global. Porém, a imagem internacional brasileira não é só “ordem e progresso”. Hoje, nos transformamos em um país tipicamente urbano, com aproximadamente 85% da população morando em cidades.

O resultado desse processo de urbanização desregrada não poderia ser diferente: caos no trânsito, aumento da violência, crescimento desordenado de favelas, desemprego e problemas na saúde. Todavia o acesso ao saneamento pede uma observação maior, visto que ele integra boa parte dos problemas citados anteriormente.

Apesar da importância para saúde e meio ambiente, o saneamento básico no Brasil está longe de ser adequado. Em 2008, mais de 56% dos domicílios não possui qualquer ligação com a rede coletora de esgoto e 80% dos resíduos gerados são lançados diretamente nos rios, sem nenhum tipo de tratamento. A região Sudeste ainda se destaca como a área com os melhores serviços de saneamento. Em contrapartida, a região Norte apresenta os maiores problemas de falta de coleta e tratamento de esgoto, com apenas 6,2% de coleta de esgoto nas residências.

Dentre as cidades brasileiras, Belo Horizonte é a que possui maior acesso à rede de esgoto, com 97,4%, seguido por São Paulo, com 89,5%. A pior situação entre as capitais está em Macapá, no Amapá, com 4,03%. Mas, por que questionarmos neste texto o saneamento e não outros serviços públicos, como a saúde, por exemplo?

A explicação é simples. Em números, 65% das internações hospitalares de crianças menores de 10 anos estão associadas à falta de saneamento básico. Ademais, a falta de saneamento básico ainda é uma das principais responsáveis pela morte por diarreia de menores de cinco anos no Brasil. Essas informações nos levam a concluir que a cobertura de rede de esgoto é uma condição necessária para a provisão de tratamento dos detritos, que é a condição suficiente para que os benefícios da coleta se materializem na sua integridade.

O tratamento eficiente da água pode reduzir, e muito, as infecções gastrointestinais, diminuindo, consideravelmente, o número de atendimentos nos postos e hospitais públicos. A coleta, o tratamento e a disposição ambiental adequada do esgoto sanitário são fundamentais para a melhoria do quadro de saúde da população como um todo. A ausência de investimentos nesses itens tem sérios impactos sobre a saúde da população e o meio ambiente.

Ao findar este texto, caro leitor, peço que avaliem as propostas dos candidatos aos cargos políticos, e verifiquem se melhorias na rede de saneamento básico estão inclusas em suas plataformas de governo. Não podemos chegar a altos níveis de desenvolvimento se não melhorarmos a qualidade de vida do nosso povo. E o saneamento é um dos principais elementos que devem ser levados em consideração.

Janguê Diniz

Postado no Blog do Janguê (<http://www.blogdojanguie.com.br/perfil-do-autor/>)

Aula 5

Objetivo: Conhecer as principais doenças decorrentes da falta de saneamento básico.

Atividades desenvolvidas

- a) Leitura do texto informativo: Conheça as doenças causadas pelo “não tratamento” do esgoto, retirado do site Tera Ambiental (www.terambiental.com.br).

Conheça as doenças causadas pelo “não tratamento” do esgoto

Investir em saneamento básico é investir em saúde. A cada R\$ 1,00 gasto com tratamento de esgoto, são economizados R\$ 4,00 em saúde pública. O esgoto encanado é tão importante para melhorar o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (uma série de metas socioeconômicas que os países da ONU se comprometeram a atingir até 2015) é reduzir pela metade o número de pessoas sem rede de esgoto.

Isso porque a ausência de tratamento de esgoto traz doenças que afetam pessoas de todas as idades, mas as crianças são as mais prejudicadas. Estas doenças são causadas principalmente por microrganismos patogênicos de origem entérica, animal ou humana, presentes em água contaminada.

Conheça algumas delas:

Febre Tifóide: Doença infecciosa que causa febre contínua, mal-estar, manchas rosadas no tronco, tosse seca, prisão de ventre e comprometimento dos tecidos linfóides.

Febre Paratifóide: É semelhante à Febre Tifóide, mas menos letal. É causada por infecção bacteriana, com apresentação de febre contínua, eventual aparecimento de manchas róseas no tronco e diarreia.

Shigeloses: Infecção bacteriana aguda no intestino grosso. Apresenta febre, náuseas e, às vezes, vômitos, cólicas e tenesmo (sensação dolorosa na bexiga ou na região anal). Em casos graves, as fezes apresentam sangue, muco e pus.

Cólera: Doença intestinal bacteriana aguda, com diarreia aquosa abundante, vômitos ocasionais, rápida desidratação, acidose, câimbras musculares e colapso respiratório, podendo levar o paciente a morte em um período de 4 à 48 horas, se não houver tratamento.

Hepatite A: Febre, mal-estar geral, falta de apetite, náuseas e dores abdominais seguidas de icterícia. A convalescença é prolongada e a gravidade aumenta com a idade, porém há recuperação total sem sequelas.

Amebíase: Infecção causada por um protozoário parasita que atinge os intestinos. As enfermidades variam desde uma disenteria aguda e fulminante, com febre e calafrios e diarreia sanguinolenta ou mucóide (disenteria amebiana), até um mal-estar abdominal leve e diarreia com sangue e muco alternando com períodos de estremeção ou remissão.

Giardíase: Diarreia crônica com cheiro forte, fraqueza e cólicas abdominais, graças às toxinas que libera. Gera um quadro de deficiência vitamínica e mineral e, em crianças, pode causar a morte, se não houver tratamento.

Leptospirose: Ocorre com mais frequência em épocas de chuva ou alagamento, pode apresentar uma simples gripe e até complicações hepáticas e renais graves.

Inúmeras outras doenças também são causadas pela falta de tratamento de esgoto, como: poliomelite, diarreia por vírus, ancilostomíase (amarelão), ascaridíase (lombriga), teníase, cisticercose, filariose (elefantíase), esquistossomose, etc. Por isso é importante cobrar das autoridades a construção e a manutenção de redes de esgoto e seu tratamento, e a população tem de fazer a disposição correta do efluente doméstico, pois conforme foi apresentado, o saneamento básico precário atinge diretamente a saúde da população, **além de causar sérios impactos ao meio ambiente.**

[http://www.teraambiental.com.br/publicado em 25/02/2013.](http://www.teraambiental.com.br/publicado em 25/02/2013)

- b) Apontamentos dos principais aspectos do texto.
- c) Vídeo sobre: Tratamento de água e esgoto, Saneamento Básico: tratamento do esgoto e Obras da Estação de Tratamento de Esgoto de Rondonópolis.
(<https://www.youtube.com/watch?v=IvFvooONlw0>)
(<https://www.youtube.com/watch?v=Ie4A1oUF4l8>)
- d) Roteiro para assistirem a comédia: Saneamento Básico: O filme, de Jorge Furtado.
- I- Discussão com os alunos sobre o assunto tratado no filme?
- II- O que achou mais interessante no filme?
- III- Qual é a relação desse filme com os conteúdos estudados em sala de aula?
- IV- Faça uma síntese da história contada no filme.

Aula 6

Objetivo: Conhecer os benefícios da pavimentação urbana para a população.

Atividades desenvolvidas

- a) Leitura e discussão sobre o artigo a seguir: **Planejamento e importância dos serviços de pavimentação**, escrito pelo engenheiro Civil e Sanitarista Luis Henrique Amarilla Mendes e publicado no site Associação Matogrossense dos Municípios. (<http://www.amm.org.br/amm/constitucional/noticia.asp?id=174836&iIdGrupo=6267>)

20/06/2015 AMM - Associação Mato Grossense dos Municípios

Planejamento e importância dos serviços de pavimentação

O asfalto é sinônimo de progresso e desenvolvimento socioeconômico para as localidades, já que esta obra visa atender as necessidades locais e ao mesmo tempo contribuir para as empresas instaladas na região, mas para isso se concretizar é necessário planejamento por parte da administração municipal, além da ajuda de parcerias, tanto do poder público quanto do privado.

Para a comunidade, o asfalto significa o fim da convivência diária com os advenços dos efeitos climáticos, onde ora os mesmos convivem com a poeira, ora com a lama. O pó, além do incômodo da sujeira, pode intensificar problemas respiratórios, já que no período de chuvas o pavimento sofre com o tráfego e possíveis erosões, o que pode resultar até mesmo em trechos intransitáveis, comprometendo a locomoção dos moradores das pequenas comunidades e do escoamento do pequeno produtor, além de dificultar enormemente o acesso dos alunos às escolas.

Para os municípios, as obras de pavimentação podem incrementar avanços no escoamento da produção rural, seja ela provinda do campo ou da pecuária, além de proporcionar melhorias na infraestrutura viária e, por fim, possibilitar o acesso de visitantes a áreas turísticas de sua região.

Sendo assim, o Poder Executivo, através de suas secretarias de Obras, deve conceber um bom planejamento estratégico e financeiro, em conjunto com projetos claros e bem elaborados, sendo aqui elencados os principais tópicos relacionados a este assunto.

O projeto de pavimentação tem início com o levantamento de informações sobre o tipo de uso e o tráfego ao qual a superfície está sendo submetida, já que através deste dado o profissional pode identificar a solução técnica de construção mais apropriada e também aquela que apresenta a melhor relação custo benefício para o município.

O projeto de pavimentação deve ser apresentado através de documentos e desenhos específicos, para que assim possa ser analisado, de forma clara, em diversos órgãos, tais como a Secretaria de Estado de Infraestrutura (SINFRA), Ministério da Integração Nacional e Caixa Econômica Federal. No entanto, o administrador municipal também deve se atentar para possíveis exigências específicas que cada um deles possa por ventura vir a fazer.

Entre os elementos obrigatórios a serem apresentados para análise, o engenheiro projetista responsável deverá apresentar o mapa do município com a localização das ruas a serem beneficiadas, o memorial descritivo do projeto básico, contendo introdução, justificativa fundamentada no desenvolvimento econômico municipal, metodologia, forma de acompanhamentos, fotos atualizadas das ruas, informações sobre a solução de drenagem urbana e resultados esperados.

Além destes, é necessário apresentar também o memorial de cálculo completo, com os quantitativos apresentados na planilha orçamentária, em conjunto com levantamento plani-altimétrico e com o projeto executivo de estaqueamento, perfil longitudinal (cortes e aterros) e a seção transversal dos trechos (ruas) a serem pavimentadas.

Ressaltando que o memorial de cálculo só poderá ser confeccionado a partir dos ensaios de caracterização do sub-leito e da jazida (que são as reservas minerais utilizadas para extração dos materiais de base e sub-base).

Vale lembrar ainda que também é imprescindível a apresentação da ART do engenheiro responsável pelo projeto e pelo Ensaio de caracterização solo, utilizado nos memoriais. Um ponto importante a se destacar é em relação aos custos e preços de referência utilizados na composição orçamentária, onde os mesmos devem ser tomados de base os prescritos pelo SINAP/Caixa Econômica Federal, pelo Departamento Nacional de Estradas e Rodagem DNIT/SICRO2, e ainda os da tabela base do estado de Mato Grosso – SINFRA/MT.

Já em relação aos valores de BDI ou LDI (Lucros e despesas indiretas), estes podem ser prescritos pelos órgãos competentes para análise, ou ainda, o engenheiro orçamentista se basear pela norma vigente, onde se adota o Acórdão 325/2007 do Tribunal de Contas da União, que fixa em máximo, mínimo e médio os valores de BDI em 28,87%, 16,36% e 22,61%, respectivamente.

Caso o valor seja superior, é necessário demonstrar a composição do mesmo, acompanhado com três bases de valores distintos, tomados como base neste novo BDI. Vale ressaltar ainda que o referido acórdão menciona que tributos de natureza personalística, como IRPJ (Imposto de Renda de Pessoa Jurídica) e CSSL (Contribuição Social sobre Lucro) não são admitidos na composição. Aliados a esta exceção, os itens Administração local, instalação do canteiro e acompanhamento e mobilização/desmobilização, devem constar na planilha orçamentária e não no BDI.

Por fim, temos que estar conscientes que as estradas, ruas e rodovias deixaram de ser entendidas apenas com o intuito de ligar localidades entre si e permitir o fluxo de tráfego entre as mesmas. A importância para os municípios e para o estado de Mato Grosso, decorrente dos projetos de pavimentação, é de fácil entendimento. O asfalto gera a integração física com as demais cidades, barateia os custos de escoamento da produção dos produtores, torna as pessoas mais acessíveis aos serviços de saúde, bens e serviços, agiliza o tráfego, enfim, leva inúmeras possibilidades de melhoria na qualidade de vida de todos.

Luis Henrique Amarilla Mendes é Engenheiro Civil e Sanitarista e integra a equipe da Coordenação de Infraestrutura e Capacitação da AMM
 engenharia@amm.org.br

<http://www.amm.org.br/amm/constitucional/imprimir.asp?id=174836&iIdGrupo=6267>

1/1

b) Apontamentos sobre aspectos do texto.

Aula 7

Objetivo: identificar no gênero notícia as principais reclamações dos moradores do bairro Parque Universitário.

Atividades desenvolvidas

Análise de uma notícia publicada no jornal local da cidade.

1- Identifiquem na notícia os seguintes aspectos:

I- Data de publicação, título ou manchete;

II- Qual é o objetivo dessa notícia?

III- Essa notícia ainda pode ser considerada atual?

IV- Identifique a principal reclamação dos comunitários.

V- Que medidas eles solicitam para resolver o problema?

VI- Quais são as vozes que se fazem presente nessa notícia?

VII- Que argumentos esses comunitários utilizam para demonstrar a necessidade de que esses problemas sejam resolvidos?

Aula 8

Objetivo: Conhecer os órgãos responsáveis pelos serviços de infraestrutura urbana de Rondonópolis: Companhia de Desenvolvimento de Rondonópolis e Saneamento Ambiental de Rondonópolis.

Atividades desenvolvidas

- a) Visita ao site do Saneamento Ambiental de Rondonópolis (Sanear).
- b) Conhecendo um pouco da história dessa autarquia.
- c) Assistir vídeos sobre os serviços prestados por esse órgão: **Avança Rondonópolis – Saneamento e, Com novas elevatórias, Sanear amplia rede de esgoto.**

(<http://www.sanearmt.com.br/site2013/>)

Aula 9

Objetivo: Levar o aluno a conhecer os principais problemas urbanos decorrentes do crescimento desordenado das grandes cidades.

Atividades desenvolvidas

Leitura e estudo do seguinte texto: **Problemas Urbanos, de Wagner Cerqueira e Francisco.**

O mundo está passando por um intenso processo de urbanização. Esse processo teve destaque primeiramente durante o século XVIII, nos países envolvidos na Revolução Industrial. Já nos países em desenvolvimento, a urbanização ocorreu de forma expressiva a partir da década de 1950, impulsionada pelo desenvolvimento industrial, pois as atividades industriais se expandiram por vários países, atraindo cada vez mais pessoas para as cidades.

No entanto, a urbanização acelerada sem planejamento tem como consequência problemas de ordem ambiental e social. O inchaço das cidades, provocado pelo acúmulo de pessoas e a falta de uma infraestrutura adequada, gera transtornos para a população urbana.

Uma das principais características da urbanização sem o devido planejamento é o inchaço das cidades, desencadeando graves consequências econômicas e sociais, esse fenômeno ocorre principalmente nos países em desenvolvimento, em razão da rapidez do processo de urbanização e da falta de infraestrutura.

O crescimento desordenado das cidades gera a ocupação de locais inadequados para moradia, como áreas de elevada declividade, fundos de vale, praças, viadutos, entre outras.

Conforme a Organização das Nações Unidas (ONU), atualmente cerca de 25% da população mundial que mora em cidades vivem na absoluta pobreza.

Os problemas urbanos são vários e bem diversificados, as grandes cidades sofrem principalmente com as poluições, engarrafamentos, violência, desemprego, desigualdade social, locais inadequados para moradia, saúde, educação, infraestrutura, etc.

Os diversos tipos de poluição (hídrica, visual, do solo, sonora, atmosférica) são causados principalmente pelo modo de produção e consumo estabelecidos pelo capitalismo. A poluição atmosférica é um grande problema detectado nas cidades, o intenso fluxo de automóveis e as indústrias são os principais responsáveis pelo lançamento de gases tóxicos na atmosfera.

Outros problemas ambientais decorrentes da urbanização são: impermeabilização do solo,

alterações climáticas, efeito de estufa, chuva ácida, ausência de saneamento ambiental, destinação e tratamento dos resíduos sólidos, entre outros.

A falta de segurança tem sido um dos principais motivos que preocupam a população urbana. Diariamente são divulgadas notícias de violência nas cidades, esse processo está diretamente associado a outros problemas como o desemprego, a educação de baixa qualidade e a desigualdade social. Portanto, os distintos problemas urbanos formam uma teia, onde um está diretamente ligado ao outro, havendo a necessidade da realização de políticas para solucionar todos esses problemas, proporcionando uma melhor qualidade de vida para a população urbana.

Por Wagner de Cerqueira e Francisco

- a) Levantamento do conhecimento prévio dos alunos: o que eles entendiam por urbanização?
- b) Quais seriam as conseqüências da urbanização acelerada?
- c) Conceito de urbanização.
- d) Por que vou ler esse texto? Ou, o que espero aprender, fazer ou usufruir com a leitura desse texto?
- e) Pontuar os principais aspectos do texto.
- f) O que contribui para o surgimento de tantos problemas urbanos?
- g) O que precisa ser feito para se minimizar esses problemas?
- h) Dentre os problemas urbanos citados no texto quais deles mais lhes preocupam?

Aula 10

Objetivos: Levar os alunos a compreender as causas da violência urbana.

Atividades desenvolvidas

- a) Leitura e discussão do artigo: **Violência Urbana, do Padre José Transferetti, Publicado no Correio popular.** (<http://correio.rac.com.br>)
- b) Apontamentos dos principais aspectos do texto.
- c) Análise da seguinte charge.



Fonte: <https://www.google.com.br/url>. Acesso em: 10/07/2014.

- d) Estabelecer relação entre a charge e o assunto do artigo.

Aula 11

Objetivo: Levar os alunos a conhecer a proposta de produção de texto que realizariam e a estrutura do gênero carta argumentativa de reclamação.

Atividade desenvolvida

Proposta de produção de texto

Vocês irão redigir uma carta argumentativa de reclamação se dirigindo ao prefeito da cidade de Rondonópolis ou ao Órgão competente. Nessa carta, vocês deverão expor os problemas de infraestrutura que tem prejudicado os moradores do bairro Parque Universitário e bairros adjacentes. Além disso, deverão expor também as consequências decorrentes desses problemas caso eles não sejam solucionados. Para isso vocês deverão se utilizar de uma argumentação consistente, expondo as razões, os motivos pelos quais vocês estão escrevendo essa carta a fim de convencê-los da importância de se resolverem esses problemas. Vocês podem também sugerir possíveis soluções para esses problemas. Mas antes de escreverem essa carta vocês conhecerão a estrutura desse gênero por meio de uma sequência didática.

Sequência Didática com o Gênero Carta Argumentativa de Reclamação

Aula 12

Objetivo: Levar os alunos a conhecerem o gênero carta argumentativa de reclamação por meio de uma sequência didática.

Atividades desenvolvidas

- a) Explicação de que trabalharíamos com uma sequência didática do gênero carta argumentativa de reclamação.
- b) Explicação do conceito de sequência didática.
- c) Apresentação da situação de produção do gênero carta argumentativa de reclamação.
- d) Conceito de gênero textual.
- e) Levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero carta.
- f) Leitura e análise da letra da música A Carta, de Eduardo Costa.
- g) Que papel a carta desempenha na letra dessa música?
- h) O que haviam compreendido da letra da música?
- i) O porquê do título A Carta?
- j) Que situação estava sendo retratada na letra da música?
- k) E se eles já haviam escrito algum tipo de carta?

Aula 13

Objetivo: Levar os alunos a conhecer os vários gêneros de cartas existentes e as suas finalidades.

Atividades desenvolvidas

- a) Apresentação sucinta dos vários tipos de cartas existentes e de suas finalidades: carta pessoal, carta de apresentação, carta-aberta, carta do leitor, carta argumentativa de reclamação e carta argumentativa de solicitação ou carta argumentativa de reclamação e solicitação.
- b) Retomada da proposta de produção de texto.
- c) Apresentação dos seguintes aspectos: Que gênero seria trabalhado? A quem se dirigiria a produção? Que forma assumiria a produção? Quem participaria da produção?
- d) O que é uma carta argumentativa de reclamação? Por que é feita? E como se faz para reclamar?
- e) Significado do verbo reclamar.
- f) Explicação sobre o gênero carta argumentativa de reclamação e a sua finalidade.
- g) Conhecendo a estrutura da carta argumentativa de reclamação: cabeçalho; local e data; vocativo; corpo do texto: exposição do problema que motivou a reclamação; argumentos que sustentem a reclamação; solicitação implícita ou explícita de medidas que resolvam o problema; linguagem formal, atenta às normas do padrão culto da língua, rigor no emprego dos pronomes; Agradecimentos ou despedida e assinatura;

Aula 14

Objetivo: Levar os alunos a discriminar os vários tipos de cartas e identificar as suas finalidades.

Atividades desenvolvidas

- a) Analisar as seguintes cartas e identificar o que esses textos possuem em comum?
- b) O que esses textos possuem de diferentes?
- c) Como classificariam as cartas lidas: carta pessoal, carta de solicitação, carta de leitor, carta de reclamação ou carta de amor?

1 RECONHECENDO
CARTAS DE
SOLICITAÇÃO E
CARTAS DE
RECLAMAÇÃO

ATIVIDADE 1
Discriminando
diferentes tipos de carta

1 Leia os textos a seguir.

Texto 1

BURACO
Há mais de dez meses, funcionários do serviço de água e esgoto (SAAE) abriram um buraco na rua, para fazer a manutenção da rede de água. Até hoje não se tapou a cratera. Já está ficando perigoso transitar pela calçada, pois os motoristas, para desviar do buraco, quase atropelam os pedestres. (Mário Paulo de Almeida, Jardim Ana Maria)

(O Estado de S. Paulo, 17/3/2000.)

11

Texto 2

Sampa, 25 de março de 2002.

Gabi

Nem bem cheguei em casa e já me deu uma baita saudade de você. É impressionante como você me ocupa e invade os meus sentidos. Quando estamos juntos, ou não vejo mais nada ao redor, porque você ocupa todo o meu foco de visão, ou então vejo tudo diferente: as cores mudam, se intensificam, percebo mil tonalidades, contrastes, contornos, formas, tamanhos e cheiros que nunca tinha notado. Só consigo suportar sua falta porque sempre marcamos um novo encontro, para o qual sempre estou contando os minutos.

Um grande beijo.

Do teu,

Bié

Texto 3

São Paulo, 26 de novembro de 2001.

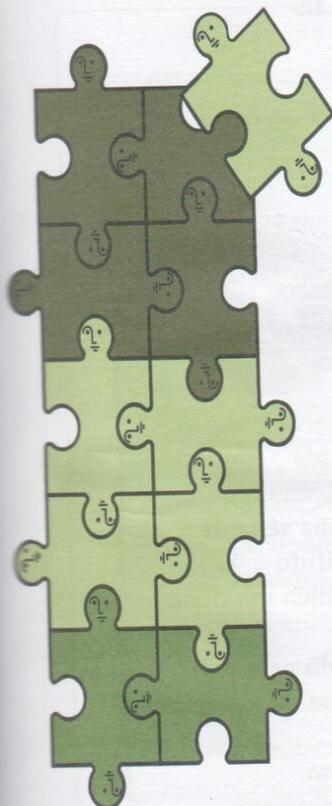
Srs. Pais,

Como fazemos anualmente, solicitamos seu comparecimento para identificar roupas e sapatos de seus filhos. Aqueles que não forem identificados e resgatados até o final das aulas serão doados a uma instituição.

A responsável pelos objetos perdidos na escola é D. Vera.

Atenciosamente,
Adelaide Ribeiro

Texto 4



Venda Nova, 3 de outubro de 2002.

Rafa,

Cara, isso aqui é alguma coisa inacreditável. É mato para tudo quanto é lado!!! A quantidade de aves que tem aqui não está descrita em nenhuma enciclopédia. Você já ouviu esse papo de que a cidade grande deixa as pessoas estressadas e que elas têm que ter mais contato com a natureza de tempos em tempos para ficar bem? Pois é, se eu estava estressado eu não sei, mas que me sinto muito diferente, isso é verdade. Também, você pode imaginar um lugar sem TV, sem vídeo, sem computador e sem game boy? É aqui!! Telefone, só andando dois quilômetros. Nove horas da noite, cama. Em compensação, cinco horas da manhã já estou tomando café.

Por enquanto estou curtindo, vamos ver se agüento ficar mais um mês.

E por aí? Tudo em cima? E a Aninha, o João, o Fred, a Karina e a Gê? Como é que vai essa galera? Vê se passa direto de ano para você vir curtir um pouco desse paraíso comigo.

Tchau, cara.

Um abraço,
André

P.S.: Deixa de preguiça e me escreve, pois só assim posso me comunicar.

2. Agora responda em seu caderno.

- O que esses textos possuem em comum?
- O que esses textos possuem de diferente?
- Classifique os textos lidos em:
 - carta pessoal;
 - carta de solicitação;
 - carta de leitor;
 - carta de reclamação;
 - carta de amor.



d) Análise da seguinte carta argumentativa de reclamação.

Salvador, 27 de Setembro de 2014

Sr. Secretário da Saúde de Salvador

Prezado Senhor,

Eu, João de Deus Santos Brasil, residente à Rua dos Cidadãos de Bem, No. 52, bairro Pernambués, venho reclamar do mal atendimento no Posto de Saúdedo bairro.

As pessoas que trabalham lá chegam sempre atrasadas e demoram muito para atender. Não há médicos e enfermeiros suficientes, remédios para os pacientes, principalmente para idosos e crianças, que muitas vezes nem sequer são atendidos.

Peço que o Senhor tome as providências, imediatamente, para que as pessoas não fiquem sem atendimento médico, sem remédios, doentese insatisfeitas.

Espero que esses problemas sejam resolvidos o mais rápido possível, com as suas rápidas providências.

Atenciosamente,

João de Deus Santos Brasil

(<http://loucosportecnologias.blogspot.com.br/2014/10/generos-textuais-argumentativos-e.html>)

I- Como ela se inicia?

II- Por que essa carta começa dessa forma?

III- A quem está sendo dirigida esta carta?

IV- Com que objetivo ela foi escrita?

V- Quais foram os motivos que levaram o autor da carta a fazer essa reclamação?

VI- O que o autor solicita na carta?

Aula 15

Objetivo: Levar os alunos a produzir a primeira versão da carta argumentativa de reclamação.

Atividade desenvolvida**Proposta de produção de texto**

Redija uma carta argumentativa de reclamação se dirigindo ao prefeito da cidade de Rondonópolis ou ao Órgão competente.

Aula 16

Objetivo: Analisar a primeira produção dos alunos a fim de verificar as principais dificuldades encontradas por eles.

Atividades desenvolvidas

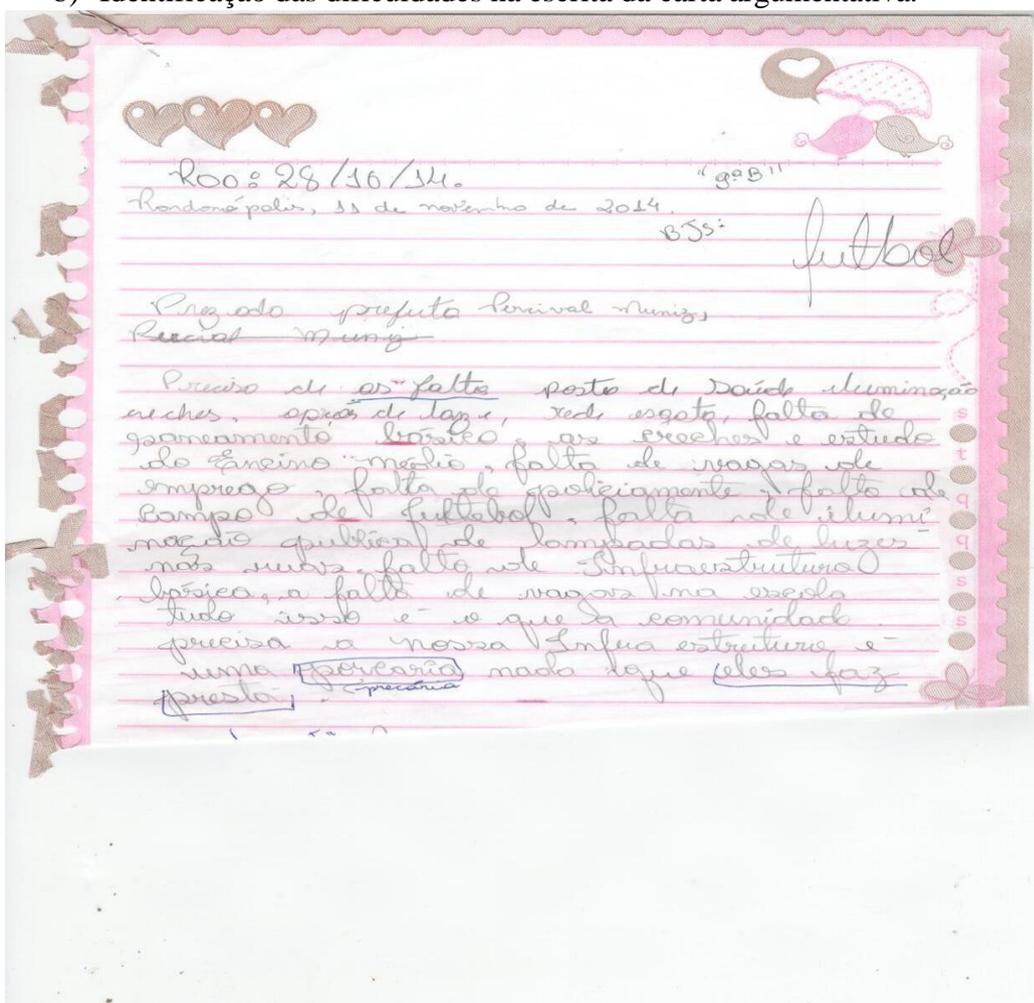
- a) Análise de cada uma das cartas.
- b) Definição das atividades que seriam desenvolvidas nos módulos.
- c) Módulo I: atividades ligadas ao domínio da argumentação.
- d) Módulo II: atividades ligadas ao domínio do gênero carta argumentativa de reclamação.
- e) Módulo III: atividades ligadas ao domínio da sintaxe: paragrafação, pontuação, coesão e ortografia.

Aula 17

Objetivo: Identificar as principais dificuldades dos alunos e ampliar a capacidade argumentativa deles.

Atividades desenvolvidas

- Análise da carta argumentativa de reclamação escrita pela aluna A. S.
- Identificação das dificuldades na escrita da carta argumentativa.



- Explicação sobre a necessidade de saberem argumentar.
- Levantamento do conhecimento prévio: Vocês sabem o que é argumentar, argumentação?
- Definição de argumentar e argumentação.

Aula 18

Objetivo: Levar os alunos a identificar argumentos e justificativas em fragmentos de textos.

Atividades desenvolvida

Análise dos fragmentos de textos a seguir.

ATIVIDADE 3 "Porque sim" não é resposta!³

Como você viu no vídeo da atividade 1, num debate não basta dar sua opinião e se colocar de um ou outro lado da polêmica. É preciso justificar sua posição e apresentar **argumentos**, ou seja, **explicações**, **exemplos**, **provas** que possam convencer aqueles que discordam de você. Afinal, o objetivo de um debate é procurar fazer os outros aceitarem suas ideias.

1. Leia os trechos a seguir.

Alguns apresentam apenas uma opinião; outros, argumentos que a justificam.

a) Assinale os trechos que incluem argumentos (justificativas, explicações, exemplos ou provas).

TRECHO 1
Todos devem ter os mesmos direitos, independentemente de credo ou etnia.

TRECHO 2
Todos devem ter os mesmos direitos, independentemente de credo ou etnia, pois todos somos seres humanos e nossas diferenças não nos diminuem nem nos dão vantagens em relação aos outros. Um japonês tem os mesmos sentimentos, dores e necessidades que um africano ou um brasileiro.

TRECHO 3
Empresários, fazendeiros e população que vive à beira de rios e córregos são os principais responsáveis pela poluição das águas. Os governos deveriam criar leis mais rígidas que garantam a conservação das águas dos rios.

3. Atividade baseada em BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Carta de reclamação e carta de solicitação*. São Paulo: FTD, 2005.

110 ◀ CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP ▶

TRECHO 4
Os governos deveriam se preocupar mais com o destino dado ao lixo doméstico e industrial. É preciso investir mais dinheiro em aterros sanitários e incentivar a coleta seletiva.

TRECHO 5
Os governos deveriam se preocupar mais com o destino dado ao lixo doméstico e industrial, uma vez que sem destino correto o lixo polui a água sob o solo e, conseqüentemente, a água que muitos bebem. Além disso, lixo sem tratamento adequado polui o ar e provoca o aumento do número de ratos e de outros animais transmissores de doenças, prejudicando a saúde da população.

TRECHO 6
São Paulo está ficando uma cidade cada vez pior para morar. Por exemplo, no início do século passado, quando a cidade era bem menor, o ar era mais puro e a qualidade de vida era muito melhor. Hoje a poluição atmosférica de São Paulo é responsável por grande número de doenças respiratórias que acometem especialmente crianças e idosos, bem como por irritações nos olhos e alergias. Portanto, antes que a gente morra sufocado, é melhor sair desta cidade e morar no interior.

b) Agora, releia os trechos que você assinalou e sublinhe os argumentos.

c) Em seguida, anote as palavras usadas para ligar as ideias aos argumentos.

◀ LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO ▶ 111

- a) Assinale os trechos que incluem argumentos (justificativas, explicações, exemplos ou provas).
- b) Agora, releia os trechos que você assinalou e sublinhe os argumentos.
- c) Em seguida, anote as palavras usadas para ligar as ideias aos argumentos.

Aula 19

Objetivo: Identificar argumentos utilizados pelo autor em carta argumentativa.

Atividades desenvolvidas

a) Análise da seguinte carta argumentativa.

Carta 2 - Ao editor de uma revista

Londrina, 10 de setembro de 2012.

Prezado editor,

O senhor e eu podemos afirmar com segurança que a violência em Londrina atingiu proporções caóticas. Para chegar a tal conclusão, não é necessário recorrer a estatísticas. Basta sairmos às ruas (a pé ou de carro) num dia de "sorte" para constatarmos pessoalmente a gravidade da situação. Mas não acredito que esse quadro seja irremediável. Se as nossas autoridades seguirem alguns exemplos nacionais e internacionais, tenho a certeza de que poderemos ter mais tranquilidade na terceira cidade mais importante do Sul do país.

Um bom modelo de ação a ser considerado é o adotado em Vigário Geral, no Rio de Janeiro, onde foi criado, no início de 1993, o Grupo cultural Afro Reggae. A iniciativa, cujos principais alvos são o tráfico de drogas e o subemprego, tem beneficiado cerca de 750 jovens. Além de Vigário Geral, são atendidas pelo grupo as comunidades de Cidade de Deus, Cantagalo e Parada de Lucas.

Mas combater somente o narcotráfico e o problema do desemprego não basta, como nos demonstra um paradigma do exterior. Foi muito divulgado pela mídia - inclusive pelo seu jornal, a Folha de Londrina - o projeto de Tolerância Zero, adotado pela prefeitura novaiorquina há cerca de dez anos.

Por meio desse plano, foi descoberto que, além de reprimir os homicídios relacionados ao narcotráfico (intenção inicial), seria mister combater outros crimes, não tão graves, mas que também tinham relação direta com a incidência de assassinatos. A diminuição do número de casos de furtos de veículos, por exemplo, teve repercussão positiva na redução de homicídios.

Convenhamos, senhor editor: faltam vontade e ação políticas. Já não é tempo de as nossas autoridades se espelharem em bons modelos? As iniciativas mencionadas foram somente duas de várias outras, em nosso e em outros países, que poderiam sanar ou, pelo menos, mitigar o problema da violência em Londrina, que tem assustado a todos.

Espero que o senhor publique esta carta como forma de exteriorizar o protesto e as propostas deste leitor, que, como todos os londrinenses, deseja viver tranquilamente em nossa cidade.

Atenciosamente,

M.

Disponível em: <http://www.mundovestibular.com.br/articles/4486/1/CARTA-ARGUMENTATIVA/Paacutegina1.html> Acesso em: 10 de outubro de 2014.

b) Por que essa carta de reclamação foi enviada a um jornal? Qual foi o objetivo

Aula 20

Objetivo: Levar os alunos a construir argumentos sólidos, convincentes tendo como base os textos trabalhados em sala de aula sobre o tema infraestrutura urbana.

Atividades desenvolvidas

- a) Construam argumentos para serem utilizados em suas cartas argumentativas, mostrando a importância de se investir em infraestrutura urbana e os benefícios desses serviços à população.
- b) Construção coletiva de argumentos a partir do tema infraestrutura urbana e seus subtemas.

Aula 21

Objetivo: Levar os alunos a distinguir fato de opinião.

Atividades desenvolvidas

- a) Diferença entre fato e opinião.
- b) Exemplos de fato e de opinião em fragmentos de textos.
- c) Identifique as marcas de opinião nos textos a seguir.

Navegar é preciso

(NAVEGAR é preciso, 2009)

O velejador, economista e empresário Wilfredo Schürmann lançou o livro Navegando no Sucesso na praça central do Shopping Mueller, em Joinville, e na praça central Neumarkt, Blumenau. Ótimo contador de histórias apresentou reflexões sobre o sentido de palavras como sucesso, família, trabalho em equipe, sonho e disciplina.

(www.videoaulasonlineiesdebrasil/sa)

- d) O texto abaixo se atém mais aos fatos ou à expressão da opinião? Por quê?

Nascida em Curitiba, em 1982, Marjorie Estiano se mudou para São Paulo aos 18 anos, onde se profissionalizou como atriz e cantora. Já no Rio de Janeiro, estreou na tevê em 2003, em Malhação, e desde então esteve em várias novelas [...](MARJORIE ESTIANO atriz e cantora, 2009).

(www.videoaulasonlineiesdebrasil/sa)

Aula 22

Objetivo: Levar os alunos a reconhecer a importância dos argumentos.

Atividades desenvolvidas

a) Leia o fragmento a seguir e identifique:

I – Que ideia o autor desse trecho defende?

II- Que argumentos ele usa para defender sua ideia?

III- Por que o autor do texto usa argumentos para defender sua ideia?

(Coleção trabalhando com os gêneros do discurso: argumentar coordenadora Jacqueline Peixoto Barbosa, São Paulo: FTD, 2005, p. 28).

ATIVIDADE 4

Reconhecendo argumentos e sua importância



1. Você viu na atividade anterior que explicar o motivo pelo qual se solicita algo, argumentar a favor do que se pede ou ainda justificar sua reclamação, torna as cartas de solicitação e de reclamação mais convincentes.

Certamente, em diversas situações da sua vida, principalmente na escola, foi pedido a você que justificasse alguma resposta dada. Em outras vezes, foi pedido para que você argumentasse a favor de alguma coisa ou contrário a ela. Mas o que é argumentar? O que isso tem a ver com justificar? Por que, afinal, argumentamos?

2. Observe.

Adolescentes com 16 anos não devem dirigir, pois a grande maioria de jovens com essa idade não possui responsabilidade para isso. Além disso, as estatísticas mostram que grande número de acidentes ocorre com jovens entre 18 e 20 anos na direção.

Agora, responda.

- a) Que idéia o autor desse trecho defende?
- b) Que argumentos ele usa para defender sua idéia?
- c) Por que o autor do texto usa argumentos para defender sua idéia?

pais devem ou não controlar o uso dos celulares dos filhos?

- d) Até que ponto os pais devem limitar o uso da internet?
- e) Qual é a sua opinião com relação à proibição do uso do celular na escola?
- f) Conhecendo os vários tipos de argumentos: autoridade, científicos, causa e consequência, consensuais, exemplificação.

Aula 23

Objetivo: Analisar uma carta argumentativa de reclamação observando a ideia defendida pelo autor e seus argumentos.

Atividade desenvolvida

a) Análise de uma carta argumentativa retirada do site Recanto das Letras.

Carta Argumentativa 2. Drogas (Disponível em:

<http://www.recantodasletras.com.br/cartas/2621992>

b) Levando em consideração que a carta argumentativa de reclamação, como o nome sugere, apresenta uma reclamação a respeito de um problema, enquanto a carta argumentativa de solicitação pede a solução de um problema. Quando apresenta simultaneamente uma reclamação e uma solicitação é chamada de carta argumentativa de reclamação e solicitação. Como você classificaria a carta lida?

c) A quem foi endereçada essa carta? Com que objetivo?

d) Para ser atendido, o remetente de uma carta argumentativa necessita apresentar argumentos convincentes. De que argumentos o remetente se serve para convencer seu interlocutor?

e) A argumentação do remetente foi consistente para que ele atingisse seu objetivo? Observe a linguagem empregada na carta. Que variedade lingüística predomina: o padrão formal ou o informal?

f) Em que pessoa se coloca o autor da carta?

g) Agora conclusa: Quais são as principais características de uma carta argumentativa de reclamação e solicitação?



Textos

Textos > Cartas

Texto

Carga Argumentativa 2. DROGAS

Assú, 17 de Novembro de 2010

-

Exmo. Sr. Presidente da COFEM:
Saudações!

-

O uso de drogas por jovens e adultos vem aumentando indiscriminadamente nos últimos anos. Relacionado a isso percebemos um aumento no número de casos da AIDS. Além de ser um problema de saúde, o uso de entorpecentes está diretamente associado à educação, a políticas públicas e a família.

Ao ler uma reportagem na revista Folha de S. Paulo, que traz a polêmica decisão do COFEM (órgão no qual a vossa excelência preside), em fornecer seringas e agulhas para viciados com o objetivo de diminuir os casos de AIDS, fiquei bastante preocupado com os rumos que esta proposta poderá tomar.

A droga está inserida em um ciclo de problemas. A distribuição dessas seringas poderá acarretar num aumento de viciados, uma vez que o uso antes compartilhado passa a ser pessoal, dando uma falsa impressão de segurança. Com o aumento de dependentes o tráfico irá aumentar, aumentando assim a violência urbana. Sem falar que em nosso país, para se aplicar uma injeção é preciso ter um conhecimento prévio, adquirindo assim técnicas para a aplicação.

Em meio a isto vossa excelência, quero chamar-lhe atenção para uma revisão minuciosa dessa decisão. A droga e a AIDS devem ser combatidas por meio de políticas públicas e orientações, sendo a família o ponto de apoio para o dependente. São estratégias simples que surtem grandes efeitos.

-

Atenciosamente,
O cidadão.

AlysonMendonça

Enviado por AlysonMendonça em 18/11/2010
Reeditado em 18/11/2010
Código do texto: T2621992

R\$ 119.90

RÁDIO POÉTICA
clique aqui e ouça

VITRINE



Clamores Silentes
Juraci da S Martins
R\$20,00



"O FILHO DA ÍNDIA YARA"
Antonio Hugo
R\$15,00



"AS DORES DO AMOR DOENTIO"
Bryzza
R\$25,00



LAMPIÃO: HEROI OU BANDIDO?
João Firmino Cabral
R\$5,00

Aula 24

Objetivo: Levar os alunos a revisarem suas cartas argumentativas de reclamação acrescentando argumentos.

Atividades desenvolvidas

- a) Leia sua carta argumentativa e observe os aspectos que precisam ser revisados em sua carta argumentativa, procure observar se existem argumentos que fundamentem suas reclamações.
- b) Análise de uma carta argumentativa de reclamação produzida por uma aluna.
- c) Revisão individual das cartas argumentativas produzidas pelos alunos atentando para os seguintes aspectos: objetivo da carta, consistência de argumentos, apresentações de razões, motivos, justificativas, exemplos.

Aula 25

Objetivo: Retomar as características do gênero carta argumentativa de reclamação.

Atividades desenvolvidas

- a) Leitura e análise de uma carta argumentativa de reclamação observando os seguintes aspectos:
- A quem foi dirigida essa carta?
 - Com que objetivo foi escrita?
 - O que o autor está solicitando na carta?
 - Em nome de quem ela foi escrita?
 - Que sugestões são apontadas como solução para o problema?

Fortaleza (CE), 12 de janeiro de 2010.

Ilmº. Sr. Diretor do Departamento de Trânsito de Fortaleza:

Nós, moradores da Rua Jair dos Santos Meneghetti, há anos vimos enfrentando sérios problemas com o trânsito local. Como é de seu conhecimento, a Avenida Olímpio de Souza é uma das mais movimentadas de nossa cidade. Ela concentra um grande número de veículos – incluindo-se, além de automóveis, ônibus e caminhões –, já que conduz o fluxo tanto ao centro da cidade quanto às rodovias que levam a cidades vizinhas.

Mesmo havendo duas pistas em cada sentido da Avenida Olímpio, é comum alguns veículos, na altura do número 1.500, tomarem nossa rua como atalho. Isso se deve a duas razões: primeiramente porque, nos horários de pico, é normal o trânsito fluir mais lentamente: em segundo lugar porque, mais à frente, na altura do número 1700, existe um semáforo que sinaliza o cruzamento da Rua Sílvia Arante com a Olímpio. Os motoristas, quando estão na altura do número 1.500, conseguem avistar o semáforo e, se ele está fechado, não hesitam em tomar a Jair dos Santos como atalho e sair já no número 1.900 da Avenida Olímpio.

O resultado não poderia ser diferente: poluição do ar, barulho insuportável de motores e buzinas, riscos constantes para nossas crianças, insegurança, em virtude da constante circulação de pessoas estranhas ao local, má qualidade de vida.

Lembramos a V. S.^a que a Rua Jair dos Santos Meneghetti é predominantemente residencial e não comporta tal tipo de tráfego. Além disso, na campanha política do atual prefeito, que V. S.^a naturalmente apoiou, uma das propostas defendidas era a preservação da qualidade de vida da cidade. Eis uma oportunidade de concretizar essa proposta, tomando-se uma destas medidas práticas que ora sugerimos:

- a) Inverter a mão da Rua Jair dos Santos Meneghetti, que atualmente vai do número 01 para o número 225, ou**
- b) Colocar três quebra-molas ou lombadas ao longo da Rua supracitada. Acreditamos que a adoção de uma dessas soluções – que custariam pouco e**

poderiam ser efetivadas em no máximo dois dias – resolverá o problema de uma vez e conseguirá devolver-nos a tranquilidade que tínhamos no passado e a que temos direito ainda hoje. Para V.S.^a e para o Departamento que dirige, será também a oportunidade de se integrar às reais necessidades da população, cada vez mais conscientes de seus deveres e direitos.

Certos de sua atenção, agradecemos.

Moradores da Rua Jair dos Santos

(<http://oblogderedacao.blogspot.com.br/>)

Aula 26

Objetivo: Levar os alunos a internalizar os aspectos formais da carta argumentativa de reclamação. Identificar nas cartas a seguir quais delas apresentam argumentos mais convincentes.

Atividades desenvolvidas

- a) Leitura e comparação de três cartas argumentativas de reclamação observando os aspectos formais e a consistência dos argumentos.

- b) Aspectos a serem observados: local, data, forma de saudação, os argumentos usados pelo grupo de alunos a fim de convencer à diretora, despedida, assinatura.

A professora de Português, então, pediu aos alunos que se reunissem em grupos para escrever uma carta com essa solicitação à diretora. A carta mais convincente seria encaminhada em nome de todos.

- Com um colega, leia as cartas a seguir, escritas por três grupos diferentes. Aponte qual delas parece ser a mais adequada e convincente para ser enviada à diretora.

CARTA 1

São Paulo, 18 de abril de 2009.

Prezada dona Marília.

Nós, alunos do 7º ano, fizemos uma pesquisa e gostaríamos de solicitar o conserto da quadra poliesportiva, pois o piso está totalmente danificado, com buracos e as faixas de marcação estão praticamente invisíveis. Isso prejudica nosso jogo e pode machucar alguém.

Com o conserto da quadra, todo mundo ficaria satisfeito.

Atenciosamente,

Alunos do 7º ano B

CARTA 2

São Paulo, 18 de abril de 2009.

Marília.

Nós, alunos do 7º ano B, gostaríamos de solicitar que a verba fosse para o conserto da quadra poliesportiva, que está totalmente esburacada.

Um abraço,

Alunos do 7º ano B

CARTA 3

São Paulo, 18 de abril de 2009.

Prezada Profª Marília.

Soubemos, por meio da nossa professora, que a APM conseguiu uma doação em dinheiro para a escola. Fizemos em nossa turma uma pesquisa para levantarmos em que melhorias na escola os alunos acreditam ser mais importante aplicar a verba doada à APM.

De acordo com o resultado da pesquisa, no momento, para os alunos, a manutenção da quadra poliesportiva é a obra mais importante a ser feita.

A prática de esportes é importante tanto para a saúde física quanto mental das pessoas. Como, na região em que moramos, há poucos espaços de lazer, a quadra da escola se transforma em um dos poucos espaços em que podemos praticar esportes e nos divertir. Por isso ela é tão importante.

Além disso, se a quadra não estiver bem conservada, ela pode oferecer risco para quem joga bola na quadra. O piso com buracos pode causar tropeços e quedas, causando lesões que podem ir de simples esfolados até fraturas de ossos.

Outro aspecto a considerar é que, estando o piso com buracos e a pintura danificada, não dá para jogar direito, pois ao jogarmos, às vezes, as bolas que estão indo em uma direção acabam se desviando em um buraco do piso e indo para outra direção. Com as linhas apagadas, também fica difícil sabermos quando uma bola foi para fora ou não foi para fora, se um jogador estava impedido ou não estava impedido, se a bola foi lançada a tempo de dentro do garrafão.

Por todos esses motivos, esperamos que a senhora considere nossa sugestão.

Desde já, agradecemos sua atenção.

Alunos do 7º ano B.

Aula 27

Objetivo: Levar os alunos a identificar os elementos prototípicos do gênero carta argumentativa de reclamação.

Atividades desenvolvidas

a) Compare as cartas a seguir e identifique os seguintes aspectos:

I- Uma dessas cartas é de reclamação, a outra, de solicitação. Qual é qual?

II- Qual o objetivo da primeira carta? E da segunda?

III- Para quem é dirigida a primeira carta? E a segunda?

V- Quem é Rosana Seligmann?

V - A primeira carta é assinada por apenas uma pessoa. No entanto, ela fala no plural “solicitamos”. Por quê?

VI- Além de reclamar, a segunda carta faz uma solicitação, qual?

VII- A segunda carta está reclamando em linguagem educada e formal. Você acha que a reclamação faria mais efeito se a carta fosse desaforada e cheia de palavrões?

Carta de reclamação e carta de solicitação

Leia, abaixo dois tipos de carta formal. Compare suas semelhanças e diferenças.

Colégio Monteiro Lobato

Avenida Visconde de Sabugosa, 1.520 – Sobral, Ceará

Sobral, 5 de abril de 2009.

Assunto: Aquisição de livro

Srs. pais de alunos dos 6ºs anos do Ensino fundamental,

Solicitamos a aquisição do livro que será usado no início do trabalho da área de Língua Portuguesa. O trabalho terá início na sexta-feira 24/4 e é importante que todos os alunos tenham a obra nessa aula.

“Histórias à brasileira”

Autor: Ana Maria Machado (adaptação)

Editora: Companhia das Letrinhas

Atenciosamente,

ROSANA SELIGMANN

COORDENADORA PEDAGÓGICA

Circular nº 014/2008

Fortaleza, 7 de março de 2010.

Caro senhor gerente do supermercado PreçoBom, loja da Rua da Praça, 18:

Há muitos anos nossa família é freguesa deste supermercado. Hoje, porém, estamos muito decepcionados com o atendimento de sua loja.

Semana passada, no dia 2 de março, compramos um pote de 500g da maionese Q-koisa que, apesar de estar dentro da data de validade, está visivelmente estragada e cheirando mal.

Ao mostrarmos a nota da compra e pedirmos a substituição do referido item ao funcionário identificado como Armando Guerra, ele disse que a loja não tem nenhuma responsabilidade sobre a mercadoria que já saiu do estabelecimento.

Aula 28

Objetivo: Comparar três tipos de cartas observando as semelhanças e diferenças entre cada uma delas.

Atividades desenvolvidas

- a) Leitura e análise da seguinte carta pessoal. Aspectos estruturais a serem observados nessa carta: local, data, saudação inicial, vocativo, despedida, assinatura e finalidade.

Porto Alegre, 28 de dezembro de 2012.

Amado filho Raul,

Há duas semanas você viajou para fazer o tão sonhado intercâmbio em Londres, e já sinto imensas saudades.

Como foi a viagem? Estranhou o clima e a alimentação britânicos? Você vai ficar aí dois anos, por isso, trate de escrever mais, já que nem sempre será possível telefonar. O que você está achando da cidade e dos londrinos? Seu pai e seus irmãos enviam fortes abraços, e Breno pede que você entre em contato com ele pela internet. Na próxima semana será o aniversário de sua irmã Ana; não se esqueça de telefonar.

Aqui em Porto Alegre tem chovido bastante, e o calor continua intenso. Nas férias de janeiro, vamos pra Camboriú. Vai ser tudo tão estranho sem você!

Cuide-se bem, proteja-se do frio que é terrível nessa época e veja bem com quem vai andar. Seu irmão pretende passar o mês de julho com você, se tudo correr bem.

Se precisar de qualquer coisa, ligue para nós imediatamente.

Responda logo e envie fotos.

Mil beijos.

Sônia.

P. S. Sua namorada está morrendo de saudades! Agora, a grande notícia: ela passou no vestibular de Medicina!

Disponível em: <<http://diogoprofessor.blogspot.com.br/2014/03/atividade-sobre-o-genero-carta-pessoal.html>>. **Acesso em:** 30 out. 2014

- b) Leitura e análise da seguinte carta argumentativa de reclamação, observando os seguintes aspectos:
- I- linguagem utilizada
 - II- finalidade
 - III- argumentos utilizados pelo autor da carta.
- c) Leitura e análise de uma carta aberta dirigida a Renato Aragão. Analisar os seguintes aspectos: finalidade, características e objetivo.

Aula 29

Objetivo: Levar os alunos a construir uma síntese sobre as características do gênero carta argumentativa de reclamação.

Atividades desenvolvidas

- a) Síntese das características do gênero carta argumentativa de reclamação.
- b) Aspectos a serem observados no momento da reescrita da segunda versão da carta:
aspectos estruturais, reclamações seguidas de argumentos, justificativas e sugestões de soluções para os problemas apontados na carta.
- c) Reescrita da carta observando os aspectos acima descritos.

Aula 30

Objetivo: Levar os alunos a adequar a carta argumentativa de reclamação à norma padrão.

Atividades desenvolvidas

- a) A importância dos sinais de pontuação no texto.
- b) Explicação oral das principais finalidades dos sinais gráficos de pontuação.
- c) Análise e apontamentos nas cartas de reclamação dos alunos dos principais aspectos que necessitavam ser revistos no que se refere à pontuação.
- d) Exemplos de situações em que se usa a vírgula: datas e vocativos e saudação inicial.

Itabuna (BA), 31 de outubro de 2012.

Ilm^aSr^a Ir. Margarida Menezes,

Diretora da Escola São José da Ação Fraternal de Itabuna.

Prezada Senhora,

- e) Explicação sobre a organização do texto: paragrafação.
- f) Orientação individualizada e coletiva dos principais aspectos ligados à pontuação e a paragrafação.
- g) Definição de coesão e coerência textual.
- h) Análise de fragmentos das cartas argumentativas de reclamação dos alunos com alguns apontamentos sobre ausência de: pontuação, paragrafação e elementos coesivos.

Venho por meio desta carta.

Falar sobre a importância de ter uma creche no bairro falta de asfalto para o nosso bairro falta de segurança e precisa de iluminação falta opção de lazer falta médicos no bairro falta saneamento básico falta infra estrutura falta oportunidade de emprego falta campo de futebol falta rede de esgoto falta ter mais policiais na rua de dia e noite.

- i) Explicação sobre a importância dos elementos coesivos no texto.
- j) Explicação sobre as relações de sentidos expressas pelos elementos coesivos.

Aula 31

Objetivo: Levar os alunos a realizar a revisão ortográfica de suas cartas argumentativas de reclamação adequando-a a norma padrão.

Atividades desenvolvidas

- a) Análise individual de cada carta a fim de identificar e direcionar o trabalho com as palavras que deveriam ser adequadas a ortografia oficial.
- b) Levantamento das principais palavras que estavam em desacordo com a ortografia oficial.
- c) Explicação dos usos dos porquês.
- d) Correção coletiva das palavras identificadas no texto dos alunos.
- e) Revisão entre os alunos de suas cartas argumentativas de reclamação a fim de verificar aspectos ligados à: clareza das idéias, adequação do texto a situação comunicativa e ao uso da norma culta.
- f) Revisão final das cartas argumentativas dos alunos.
- g) Reescrita da última versão da carta argumentativa de reclamação levando em consideração todos os aspectos trabalhados nos módulos da seqüência didática tais como: uso de argumentos consistentes, adequação do texto ao gênero e a situação comunicativa e uso da linguagem formal.
- h) Digitação das cartas argumentativas dos alunos.
- i) Confecção da Coletânea de Cartas Argumentativas de Reclamação.

Aula 32

Objetivo: Identificar os principais componentes textuais usados nas cartas argumentativas.

Atividades desenvolvidas

- a) Identificar nas cartas argumentativas a seguir os principais componentes textuais: objeto alvo da reclamação, justificativa da reclamação e sugestão.

CARTA - 1(C-1)



Rondonópolis, 23 de outubro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

Venho por meio desta carta lhe dizer sobre o bairro de onde eu more.

More no Parque Universitário um local onde não se tem muito conforto e segurança, creio eu que um lugar de segurança e conforto e com segurança domiciliar, saneamento básico, iluminação pública, asfalto.

Senhor prefeito, nada disso tem em minha rua, não peço mais policiamento, pois sei que não resolve, se resolvesse não existia tanto crime em outros estados maiores, acho que deveria investir mais na educação e saúde, com educação se tem respeito e sabedoria e com saúde podemos enfrentar o dia-a-dia.

Venho dizer que o país está fazendo algo erradíssimo, está prendendo pessoas erradas, os corruptos estão soltos!

Eles devem cumprir pena igual aos outros, eles não são diferente de ninguém.

Agradeço a sua atenção.

CARTA-2(C-2)

Seg.	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
------	-----	-----	-----	-----	-----	-----

V	V
---	---

Pondolópolis, 28 de outubro de 2014

Prezado prefeito Rencival Nunes

Vendo por mais desta carta, falar sobre algumas reclamações feitas pela comunidade de meu bairro, uma delas é a falta de lâmpada nas ruas que tem contribuído para que grandes acidentes aconteça. Um exemplo disso é perto do Sema na via principal onde fazem curvas a noite são furtados.

Outro ponto é o policiamento do nosso bairro, que é precário, pois quando ocorre um acidente, sempre são os últimos a chegar.

O que está um caos também é a saúde, pois é pouca vaga para muita gente, se seja, um posto de saúde para atender três bairros. Além falar que nem sempre tem médicos.

A falta de creche é outro problema enfrentado por muitos pais, pois muitas crianças não tem onde ficar para que seus pais possam trabalhar.

Outro problema enfrentado por essa comunidade é a falta de rede de esgoto, aqui em nosso bairro, o esgoto corre a céu aberto, o que faz com que o cheiro seja constante. Por estes motivos, venho prefeito, solicito por mais desta carta, mais atenção ao bairro Parque Universitário para que nós moradores possamos ter mais segurança e uma saúde de melhor qualidade.

CARTA -3(C-3)



Rondonópolis, 17 de Novembro de 2014

Prezado Prefeito Rexival Muniz

Um dos motivos pelos quais escrevo esta carta, deveria alguns problemas que tem afetado nosso bairro como a falta de asfalto, a falta de rede de esgoto.

A falta de asfalto é uma preocupação para a população, pois buracos tornam conta de toda a via dificultando a passagem de automóveis e de mesmo de pedestre e questões de segurança.

Rede de esgoto é mais um dos muitos problemas que meu bairro sofre, redes de esgoto a céu aberto pode

causar doenças até mesmo graves, assim os postos de saúde não têm capacidade de atender a toda a população a falta de médicos também é um problema, por que um posto de saúde não tem médicos?

Por meio desta carta apelo ao senhor mediante de políticas públicas visando essas questões

Seu mais agradecido
desde já

CARTA -4(C-4)

Rondonópolis, 28 /10/2014



Prezada prefeito Percival Munis
Saudações!

Tento em lhe informar que a vossa cidade onde muitos trabalhadores exercem uma profissão digna está em estado de calamidade, porque muitos bairros onde esses trabalhadores moram estão em decadência.

Por falta de recursos essenciais para o bem estar da população. A falta desses recursos está trazendo para os moradores muitas preocupações.

Principalmente a falta de redes de esgoto, porém essa não é a única preocupação, a outras essenciais assim como a falta de iluminação pública e também a falta de creches para aqueles que trabalham e não tem tempo para cuidar de seus filhos.

Muito obrigado por ter tido paciência para escutar as minhas apelações.

CARTA-5 (C-5)

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

17/11/14

Pondopolis, 17 de Novembro de 2014

Prezado prefeito Percival Muniz,

Saudezões

Com omeio a esta carta venho solicitar que o senhor coloque posto de policia no bairro Pedra 90 pois o mesmo esta sem seguranga total pois de noite tem muitas fuçoes na frente da casa de familiares, idosos.

Isso não é de agora é de muito tempo pois os memes depois que fumam e o espirito da intorpiencia quisisse vem eles ficam querendo mais e ai é a hora que eles entram para roubar, assaltar pessoas na rua, matam pessoas que não tem nada haver com a situação deles, pois isto é perigoso para os familiares.

Eu peço as pessoas pedemati ligar para a policia mas até a policia chegar já é tarde e não adianta mais.

Espero que esse problema se resolva pois os moradores já vem sofrendo e correndo risco com esse problema os moradores já num aguentam mais viverem com esse risco de risco.

Desde já agradeço a sua atenção

Aula 33

Objetivo: Comparar a produção inicial com a produção final a fim de observar a apropriação das características do gênero carta argumentativa de reclamação.

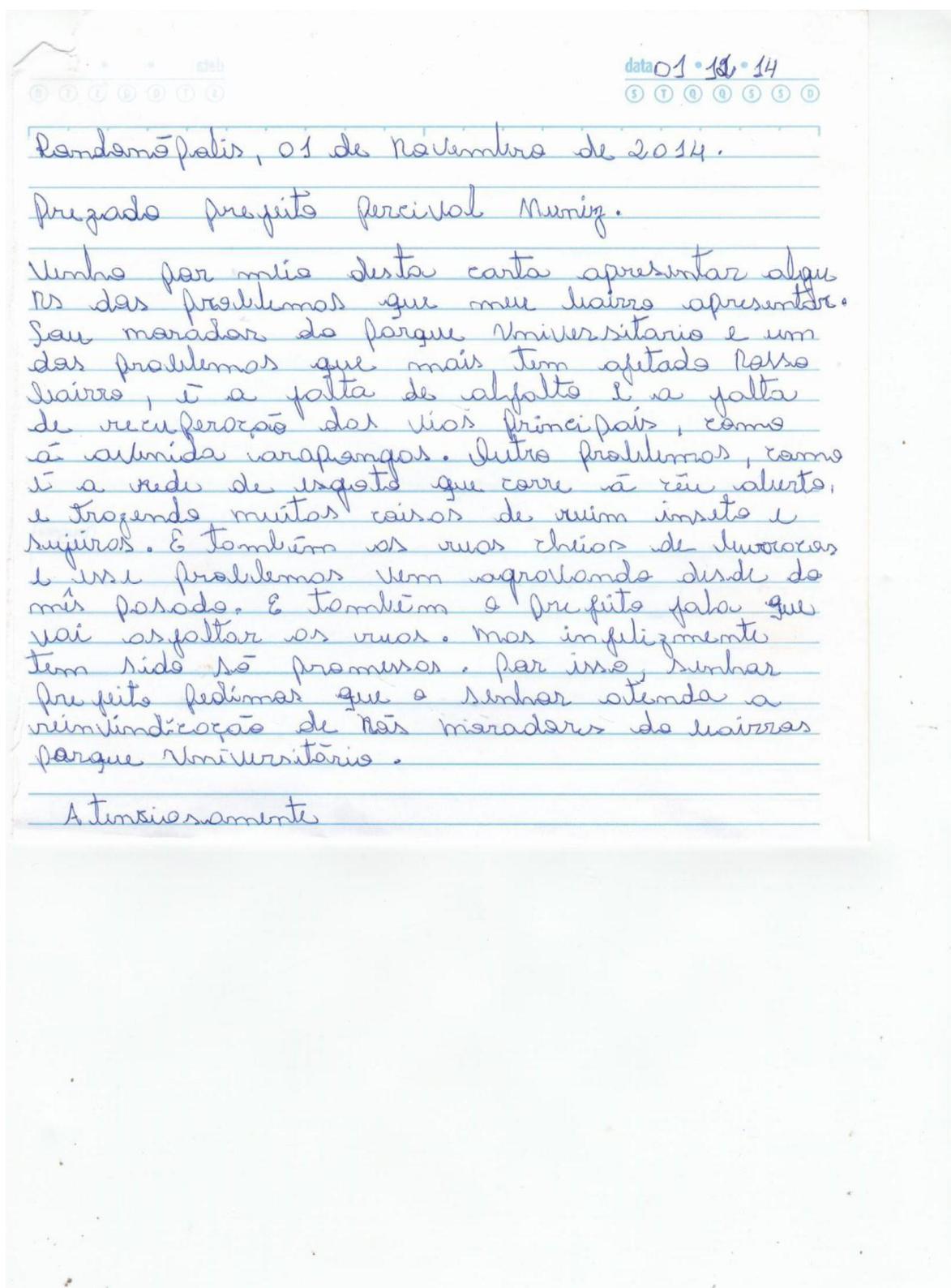
Atividade desenvolvidas

- a) Análise comparativa entre a produção inicial e a produção final de uma carta argumentativa de reclamação de um aluno.

PRODUÇÃO INICIAL



PRODUÇÃO FINAL



**APÊNDICE B - COLETÂNEA DE CARTAS
ARGUMENTATIVAS DE RECLAMAÇÃO**

Andressa Santos
Bruna Silva de Lima
Crislaine Tarelho Lourder
Ederson Espirito Santo da Silva
Gabriela Tereza
Guanáí Santos Oliveira
Gustavo Inácio
Janaina Beatriz Mariano
José Augusto
Karla Micaely dos Reis Coimbra
Kerolayne Sales
Lucas Santos
Priscila
Tayron Henrique da S. Gomes
Tiago Oliveira de Souza
Valter Guimel Moraes da Silva Amaral
Wilson Pereira dos Santos Junior

COLETÂNEA DE CARTAS
ARGUMENTATIVAS
DE RECLAMAÇÃO

Rondonópolis - MT
2014

APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA DE TEXTOS

Os textos que compõem esta coletânea foram escritos por estudantes do ensino fundamental, especificamente pela turma do 9º ano B, da Escola Estadual Amélia de Oliveira, localizada no município de Rondonópolis.

Esses textos nasceram de um projeto de intervenção pedagógica desenvolvido pela professora Vânia Lúcia Pereira da Silva, no ano de 2014, por um período de 3 meses, cujo objetivo foi o de propiciar aos alunos situações reais de uso da escrita por meio de uma carta argumentativa de reclamação.

Entre os gêneros que permitem que o cidadão se manifeste em relação aos problemas sociais está a carta de reclamação, ao lado da carta-aberta, do manifesto e o abaixo-assinado. Esses textos possuem como característica fundamental a persuasão, dada a intenção de o emissor convencer o interlocutor a tomar uma atitude no sentido de solucionar um determinado problema.

Tendo em vista que a carta de reclamação é um texto que interage com as necessidades coletivas ou individuais das pessoas, os alunos puderam, por meio desses textos, manifestar seus descontentamentos em relação aos problemas sociais que acometem os bairros onde residem.

Sinta-se assim, leitor, convidado a conhecer as cartas que compõem esta coletânea. Por meio da leitura destas cartas, você terá a oportunidade de conhecer os principais problemas sociais que acometem a vida de muitos brasileiros que vivem em grandes centros urbanos.
Boa Leitura!

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

Saudações!

Sinto em informá-lo que a vossa cidade onde muitos trabalhadores exercem uma profissão digna está em estado de calamidade, isso se deve porque muitos bairros onde esses trabalhadores moram estão em decadência por falta de recursos essenciais para o bem estar da população.

A falta desses recursos está trazendo para os moradores muitas preocupações. Principalmente a falta de rede de esgoto, porém essa não é a única preocupação, a outras essenciais como a falta de iluminação pública e também a falta de creches para aqueles que trabalham e não tem tempo para cuidar de seus filhos.

Muito obrigado por ter tido paciência para escutar as minhas apelações.

Valter Guimel Moraes da Silva Amaral

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz

Por meio de reuniões de bairros podemos discutir sobre o que está faltando em termo de infraestrutura. Em meu bairro, falta posto de saúde e falta segurança. Observei que não é em todo bairro que há posto de saúde, e quando existe ocorre uma demora em ser atendido porque a fila é muito grande.

Portanto senhor prefeito espero que por meio desta carta, o senhor olhe para a situação dos moradores do bairro Parque Universitário e melhore a saúde e a segurança de nosso bairro.

Atenciosamente

Tayron Henrique da S. Gomes

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado Secretário de infraestrutura Melquiades Neto

Um dos problemas é a falta de um posto de saúde para atender à população. O outro problema é a falta de asfalto. Sabemos que o asfalto é muito importante, pois além de ser sinônimo de progresso, ele diminui o risco de doenças decorrentes da poeira.

E cada vez mais têm pessoas doentes por que não se contratam médicos experientes para atender a população. E os problemas do asfalto, e os noiados e ladrões, sem falar que é preciso fazer mais asfalto e contratar mais médicos.

Atenciosamente

Lucas Santos

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz

O motivo pelo qual escrevo esta carta é para apresentar alguns dos problemas que vêm ocorrendo em meu bairro.

Um deles é que não tem nenhuma creche e nem posto de saúde para atender a população. O senhor sabe que muitas famílias não têm condições de pagar uma babá para ficar com seus filhos. Outro problema é que existe apenas um posto de saúde que termina não dando conta de atender a população. E por conta disso a população fica no prejuízo por falta de médicos e por falta de um posto de saúde comunitário.

Por esses motivos, senhor prefeito, é que pedimos providências.

Atenciosamente

José Augusto

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado Secretário de Infraestrutura Melquiades Neto

Prezado secretário, o motivo pelo qual escrevo esta carta é para relatar os problemas que estamos vivenciando em nosso bairro, problemas como: muita falta de segurança, rede esgoto que corre a céu aberto, trazendo muita sujeira etc.

O que acaba provocando mal cheiro nas ruas e nas casas de quem mora perto. O outro problema é a falta de segurança todo dia tem gente morrendo de tiro, espancado etc. Seriam necessárias pelo menos umas três viaturas em cada bairro para ver se diminuiria essas mortes e assaltos em nossa região.

Desde já agradeço sua atenção.

Wilson Pereira dos Santos Junior

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz

Venho por meio desta carta apresentar alguns dos problemas que meu bairro apresenta. Sou moradora do bairro Parque Universitário e um dos principais problemas que têm afetado nosso bairro é a falta de asfalto e de rede de esgoto.

O senhor sabe que o asfalto é uma necessidade básica da população, pois além de trazer progresso ele evita muita doença decorrente da poeira.

O outro problema é também o excesso de buracos nas ruas e de enxurrada que em época de chuva vira um lamaçal.

O outro problema é a falta de um posto de saúde com médico para atender à população que vaga tanto em escola quanto em creches, por isso precisamos de mais investimentos em nosso bairro. A população está cansada de ser abandonada pelo poder público.

Andressa Santos

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

Um dos motivos pelos quais escrevo esta carta é devido a alguns problemas que vêm afetando nosso bairro como a falta de asfalto e a falta de rede de esgoto.

A falta de asfalto é uma preocupação para a população, pois buracos tomam conta de toda a rua dificultando a passagem de automóveis e até mesmo de pedestre, sendo uma questão de segurança.

Rede de esgoto é mais um dos milhares de problemas que meu bairro sofre redes de esgoto a céu aberto pode causar doenças até mesmo graves, assim os postos de saúde não tem capacidade de atender a toda a população, a falta de médicos também é um problema, para que um posto de saúde se não tem médico?

Por meio desta carta apelo ao senhor medidas de políticas públicas visando essa questão.
Sem mais agradeço desde já.

Janaina Beatriz Mariano

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

O motivo pelo qual escrevo essa carta é devido a falta de segurança que tem acometido meu bairro, você sai na rua, e não sabe se irá ser assaltado uma, duas, ou mais vezes. Aqui no bairro Parque Universitário, tem uma base da polícia militar, mas infelizmente não faz muitas rondas, por isso peço ao senhor que invista mais na segurança pública de nossa cidade, disponibilizando mais viaturas e mais policiamentos para que assim possamos nos sentir mais seguros.

Atenciosamente

Karla Micaely dos Reis Coimbra

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz

Venho por meio desta carta falar sobre a importância de se ter uma creche no bairro e da falta de asfalto para o nosso bairro, falta de segurança e precisa de mais iluminação, falta de opções de lazer, falta médicos no bairro e falta saneamento básico e infraestrutura pública e muita falta de oportunidade de empregos, falta de campos de futebol, de rede esgoto no bairro e de ter mais policiais nas ruas de dia e

Atenciosamente,

Gabriela Tereza

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

Venho por meio desta carta falar sobre algumas reclamações feitas pela comunidade de meu bairro, uma delas é a falta de lâmpadas nas ruas que tem contribuído para que grandes assaltos aconteçam. Um exemplo disso é perto do Senai na via principal onde jovens que fazem cursos a noite são furtados.

Outro ponto é o policiamento de nosso bairro, que é precário, pois quando ocorre acidente sempre são os últimos a chegar. O que está um caos também é a saúde, pois é pouca vaga para muita gente, ou seja, um posto de saúde para atender três bairros. Sem falar que nem sempre tem médico.

A falta de creche é outro problema enfrentado por muitos pais, pois muitas crianças não têm onde ficarem para que seus pais possam trabalhar.

Outro problema enfrentado por nossa comunidade é a falta de rede de esgoto, aqui em nosso bairro, o esgoto corre a céu aberto, o que faz com que o odor seja constante.

Por estes motivos, senhor prefeito, solicito por meio desta carta, mais atenção ao bairro Parque Universitário para que nós moradores possamos ter mais segurança e uma saúde de melhor qualidade.

Atenciosamente,

Kerolayne Sales

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

Venho por meio desta carta apresentar alguns dos problemas que meu bairro apresenta. Sou morador do bairro Parque Universitário e um dos problemas que mais tem afetado nosso bairro, é a falta de asfalto e a falta de recuperação das vias principais, como a avenida Arapongas. Outro problema é a rede de esgoto que corre a céu aberto, trazendo muitas coisas de ruim como inseto e sujeiras.

Sem falar que as ruas estão cheias de buracos e esse problema vem agravando desde o mês passado. E também o prefeito fala que vai asfaltar as ruas, mas infelizmente tem sido só promessas. Por isso, senhor prefeito pedimos que o senhor atenda a reivindicação de nós moradores do bairro Parque Universitário.

Atenciosamente

Guanaí Santos Oliveira

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz

O motivo pelo qual estou escrevendo essa carta é devido a falta de encanamento de esgoto e de ruas não asfaltadas por causa da demora dos candidatos.

E isso traz muitos prejuízos a nossa população, uma vez que a falta de asfalto nas ruas e a convivência com a poeira prejudica nossa saúde.

Atenciosamente

Ederson Espirito Santo da Silva

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado Secretário de Infraestrutura Melquiades Neto.

Venho por meio desta carta comunicá-lo que nosso bairro Parque Universitário está sem asfalto. E isso está prejudicando muito os moradores, pois nossas casas estão ficando toda empoeirada.

Desde já pedimos que resolva este problema em nosso bairro.

Atenciosamente

Tiago Oliveira de Souza

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

O motivo pelo qual escrevo esta carta é devido a falta de iluminação nas ruas, a falta de creches no bairro e a falta de um posto de saúde para atender a população, entre outros.

Uns dos principais motivos são a falta de segurança nas ruas, a falta de rede de esgoto, a falta de médicos nos postos de saúde, esses problemas só o senhor pode nos ajudar. Sem falar que, na rua de minha casa, quando chove fica a maior enxurrada e vários restos de lixo, o que pode causar doenças para a população e também há vários buracos nas ruas e sem falar na iluminação que traz falta de segurança para a população.

Desde já agradeço sua atenção.

Gustavo Inácio

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Vossa Excelência Percival Muniz

Saudações!

Querido prefeito a nossa comunidade pelo menos a minha do bairro Parque Universitário está sofrendo com a falta de rede de esgoto e asfalto.

Há ruas que está impossível de carros e motos andarem, existem ruas que não podem ser chamadas de rua porque só têm buracos, há casos de algumas ruas os esgotos de casas e de lojas escorrem a céu aberto, na minha rua o problema é que não fizeram o asfalto bem feito.

Portanto senhor prefeito, venho por meio desta carta apelar a vossa Excelência medidas de política pública visando essa questão.

Atenciosamente

Priscila

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz,

Saudações

Em meio a esta carta venho solicitar que o senhor coloque um posto de polícia no bairro Pedra 90, pois o mesmo está sem segurança total, pois de noite há merininos fumando na frente das casas de famílias e de idosos.

E isso não é de agora, é de muito tempo, pois os mesmos depois que fumam e o efeito do entorpecente químico vêm eles ficam querendo mais, é nessa hora que eles entram para roubar, assaltar pessoas na rua, matam pessoas que nada têm haver com a situação deles, e isto acaba sendo perigoso para as famílias. Ou seja, as pessoas podem até ligar para a polícia, mas até a polícia chegar já é tarde e não adianta mais.

Espero que esse problema se resolva, pois os moradores já não aguentam mais viver com essa vida de risco.

Desde já agradeço sua atenção!

Crislaine Tarelho Lourder

Rondonópolis, 02 de dezembro de 2014.

Prezado prefeito Percival Muniz.

Venho por meio desta carta lhe dizer sobre o bairro de onde eu moro. Moro no Parque Universitário um local onde não se tem muito conforto e segurança, creio eu que um lugar de segurança e conforto é com segurança domiciliar, saneamento básico, iluminação pública e asfalto.

Senhor prefeito, nada disso tem em minha rua, não peço mais policiamento, pois sei que não resolve se resolvesse não existia tanto crime em outros estados maiores, acho que deveria investir mais na educação e saúde, com educação se tem respeito e sabedoria e com saúde podemos enfrentar o dia a dia.

Venho dizer que o país está fazendo algo erradíssimo, está prendendo pessoas erradas, os corruptos estão soltos! Eles devem cumprir pena igual aos outros, eles não são diferentes de ninguém.

Agradeço sua atenção,

Bruna Silva de Lima